

Dresa Guerra

O LADO AVESSO DO AMOR



O LADO AVESO DO AMOR

Um Livro de Dresa Guerra

Os direitos autorais dessa história pertencem à autora.

Esta é uma obra de ficção.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução total ou parcial de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios.

Criado no Brasil.

Revisão: Bruno Luiz Silva.

Guerra, Dresa	G9341
O lado avesso do amor / Dresa Guerra — Rio de Janeiro : edição do autor, 2017. 182 p.	
ISBN: 978-85-5700-128-2	
1. Literatura brasileira. I. Título.	

**Dedico este livro a todos que já sofreram por amor...
Não erramos ao amar.
Erramos ao esperarmos ser amados da mesma maneira em troca.
Afinal, “tão contrário a si é o mesmo amor”...**

Prólogo

Por Rebeca Alves de Souza

Dezembro de 2015

Lucas,

Sei que você não vai ler essa carta. Mas sei que, se pudesse, leria. Por isso, escrevo. E também porque não existe outra pessoa com quem eu queira falar nesse momento.

Eu queria te pedir perdão. Não pelas escolhas de agora, mas pelo passado. Eu devia ter lutado por nós. Devia ter te entendido, deixado meus ciúmes e minha imaturidade, e ter investido no nosso amor.

Infelizmente, eu não via as coisas como vejo hoje. Sei que a culpa de ter te perdido e de termos embarcado em relacionamentos errados foi toda minha.

Eu devia ter lutado por você... Talvez se eu fosse menos orgulhosa, nossa história tivesse um outro rumo.

Quero que saiba que eu sempre amei você. Desde o esbarrão até a última linha dessa carta. E vou continuar te amando até a última batida do meu coração. Sempre foi você.

Eu sei que meu amor assusta e algumas pessoas chamam de loucura, mas eu não ligo. Não posso exigir que entendam o que não sou capaz de explicar.

Eu não me arrependo de tudo que eu fiz, só me arrependo de não ter ficado mais com você. E eu daria qualquer coisa por mais um dia com você...

Hoje não tem mais volta. Não há mais um “nós” para a gente. E a dor de ter te perdido, dessa vez definitivamente, me deixa à beira da loucura.

Estou só, mesmo que existam outras pessoas ao meu redor, pois elas são apenas corpos, não me tocam nem me passam nada.

Não existo sem você, pois não há vida sem alma.

Não sei o que me espera, mas não consigo sentir medo. Me julguem como for, tudo que fiz foi em nome do meu amor.

Se eu tivesse mil vidas, todas elas seriam para amar você.

Eu vou te amar até o fim. Nada pode tirar isso de mim.

Nós vamos nos reencontrar em breve.

Até lá, eu espero e encaro o que tiver de encarar. Minha força vem do meu amor.

E eu te amo além da minha vida.

*Para sempre sua Pequena,
Rebeca.*

Capítulo 1

O encontro

Abril de 2005

Rebeca

Tinha acabado de sair da escola. Era sexta-feira e as aulas do turno da manhã tinham acabado. Por estar no terceiro ano, vivia uma maratona louca na preparação para o vestibular. Precisava passar de primeira e para uma faculdade pública. Nunca conseguiria bancar uma faculdade particular. Já era difícil para minha avó bancar essa escola particular, mas a minha bolsa de estudos ajudava muito.

Para fazer hora, resolvi ir com a minha amiga Luana à loja de doces que havia perto da escola. A loja era da família Martins.

Eles não eram ricos, mas estavam perto disso. Eu gostava da senhora Sônia Santos Martins. Ela tratava muito bem a minha avó e sempre me cumprimentava com um sorriso aberto e verdadeiro. Chato era o marido dela, o Pedro Martins. Se achava demais... E o filho, Lucas, não ficava para trás. Lucas estudava em outra cidade, então era raro estar aqui, o que para mim é um alívio. Seria difícil aguentar Pedro e seu clone.

Entramos na loja em um papo animado. Luana, com sua cestinha, fazendo uma verdadeira farra e misturando vários doces, e eu, com minha caixa de Bis na mão e uma lata de Coca-Cola. Apesar de eu ser um ano mais velha que a Lu, ela, com 16, parecia ser a mais velha. Até porque ela é bem alta e um tanto espalhafatosa, e eu sou do tipo mirradinha. E o meu quase nulo interesse por moda me deixava mais apagada. Sei que tenho a minha beleza, apenas não tenho paciência para fazer uso dela diariamente. Até hoje não entendo como duas pessoas tão diferentes podiam se dar tão bem. Terminamos de pagar. Ou melhor, Luana fez questão de pagar. Abri minha latinha. Estávamos saindo da loja quando eu trombei em uma prateleira,

derramando meu refrigerante na minha blusa branca do uniforme da escola. Ouvi uma gargalhada alta.

Quando olhei para ver quem era, bufei ainda mais alto. Era o metidinho do Lucas. Ele estava coberto de sacos de biscoito e balas que eu havia derramado:

— Você deve estar precisando de óculos, não consegue enxergar as coisas direito! Precisa prestar atenção por onde anda!

— E você precisa aprender a entrar nos lugares. Parecia um cavalo sem rumo! Se andasse como gente, não teria me assustado com o barulho das suas patas e nada disso teria acontecido!

— Você é muito abusada! Acho que esse chocolate aí é pouco para melhorar esse péssimo humor. TPM, gatinha?

Respiro fundo. Isso não pode ser real. Esse idiota está pedindo. Eu tento ser uma pessoa melhor, mas as pessoas não deixam. Sem pensar duas vezes, pego o resto do meu refrigerante e jogo em cima do Lucas. Saio correndo e puxo a Luana, enquanto ele fica, na porta da loja, me olhando sem acreditar. Chegamos em frente à escola e Luana começa a falar:

— Garota, você é louca! Tacar o refrigerante no dono da loja e sair correndo como louca? Isso vai dar problema. Você conhece a fama do Lucas.

— Eu não tô nem aí pra esse mimadinho. Ele só teve o que pediu. Agora me ajuda a ajeitar essa blusa... Droga, não sai... Vou ter que ficar só com a blusa de baixo.

— Pelo menos esse Lucas fez algo bom. Só assim para você mostrar um pouco desse corpo. Um calor desses e você com duas blusas... Você é louca! Se pudesse, eu estava era nua assistindo aula.

— Você não tem jeito, Lu. Só fala besteira. Vamos, ou chegaremos atrasadas estando na porta da escola.

Entramos e vamos para a segunda etapa do dia. Participamos de um projeto preparatório na escola. Estudamos de 13 às 17 horas durante a semana, e em horário semi-integral aos finais de semana. É extremamente sacrificante, mas é necessário. Essa é minha única chance se quiser fazer a minha tão sonhada faculdade de Jornalismo, um curso concorrido nas universidades públicas.

Enfim as aulas acabam. Eu recolho minhas coisas, jogo na mochila e saio me arrastando. A última aula foi de Química, o que me deixa exausta, pois sou péssima nessa matéria. Estou distraída, papeando com Luana, quando chego à saída e vejo Lucas do outro lado da calçada.

Droga! Ele veio se vingar. Pior que nem tenho como desviar, é o único caminho. Me despeço da Luana, levanto a cabeça e me preparo para passar por ele. Estou quase conseguindo, mas ele para bem na minha frente:

— Rebeca, quero falar com você.

— Como você sabe meu nome? E eu não tenho nada para falar com você, Lucas.

— Todo mundo se conhece aqui. Quero pedir desculpas pelo meu comportamento. Vim em paz. Até trouxe isso para você.

Ele levanta uma sacola com Coca-Cola, Bis e Doritos. Tem algo errado. Lucas Santos Martins pedindo desculpas e sendo legal?

— Entrou Coca no seu cérebro?

Ele começa a rir. E eu reparo que a risada dele é gostosa de ouvir. Não me seguro e começo a rir junto. Então ele simplesmente puxa a minha mochila e sai andando. Quando vê que não o sigo, para e diz:

— Ei, vai ficar aí parada? Vamos, vou te levar para sua casa.

— Sei ir sozinha. Não preciso de você.

— Não estou pedindo permissão. Vou te acompanhar e pronto, goste você ou não.

Cruzo os braços e bato os pés, em um claro sinal de impaciência. Por fim, me dou por vencida e sigo Lucas de má vontade. Passo por ele, puxo o saco de besteiras da sua mão e tento andar na frente. Rapidamente, ele me alcança, me joga um sorriso imbecil e diz:

— Eu sempre consigo o que quero, pequena. Não vai ser diferente com você.

Lanço um olhar mortal para ele. Lucas é um cara de 20 anos, mimado, que acha que o mundo gira em torno dele. Mas comigo não vai ser assim. Fecho ainda mais a cara e respondo bem calmamente:

— E quem disse que você conseguiu alguma coisa? Meu jogo, minhas regras.

Ele apenas sorri. Seguimos calados até minha casa. Ele me deixa no portão, devolve minha mochila. Aproveita meu momento de distração e me dá um beijo na bochecha, murmura um “tchau, pequena” e sai correndo.

Fico irritada, mas passa. Lucas era um chato, mas não dava para ficar com raiva dele.

Eu não sabia, mas esse encontro faria minha vida mudar para sempre...

Janeiro de 2015

E mais uma vez eu estou divagando, perdida entre minhas lembranças.

Às vezes me pergunto: se eu tivesse feito o que queria e ignorado o Lucas completamente nesse dia, mudaria algo?

Sorrio com a minha suposição, fazendo um sinal de negação com a cabeça. Tão absurda essa minha suposição!

Claro que a resposta é não. Não há como controlar o inevitável. O amor não conhece limites ou pressupostos para existir. Ele acontece e ponto. E quando acontece, é impossível saber no que vai dar.

Capítulo 2

Quando o futuro te leva para o passado

Janeiro de 2015

Estou sentada em minha sala, olhando para o nada já há quase meia hora. Ainda não consigo acreditar nas palavras do meu chefe. Voltar. Ele vai me fazer voltar definitivamente para a cidade que visito esporadicamente. Aquele lugar que arrancou e quebrou meu coração. Vou voltar para casa.

Vou ter de ver e conviver com o Lucas. E com a esposa dele. E com a vida perfeita dele. Bufo exasperada. Eu não superei, apenas finjo ter superado. Deixo minha mente viajar até aquela noite que me destruiu e mudou toda minha vida:

Um sábado à noite, outubro de 2009

Essa semana passou devagar. A faculdade está me matando. A monografia está me enlouquecendo, e o trabalho também. Apesar de amar o meu curso de jornalismo, às vezes sinto que vou pirar.

Lucas esteve distante a semana toda. Talvez seja coisa da minha cabeça, mas senti como se ele me evitasse. Durante a semana, é sempre complicado de nos vermos, principalmente agora que o pai dele está doente e ele assumiu a rede de lojas de doces da família. Ele tem se saído muito bem, e eu tenho um orgulho absurdo do meu namorado. No ano que vem, termino a faculdade, e nossa casa já está quase pronta. Em menos de um ano, poderemos, enfim, nos casar.

Sei que foi difícil chegar até aqui. Temos brigas bobas, dificuldades, mas estamos firmes. Apesar de a família dele não me aceitar por completo, confio em nosso amor. Em breve, viveremos nosso sonho de forma plena.

Arrumo-me ansiosa. Já são quase 19 horas e Lucas deve estar chegando. Não nos vimos nessa semana e, no final de semana passado, tivemos uma briga. Meus ciúmes interferindo novamente... Acabei quebrando o celular novo dele. Às vezes, eu perco a noção do que faço, e só vejo a gravidade depois que passa. Acontece que ele sabe que sou ciumenta, então deveria evitar certas coisas. Não gostei de ver o número da Natasha, a garota com quem ele ficou uma vez que ficamos meses separados, no telefone dele.

Acontece que Natasha é funcionária de uma das lojas. Gerente, então ele precisa ter o contato dela. Claro que isso só entrou na minha cabeça depois de um escândalo no meio da rua e de eu atirar o telefone dele no chão. Arrependi-me na hora e caí no choro, sendo consolada pelo Lucas. Incrível como ele é paciente comigo. Ele aguenta todos os meus surtos e alterações de humor. Ele entende que tudo que faço é porque o amo demais. Mas sei que ele ficou chateado. Por isso, estou ansiosa por hoje. Comprei um perfume para ele como pedido de desculpas.

Pontualmente às 19 horas, Lucas chega a minha casa. Abro o portão e me jogo em seus braços. A saudade é enorme. Lucas é como uma continuidade de mim. Preciso dele para existir completa.

Ele me recebe em seus braços, mas sinto que há algo o incomodando. Talvez ainda esteja chateado pelo celular. Preciso aprender a me controlar, mas o que posso fazer se tudo com ele é intenso demais? Ele entra e fala com minha avó, sempre atencioso e educado, e me convida para dar uma volta.

Vamos até uma pracinha próxima de minha casa, a mesma onde ele se declarou quatro anos atrás. Coincidentemente, sentamos no mesmo banco que ele usou para se declarar. Sorrio com a lembrança, mas sou interrompida pelo chamado de Lucas:

— Rebeca, precisamos conversar.

— Tudo bem, meu amor. Pode falar.

Lucas me olha por alguns longos minutos. Há algo errado, mas não sei o que é. Seu olhar parece frio e distante. Então ele me encara, parece tomar coragem. E me diz de uma só vez:

— Eu não quero mais ficar com você, Rebeca. Nosso namoro termina aqui.

Encaro-o sem entender. Acho que ouvi errado. Isso não pode ser real. Lucas seria incapaz de terminar comigo. Mesmo nas raras vezes em que nos separamos, fui eu quem quis terminar. Ele sempre me disse que, no dia em que terminasse, não haveria volta. Isso não está acontecendo...

— Rebeca, você ouviu o que eu disse?

— Ouvi, Lucas. Mas acho que não entendi. Ouvi você terminar comigo. Mas é claro que não é isso que você quis dizer...

— Foi exatamente isso que eu disse. Eu estou terminando nosso relacionamento.

A voz dele estava calma e segura. Não havia aquele gaguejar de quando ele ficava nervoso, tampouco o medo de estar tomando uma decisão precipitada. Ao contrário, ele parece seguro do que queria. Em uma atitude desesperada, abraço-o e sussurro:

— Mas você me ama! Eu sou a mulher da sua vida. Você não pode me deixar... E nossos planos?

— Não dá mais. Você não muda. A cada briga, você fica pior. Acho que minha família tem razão. Não temos futuro juntos. Você não é boa para mim.

— Você vai usar a sua família para terminar comigo?

Pergunto e encaro aquele cara em minha frente. Esse não é o meu Lucas. Não é o homem a quem me entreguei e dediquei quatro anos da minha vida. Lucas sempre lutou por nós. Ele nunca desistiria de mim. Isso não pode ser real. Uma dor imensa me arrebatava. Vejo o chão rodar. Sinto uma escuridão me cobrir... Enquanto sinto minhas forças indo embora, digo em um quase gemido:

— O que eu vou fazer sem você?

— O que você fazia antes de mim. Você vai viver. Logo vai encontrar alguém que te ame e te faça feliz. Seja feliz, pequena.

Argumentaria algo, mas ele se levantou e me ofereceu a mão, dizendo que tínhamos que conversar com minha avó. Eu só conseguia pensar em uma coisa: eu estava perdendo o amor da minha vida. Era o fim. De tudo...



Uma lágrima escorre solitária devido a minhas lembranças. Sou tirada de meus devaneios com leves batidas a minha porta. Digo que entre, e minha amiga Brenda aparece. Olha-me com aquele ar de reprovação e senta-se bem na minha frente:

— Remoendo o passado de novo, amiga?

— São só lembranças. Nada que me afete.

— Sei, sei... Bem, não vim para falar disso. É verdade que você vai voltar para sua cidade natal?

— Sim, amiga, é verdade.

— E você está pronta para isso?

— Claro, amiga. E não estou sozinha. Estou noiva de Miguel, terei nele todo suporte que preciso.

— E o Lucas?

— O que tem ele?

— Acha que está pronta para encontrar e conviver com ele?

— Lucas é passado. Não me afeta em nada.

— Minta para você, mas não para mim. Você nunca deixou de amar esse homem. Nunca vi um amor assim. Sei que hoje você tem o Miguel, mas tenho muito medo do que isso possa te causar, amiga.

— Lucas é passado. O que eu sentia por ele morreu no dia em que o vi entrar na igreja e se casar com a sonsa da Natasha. Lucas está morto na minha vida. E vai permanecer assim.

— Ok, amiga. Mas se precisar de algo, eu estarei aqui. Quando você viaja?

— Em junho. Obrigada por tudo.

Brenda se despede e volta ao trabalho. Eu destranco a minha gaveta dos segredos e puxo aquela foto que tanto amo: Lucas e eu em uma festa junina beneficente. Eu, de noiva, ele, de blusão caipira. Estou apoiada em seu ombro, sorrimos amplamente. “Eu nunca deixei de te amar”, eu penso. “Mas você me destruiu por dentro, e eu nunca vou poder perdoar isso”, completo.

Guardo a foto e me preparo para ir almoçar, pensando em como eu tenho sorte. Passei a vida fugindo do meu passado. Até que meu futuro me joga diretamente nele.

Eu amava Lucas desde os meus dezessete anos. Mas ele se casara com Natasha, e eu estava noiva de Miguel. Agora eu teria de conviver com o casal feliz e manter o meu relacionamento perfeito. Deus, como eu poderia sair inteira disso?

Capítulo 3

Recebi um anjo em minha vida

Janeiro de 2015

A semana foi tão corrida, que nem tive tempo de me desesperar com a minha nova realidade. Já era sexta-feira, e faltava apenas uma hora para o expediente terminar. Eu já tinha finalizado o meu texto para a edição de domingo quando recebi uma mensagem de Miguel, meu noivo:

“Linda, te pego às 21 horas, ok? Vamos jantar no seu restaurante favorito. Te amo. Saindo do Fórum. Saudades”.

Eu suspiro. Miguel é o sonho de consumo de qualquer garota. Mas foi a mim que ele escolheu. Respondo:

“Perfeito, amor! Até mais tarde. Também te amo”.

Não é mentira, mas também não é 100% verdade. Eu amava o Miguel, mas não era algo arrebatador, intenso. Era um amor tranquilo. Miguel me remontou. Ele me colou quando eu mais precisei. Era o meu anjo. Ele me amava, eu precisava dele. Essa era a base da nossa relação.

Depois da mensagem dele, eu não consegui mais me concentrar, então resolvi relaxar. As memórias de como ele entrou em minha vida surgem, e eu sorrio com esses momentos felizes.

Assim que eu cheguei a São Paulo para fazer minha especialização na Unicamp, Brenda, que dividia o apartamento comigo, me disse que estavam precisando de uma recepcionista no escritório onde ela trabalhava. Ela conseguiu a entrevista e, em menos de uma semana, eu já tinha um emprego.

Era o escritório de advocacia Carvalho Duran. O dono era o pai de Miguel, o senhor César Carvalho Duran, advogado conhecido, temido e respeitado. Miguel era seu único filho. Eles eram amigos inseparáveis. A mãe de Miguel faleceu de infarto quando ele tinha apenas doze anos. Seu pai nunca mais se casou, apesar dos vários casinhos.

Eu era secretária do Miguel, e ele sempre foi gentil, educado e

respeitador. Foi questão de tempo até me encantar por ele. Viramos bons amigos, saímos juntos algumas vezes, mas o profissionalismo e o medo de me machucar de novo sempre falaram mais alto.

Cheguei a Campinas no início de 2010. Só no final de 2011, depois de um episódio deprimente em minha vida, o qual Miguel me ajudou a superar, eu finalmente me rendi a seus encantos. Nosso primeiro beijo aconteceu em meio a um turbilhão de emoções, misturado com lágrimas e chuva. Miguel era um presente na minha vida.

Se hoje tenho uma carreira sólida, devo muito a ele. Mesmo sendo muito influente na sociedade, nunca deixou que isso atrapalhasse minha ascensão. Cresci com minhas próprias pernas, mas Miguel foi a mão que me apoiou.

Ele era um sopro de paz no vendaval de emoções que era a minha vida. Se eu não o tivesse, não teria superado a morte de minha avó há dois anos, tampouco meu eterno coração partido.

Miguel era o sonho de qualquer garota, mas era a minha realidade. Miguel era o cara perfeito.

Havia apenas um defeito: ele não era o Lucas.

Talvez eu tenha escolhido o Miguel pelo fato de eles serem tão opostos. Ele lembrava o Lucas o tempo todo, mesmo quando eu queria esquecer.

Eram inevitáveis as comparações que eu fazia secretamente em meus pensamentos. Odiava fazer isso, mas a minha mente não me respeitava. Comparava cor dos cabelos, personalidade, estilo musical... Se eu pudesse, misturaria os dois e ficaria com o resultado. Acho que isso seria perfeito!

Saí dos meus devaneios, tranquei minha sala e fui para casa. Ainda dividia o apartamento com Brenda, por praticidade e comodismo. Cheguei e ela não estava, provavelmente tinha ido cobrir alguma festa importante. Brenda cobre essas baladas da alta sociedade.

Escolhi um dos meus mais bonitos vestidos vermelhos. Tenho verdadeira obsessão por eles. Minha avó sempre me dizia que uma mulher precisa se sentir bem por fora para ajudar a curar as feridas d'alma. E ela tinha razão.

Em um dos meus momentos de fragilidade no passado, foi um vestido

vermelho que me fez ver o quanto eu estava perdendo. Vesti um e me senti horrível.

Decidi que ia me dedicar a ficar bem até usar outro que me deixasse ótima. Hoje tenho uns cinquenta vestidos vermelhos.

Tomo um banho demorado e relaxante. Me arrumo com capricho, Miguel adora me ver bem maquiada. Tão diferente do Luc... Espanto o pensamento. Olho no relógio, são 20:45. Calço os sapatos e me preparo para descer. Conhecendo meu noivo, ele já deve estar a minha espera. Fecho a porta e, quando vou guardar a chave, percebo meu telefone vibrar. Pego e olho o visor, é um número do Rio de Janeiro. Estranho, tinha os números de Rodrigo e Luana salvos... Caminho para as escadas. São apenas três andares, e odeio pegar elevador. Quando o telefone toca pela segunda vez, resolvo atender. Estou no primeiro lance de escadas:

— Alô?

— Pequena, é você?

— Lucas? É você falando?

— Sim, Rebeca, sou eu. Me escuta...

Não escuto nem vejo mais nada. Há quase três anos não ouço essa voz e, ainda assim, reconheceria em qualquer lugar. Tudo começa a rodar e ficar preto. Sinto o impacto do chão no meu rosto e então apago.

Capítulo 4

Caindo na real – literalmente

Janeiro de 2015

Abro os olhos. Teto branco. Cheiro de éter. Soro pingando. Estou em um hospital. Não tenho a menor ideia de como cheguei aqui. Minha cabeça dói e, ao tocá-la, sinto um galo que não estava ali antes. Começo a me forçar a lembrar o que aconteceu, quando Miguel abre a porta. Ao me ver acordada, sorri daquele jeito encantador. O nome do arcanjo não é em vão...

— Ei, Rebeca, está melhor?

— Sim. Minha cabeça ainda dói. Estou um pouco confusa... Como vim parar aqui?

— Parece que a pancada te deixou ainda mais maluquinha! Você estava tão ansiosa para me ver, que rolou as escadas em vez de descer. Precisa aprender a controlar essa saudade... — E ele começa a rir para quebrar o momento ruim.

Então eu começo a me lembrar. O celular... A ligação... Era o Lucas!

— Miguel, cadê meu celular?

— Mas você não toma jeito. Já quer trabalhar? Aqui, olhe rápido enquanto vou buscar algo decente para você comer. Quando eu voltar, nada de celular.

Ele sai, e eu fico olhando o aparelho em minha mão. Clico até “Chamadas recebidas” e lá está um número do Rio de Janeiro. Então o Lucas realmente me ligou... Sem pensar direito no que estava fazendo, aperto o botão para retornar a chamada. No sétimo toque, Lucas atende:

— Alô?

— Lucas?

— Rebeca? O que aconteceu? Escutei um barulho e a ligação ficou muda...

— Eu escorreguei e caí. Nada demais. Eu quero saber o motivo de você

ter me ligado do nada depois de anos de silêncio. Aliás, depois de quase quatro anos, desde o seu maldito casamento! — Sem perceber, já estou aos berros e com os olhos cheios de lágrimas. Com esse telefonema, ele reabriu várias feridas e despertou sentimentos adormecidos. Ele fica em silêncio por algum tempo, até que suspira e diz:

— Eu sei que tenho muito a dizer. E que não é justo eu te ligar assim. Não posso falar por telefone. É verdade que você vai voltar para casa?

— Voltar para casa? Aí não é mais a minha casa! Qual é o seu problema?

— Você vai voltar ou não?

— Vou, Lucas. Em breve, estarei em Madureira de novo.

— Nós precisamos...

Então eu ouço uma voz feminina chamando por ele. Natasha! Sempre ela...

Claro, ela é a esposa dele!

— Precisamos o quê, Lucas? Sua esposa está te chamando. Não vai atender?

— Me desculpe, Rebeca. Tenho que ir. Mas conversamos pessoalmente quando você voltar. Quando você vem?

— Estarei de volta em junho, Lucas.

No instante em que termino a frase, levanto os olhos e vejo Miguel parado na porta. Me distraí tanto com Lucas, que não percebi quando ele voltou. Pela cara que ele faz, ele ouviu pelo menos o final.

Ainda encarando Miguel, desligo o telefone sem me despedir do Lucas. Com toda a calma que sou capaz de reunir, pergunto a ele:

— Há quanto tempo você está aí?

— Tempo suficiente para ouvir você conversar com Lucas, seu ex-namorado. A propósito, eu nem sabia que você tinha o número dele. E foi o bastante também para ouvir você dizer que estará de volta em junho. O que eu perdi, Rebeca?

Miguel caminha até minha cama. Sua voz serena e sua expressão firme não deixam transparecer a raiva que o está queimando por dentro. Depois de tanto tempo, eu sei ler os olhos dele. Mais do que raiva, há decepção. Eu fiz

de novo. Eu magoei a única pessoa que não poderia magoar.

— Miguel, eu...

— Só a verdade, Rebeca. Você vai voltar para o Rio?

— Sim, mas eu...

— Quando?

— Em junho.

— E como o Lucas sabe disso e eu não sei? Aliás, desde quando vocês se falam? Vocês são amigos agora?

— Eu não sei como ele sabe! Não, não nos falamos há anos, desde aquele dia... Miguel, me escuta, não é o que parece!

— Pois parece que você está marcando de rever o cara que há quase quatro anos se casou com outra, te expulsou da vida dele e te tratou como nada. Escuta bem, Rebeca, pense bem no que você está fazendo. Se ele te quebrar, eu não vou estar aqui para te curar. Não dessa vez! E não vou permitir que você me quebre! Nem sei do que sou capaz!

Ele acaba de falar e sai batendo a porta. Me deixa sozinha com minhas dores e pensamentos... Não faço ideia do que o Lucas queria, mas ele conseguiu bagunçar a minha vida em menos de cinco minutos. E o Miguel nem me deixou explicar. Droga! Eu não posso perder o Miguel. Ele me mantém inteira. Desde o nosso primeiro beijo... Então as lembranças daquele dia vêm a minha mente...

Setembro de 2011

Estou parada em frente ao espelho do meu antigo quarto na casa da minha avó, em Madureira. Pela última vez, ajeito o vestido vermelho claro de alças. Fino e discreto. Deixo meus cabelos soltos e faço uma maquiagem leve, afinal, ainda é dia. Olho para o convite de casamento em cima da cama: Cerimônia às 18 horas, na Capela São Sebastião, Igreja do bairro. São 17:15, é hora de ir. Passo pela minha avó, que diz:

— Tem certeza disso, minha neta?

— Sim, vó. Eu preciso ver.

— Para sofrer mais, filha?

— Para pôr um fim nisso.
— Tudo bem. Quer uma carona?
— Não, o táxi já está aqui. Vá com suas amigas. E por favor, deixe-me sozinha.

Saio sem ouvir a resposta. Chego à Igreja, faltam cinco minutos para a cerimônia. Sento nos fundos e observo tudo. Um casamento em setembro com a Igreja decorada com flores do campo. É, Lucas, definitivamente você não me esqueceu, porque fez tudo como sempre planejamos. Exceto por um detalhe: eu não era a noiva!

De repente, me sinto sufocar. Preciso sair desse lugar antes que eu perca o controle. Meu corpo não responde. Estou suando frio, meu corpo não se mexe... Sinto meus olhos queimarem por conta das lágrimas. Quando finalmente consigo levantar, tudo fica em silêncio e as pessoas ficam de pé.

Começa a tocar “I have the love”, do Simply Red. Essa é uma das músicas favoritas do Lucas. Ele está entrando... Meu peito dói tanto, que acho que vou ter um treco. Mas eu não desmaio. Pelo contrário, assisto tudo de pé, tirando forças não sei de onde.

Quando os padrinhos passam, Rodrigo me lança um olhar de compaixão. Ele é o melhor amigo de Lucas. Apesar de sempre me ajudar, é claro que seria padrinho. Tudo fica novamente em silêncio e começa a tocar “Because you loved me”, Celine Dion. É então que eu a vejo... Natasha! O problema da minha vida, a mulher que atrapalhou meus planos. Essa sem sal não fica bem nem de noiva! Ela me avista em meu canto e me dá um sorriso irônico e debochado. Minha vontade é de pular nela, rasgar todo aquele vestido e reformular a cara dela... Mas me controlo. Eu não posso perder a razão agora.

Todo o resto passa como um borrão, e eu nem sei como cheguei à festa. Rodrigo está falando algo comigo, mas eu não entendo bem. Só ouço quando anunciam que é hora de lançar o buquê. Meu corpo involuntariamente caminha até lá. Chego quando Natasha lança o buquê, que, inexplicavelmente, cai em minhas mãos. Um silêncio domina o ambiente. Sinto todos me olhando.

Olho para o delicado buquê de flores do campo em minhas mãos.

Levanto a cabeça e vejo Lucas e Natasha lado a lado, olham-me com cara de espanto. Um riso irônico brota em meus lábios.

Uma corrente de sentimentos passa por mim. E então eu explodo. Destruo o buquê na frente de todos. Jogo os restos no chão, dou um tchauzinho para o novo casal e saio de cabeça erguida. Pego o primeiro táxi e peço para que o taxista me deixe na Cinelândia, em um famoso bar que existe por lá.

Já é madrugada, começa a chover. Eu estou muito bêbada. Sentada no chão, converso com um hippie quando meu celular toca. É Miguel. Não entendo bem o que ele diz, mas sei que digo o lugar onde estou. Meia hora depois, Miguel chega ao bar. De início, acho que é o efeito da minha bebedeira, mas ele se aproxima e sinto seu perfume inconfundível. Me jogo em seus braços, chorando sob a densa chuva. Eu tento falar algo, mas ele não deixa. Levanta meu rosto, me faz olhar em seus olhos e diz:

— Eu estou aqui. Com você e por você — E me beija.



Quando percebo, estou em prantos em meu quarto de hospital. A enfermeira está aplicando algo no meu soro, e acredito que é calmante, pois meus olhos começam a ficar pesados. Antes de cair em sono profundo, tenho apenas um pensamento...

Capítulo 5

O indesejado bate à porta

Janeiro de 2015

— Me perdoa, Miguel...

Acordei com a última frase da noite anterior ainda na minha cabeça. Eu precisava acertar as coisas com Miguel. Agora que tudo ia bem, não poderia deixar que meu passado atrapalhasse tudo. O médico veio logo depois que acordei e me deu alta, informando que Brenda estava me esperando para sair. Logo ela vem até o quarto, e já chega reclamando:

— Garota, como você dá um mole desses? Miguel tá muito revoltado! Olha, falar com o ex na frente dele foi uma péssima ideia.

— Não foi assim, Brenda!

— Depois você me explica, vamos para casa. Você precisa relaxar.

— Cadê ele?

— Ele pediu que eu viesse. Não queria mais brigar e queria que você ficasse bem. Disse que te liga mais tarde.

— Miguel sempre pensando no meu bem-estar... Preciso acertar tudo com ele.

— Depois pensamos nisso. Primeiro, vamos embora desse hospital.

Chegamos em casa e o final de semana passou voando. Infelizmente, não pude ver Miguel. No sábado à tarde, ele me ligou, dizendo que teria de ir para a sede em São Paulo, pois havia surgido um problema por lá. Mesmo Miguel assumindo o escritório em Campinas, seu pai sempre o enviava para resolver os maiores problemas. Pelo que entendi, seria necessário que ele ficasse lá por uma semana inteira.

Ótimo... Desse jeito, eu não conseguiria me ajustar com ele.

Na segunda-feira, fui trabalhar normalmente, até que Luana, minha melhor amiga que ainda morava no Rio, me ligou:

— Fala, Lu!

— Beca! — Odiava esse apelido...

— Como você está? Você me abandonou aqui.

— Deixa de drama, Luana! Sabe que sempre apareço quando posso e no seu aniversário. Você que de vez em nunca vem a São Paulo...

— Eu sei, amiga, mas não podia perder essa oportunidade. Estou te ligando para falar da sua casa aqui. Você precisa vir assinar uns papéis. É algo importante, mas não lembro bem o que é.

— Ai, Lu, só você, amiga! Quando tenho de ir?

— Ah, amiga, sabe que essas coisas não são comigo... Marquei com o advogado amanhã às 14 horas.

— Amanhã, Luana? Você é louca?

— Se eu não faço isso, você enrola para vir.

— Meu Deus, Luana! Eu tenho uma vida, eu trabalho. Não posso largar tudo a qualquer hora!

— Ai, Beca! Faz séculos que você não tira férias. Por favor, tira uns dias e vem... Por favor! E os papéis parecem importantes e urgentes.

— Vou ver o que consigo, Luana!

— Te espero amanhã, Rebeca!

E assim eu começava a minha semana. Com essa bomba. Luana sempre foi meio louca, mas dessa vez ela se superou!

Suspirei fundo e fui até a sala do Xavier, meu chefe. Assim que eu entro, ele me diz que já ia mandar me chamar para informar que precisará que eu viaje para o Rio de Janeiro, para verificar como vão as instalações novas para as Olimpíadas e fazer uma matéria na pista de skate do Parque Madureira. Ótimo! Era a semana do Rio!

Passo o resto da tarde de segunda organizando as coisas para essa maldita viagem repentina. Não gosto de ser pega de surpresa, principalmente quando se trata de ir ao Rio de Janeiro. Além disso, não queria viajar sem ajustar minha situação com Miguel.

Deve ser época do meu inferno astral, não é possível!

Tentei falar com Miguel sem sucesso. Me despedi rapidamente de Brenda e corri para casa antes mesmo do final do expediente. Arrumei as

malas em tempo recorde, já que agendei minha passagem para 22 horas.

Passaria quase toda a semana no Rio. Um pouco antes de sair, falei rapidamente com Miguel, que, claro, ficou ainda mais irritado com minha viagem repentina. Preciso resolver logo as coisas com ele antes que isso afunde meu relacionamento de vez...

Chego ao aeroporto em cima da hora. Odeio viajar de avião, mas não tem jeito. O voo transcorre sem problemas e, em menos de uma hora e meia, já desço no Rio. Não avisei a ninguém que viria hoje mesmo. Pego um táxi e vou direto para minha casa em Madureira. Desde que minha avó faleceu, há dois anos, mantenho alguém para limpeza da casa.

Luana e Rodrigo me ajudam a mantê-la em ordem. Chego sem ser notada e já vou direto para o quarto. Quero solucionar tudo o mais rápido possível e resolver minha vida. Tomo um banho e vou dormir, já que o dia será longo amanhã.

Acordo bem cedo e vou para a redação do jornal para verificar o andamento das novas instalações. Devido às Olimpíadas, que serão sediadas no Rio em 2016, a cidade está uma loucura.

O Parque Madureira é uma das atrações turísticas do Rio. Em breve terá uma pista de esqui, e já possui a maior pista de skate da América Latina. Meu chefe quer montar uma cabine no Parque, para que possamos cobrir o evento nos mínimos detalhes. E como sabe que eu sou nascida e criada em Madureira, me escalou para essa nova missão. Ficarei aqui do meio desse ano até o final de 2016. Como estou crescendo na carreira ainda, não tive como recusar.

Resolvi as questões do trabalho e da casa. Agora teria o resto do dia livre. Decidi fazer uma surpresa para Luana e aparecer no salão dela, que é praticamente no final da rua onde moramos. Chego e, como o salão está vazio, me permito fazer um showzinho para implicar com a Luana, que está de costas, conversando:

— Não tem cabeleireira nesse salão, não, é?

— Mas quem é que... Rebeca! Como você não avisa que já chegou? Já resolveu tudo?

— Sim, amiga. E se você estiver com tempo, vim te sequestrar um

pouquinho. Vamos passear?

— Seu desejo é uma ordem, princesa. Afinal, qual é a vantagem de ser a dona se não posso me dar ao luxo de uma folga perto do final do expediente?

Aguardo uns instantes enquanto Luana passa algumas informações para suas assistentes. Logo saímos e vamos ao shopping, curtindo uma tarde muito animada. Já à noite, Rodrigo vem encontrar conosco. Apesar de ele ser o melhor amigo do Lucas, mantemos uma amizade que não se abalou com o fim do meu relacionamento. Rodrigo sempre foi um excelente amigo. E agora que não tenho mais família viva que eu conheça por perto, ele e Luana são a família que tenho aqui no Rio.

Chego em casa um pouco tarde e meio alta por conta da bebida, mas estou feliz. Apesar dos pesares, é bom estar com meus amigos. Apago sem me preocupar com a hora no dia seguinte, já que o trabalho mesmo é só na quinta-feira.

Acordo perto da hora do almoço com uma leve dor de cabeça. Como um lanche leve e resolvo me dar um dia de sofá. Escolho alguns DVDs e, quando me preparo para começar a assistir o primeiro filme, a campainha toca. Sinto uma leve pontada de alegria. Talvez o Miguel possa ter feito uma surpresa, como quando veio me buscar no dia do casamento do Lucas. Ajeito-me para abrir a porta e, quando abro, dou de cara com uma das pessoas que menos suporto na vida: Natasha. Pisco algumas vezes para crer que não é efeito da bebida da noite passada e essa Barbie falsificada não está sorrindo na minha porta. Até que ela diz:

— Oi, Rebeca! Não vai me convidar para entrar?

— Natasha?

— Sim, querida, sou eu. Vamos, eu nem mudei tanto assim. Posso ou não posso entrar? Preciso conversar com você.

Eu pondero: “O que ela pode querer comigo? Sou capaz de suportar uma conversa com ela?”.

Bem, vamos ver.

— Claro, Natasha, pode entrar. Fique à vontade.

Ela entra sorrindo e se senta à mesa da cozinha. Me olha com ternura,

como que me convidasse para sentar com ela. Só respiro fundo, buscando um autocontrole que não sei se tenho.

Sento-me de frente para ela, que não para de sorrir um só momento. Irritante, como sempre. Para me controlar, pergunto:

— Posso te oferecer algo, querida? Água, café, suco?

— Não, obrigada. Pretendo ser rápida e não quero incomodar.

— Imagina se você incomoda alguém, Natasha... — Se não queria incomodar, por que se deu o trabalho de vir aqui? Completo mentalmente.

— Bom, Rebeca. Vou direto ao assunto: É verdade que você está de volta?

— Não que eu lhe deva satisfação, mas não é, ainda.

— Então você pretende mesmo voltar?

— Não pretendo, vou voltar a trabalho. Mas onde você planeja chegar com isso? — Já começo a ficar ainda mais irritada. Não pode estar vindo coisa boa por aí...

— É simples. Não posso impedir que você volte, mas vim te dar um aviso: fique longe do meu marido.

— Você veio me dar um aviso? Sério? E você já avisou para o seu marido ficar longe de mim? O que ele acha desses avisos todos?

— Não seja ridícula, Rebeca! Não preciso falar nada com o Lucas. Ele jamais iria atrás de você. Se ele te quisesse, não tinha te descartado como lixo no dia do aniversário dele e te expulsado da casa dele. E nem teria se casado comigo.

— E se você está tão segura assim com ele, por que resolveu aparecer na minha casa para torrar a minha paciência?

— Todo mundo sabe que você nunca superou o Lucas. Nem o fora que ele te deu, nem ele ter se casado comigo, e nem essa sua obsessão adolescente por ele. Lucas e eu vivemos em paz. E agora, mais do que nunca, precisamos manter essa paz.

— Escuta aqui! Eu não admito que você venha a minha casa me dar ordens! Se você acha que todo mundo é uma vagabunda como você, que passou a vida correndo atrás do Lucas enquanto ele era comprometido, está enganada! Eu não quero a droga do seu marido! Eu tenho o meu noivo e

estou feliz com ele! — Perco o controle e estou aos berros com ela, enquanto bato com a mão na mesa. Ameaço me levantar e juro pela minha avó que, se ela continuar com esse sorrisinho, vou estapear tanto a cara dela, que ela vai sair daqui direto para a cirurgia plástica.

— Ah, Rebeca, descontrolada como sempre... Será que não consegue manter o nível da conversa? Depois não entende a razão pela qual o Lucas te largou... E esse seu noivo? Não o vejo aqui. Será que não está com outra? Será que ele vai te mandar o convite do casamento dele também, para você tentar estragar a festa rasgando o buquê?

Agora essa garota passou dos limites. Levanto e já avanço pra cima dela, dou-lhe um tapa que faz um barulho enorme. Quando ela me olha, vejo a marca dos meus dedos na sua cara. Me preparo para bater mais, quando ela grita:

— Isso, bate mais! Lucas vai adorar saber que a louca da ex espancou a mulher grávida dele!

Minha mão congela no ar com a última frase dela. Meu espanto deve ter ficado visível, pois ela abre outro risinho insuportável:

— Isso mesmo, Rebeca. Seu amado Lucas vai ser pai de um filho meu! Eu vou adorar contar para ele que estou grávida, e que essa marca no meu rosto foi você que fez por inveja, quando me viu com o exame. Afinal, você não pode engravidar, não é mesmo?

Pela primeira vez desde que chegou, ela consegue me abalar. Como ela sabe? Só Lucas, eu e minha avó sabíamos disso. Nem para o Miguel tive coragem de contar. Era uma coisa minha, um segredo nosso... Como o Lucas contou isso para ela?

— Como você sabe que eu não posso engravidar?

— Você realmente acha que existe algum segredo entre meu marido e eu? Acha mesmo que você foi importante para ele? Ele me contou tudo sobre o relacionamento fracassado de vocês, dos seus ciúmes e desse seu problema. Como você pôde acreditar que o Lucas casaria com você? Logo ele, que é louco para ser pai? Você é mesmo muito ingênua! Depois eu sou a boba...

— Você vai calar a sua boca e vai sair da minha casa. Ou eu vou esquecer que está grávida e vou te mandar para o hospital de tanta porrada

que vou te dar. Se você está com o Lucas hoje, foi porque eu desisti dele. Ou você esqueceu com quem ele dormiu no aniversário dele, que era também a despedida de solteiro?

— Se você é fácil, que culpa ele tem? Preciso mesmo lembrar que ele te expulsou quando eu cheguei, dizendo para quem quisesse ouvir que você não significava nada pra ele? Não foi do meu lado que ele ficou?

— E você quer que eu te lembre da surra que eu te dei naquele dia? Posso te fazer reviver a experiência, sem problemas.

— Nunca mais vou me rebaixar ao seu nível, Rebeca. Já dei o meu aviso. Se você não obedecer, esteja disposta a arcar com as consequências.

— Quem te viu e quem te vê, hein, Barbie falsificada? A anjinha perfeita está colocando as garras para fora? Pena que não me assusta.

— Sou capaz de tudo pelo meu amor. O Lucas é meu, e isso você não pode mudar. E mesmo que você conte para alguém, quem acreditaria em você? Você sempre foi a descontrolada, e eu, como você mesma disse, um anjo. Minha imagem sempre foi melhor que a sua.

— Não me importo com imagem. Sei quem eu sou, e o resto que se dane! Aproveite e avise para o seu marido que eu já estou aqui. Assim, ele não precisa comprar um chip de telefone escondido para me ligar.

Caminho até a porta enquanto falo, e, quando me viro, Natasha me encara com fúria. Aposto que não sabia da ligação do Lucas. Passa por mim como um furacão, e eu bato a porta em seguida. Me jogo no sofá, tentando entender o que aconteceu aqui. Me sinto sufocar com tantas emoções e lembranças. Preciso dar uma volta antes que eu pire. Pego algum dinheiro, documentos, chaves de casa. Coloco os fones, seleciono uma playlist qualquer e vou caminhar. Quando vejo, estou perto da pracinha onde costumava ir com Lucas. Sento onde costumava ser o nosso lugar. A praça está deserta, fim de tarde, meio de semana... Relaxo no banco e fecho os olhos. Ouço a música, e então as lembranças surgem...

Junho de 2011

Acordo com um peso em cima de mim. Viro e vejo Lucas dormindo ao meu lado, me abraçando. Sorrio ao lembrar que ontem ele pediu que eu não

fosse embora e passasse o resto da noite do aniversário dele com ele. Acho que ele entendeu que o que sente por mim é maior, e vai desistir desse casamento idiota com a fresca da Natasha.

Saio da cama sem mexer com ele, resolvo ir até a cozinha preparar um café para nós dois. Visto minha calcinha e a blusa dele. Levo quase meia hora tentando arrumar um café especial. Espero que ele ainda esteja dormindo. Essa cozinha nos fundos não me deixa ver nada direito. Ainda bem que ele mora sozinho, ninguém merece ter de dar de cara com o pai dele logo de manhã.

Arrumo tudo na bandeja e, quando chego ao quarto, deixo tudo cair. A idiota da Natasha está sentada com Lucas na cama, conversando. Com o barulho, os dois me olham.

— Então você veio tentar dar a cartada final, sua vagabunda? — Natasha levanta e para na minha frente.

— Não tenho culpa se o seu noivinho não consegue ficar longe de mim, querida.

— Natasha, Rebeca... Vamos nos acalmar — Lucas fala e se levanta na cama.

O que acontece a seguir é muito rápido. Natasha vem me dar um tapa, mas eu seguro sua mão e a derrubo. Então toda raiva que tenho guardada flui e eu bato nela incansavelmente, até Lucas me tirar de cima dela, que está toda vermelha e ofegante devido à surra que eu dei.

Lucas me empurra, indo socorrer aquela vaca, que desaba a chorar e diz que está com dor e com medo.

— Lucas... — Eu chamo.

Ele vira para mim com muita raiva no olhar e começa a berrar:

— Sai daqui, Rebeca! Quando você vai entender que acabou? Quando vai viver a sua vida e parar de atrapalhar a minha? Você não significa mais nada. Eu vou casar com a Natasha. Eu tenho que casar. E você não tem como impedir isso! Vai embora!

Eu pego minhas coisas e saio sem olhar para trás...



Desperto de minhas lembranças ao sentir que alguém se sentou ao meu lado. Abro os olhos assustada e me viro para o lado para ver quem é.

— Lucas?

— Eu mesmo, Rebeca.

Capítulo 6

Nem desistir, nem tentar

Final de Janeiro de 2015

— Eu tenho de ir — Falo e já começo a me levantar, então Lucas coloca a mão no meu ombro.

— Eu preciso falar com você, Rebeca.

— Falar comigo? Mas é muita cara de pau sua! Me erra, Lucas!

Levanto e quero sair correndo dali. Primeiro, a Natasha. Agora, o Lucas. Que dia era esse? Assim que me levanto e começo a andar, Lucas puxa o meu braço, fazendo-me ir de encontro a ele. No instante em que nossos corpos se encontram, é inexplicável. É como se os anos não tivessem passado, como se ele nunca tivesse me magoado, como se nosso amor nunca tivesse sido interrompido.

Olho nos olhos dele. Vejo que com ele não é diferente. Como uma enxurrada de sentimentos, nosso amor está ali, está de volta. Tudo é tão forte e intenso, que parece ser possível de tocar. Como ímãs, somos puxados um para o outro. E quando nossas bocas se tocam, nada mais interessa. Não importa o passado que tivemos, ou o quanto eu fui quebrada. Não importa todo nosso presente confuso.

Naquele instante, nosso amor ressurgiu.

Seria impossível traduzir todas as sensações e emoções que aquele beijo trouxe à tona. Nunca havia experimentado um beijo assim, nem com o próprio Lucas.

Éramos nós, conectados por algo mais forte do que tudo que nos cercava. Estava tudo perfeito, até o telefone de Lucas tocar. Pela música da Céline Dion, a mesma que tocou no casamento, só podia ser...

— Oi, Natasha — Lucas diz, enquanto se afasta de mim.

Essa garota nunca vai parar de me atrapalhar? Incrível como é exatamente assim desde que a conheço. Eu devia ter batido mais nela, talvez

deixado umas cicatrizes bem no meio da cara...

— Rebeca... — Lucas me chama, interrompendo meus pensamentos vingativos.

— Sua esposa te liberou? Será que agora sobra um pouco de atenção para mim?

— Calma, Rebeca. Desculpa, eu não planejei nada disso. Nem o beijo. Eu nem sabia que você estava aqui.

— E como veio parar exatamente onde eu estava?

— Fala sobre o nosso lugar? Eu venho sempre aqui. É um bom lugar para pensar. E eu tenho boas memórias daqui.

Encaro Lucas sem entender. Como ele pode falar essas coisas, desse jeito, para mim? Ele deve estar tentando me enlouquecer.

— O que você está querendo dizer? Olha, Lucas, não tenho tempo para esses seus joguinhos...

— Não tem jogo, Rebeca. Eu gosto desse lugar. Gosto das lembranças que ele me proporciona. E... Bem, é estranho o que eu vou te dizer, mas eu gosto de você. Sei que é muito complicado te fazer entender, mas, Rebeca, eu nunca quis seu mal, eu...

— Pelo amor de Deus, Lucas! Você vai vir com papo de “sinto muito” a essa altura do campeonato? Já se passaram anos, Lucas. Anos! Não nego que doeu e muito ver você casar com outra e destruir todos os nossos planos. Eu fiquei mal, deprimida, chame do que quiser. Mas passou. E não me peça desculpas por algo de que você não se arrependeu. O passado deve ficar no passado, Lucas.

— Então por que você vai voltar?

— Não entendi.

— Você disse que o passado não volta. Então por que você está voltando? Por que você está trazendo tudo de volta?

— Não há o que trazer de volta. Você fez uma escolha há anos, e isso não tem volta. Você mesmo sempre disse que casamento não tem volta, é até que a morte os separe. Acho isso muito legal. E agora eu vou atrás do meu “felizes para sempre”. Voltar não muda nada, é apenas trabalho. E você, Lucas, é só um capítulo que já passou.

— Fale por você. Sua volta, bem... Enfim, Rebeca, às vezes nem tudo é o que parece. Eu ainda vou poder falar tudo, mas hoje não dá. E eu sei o que você pensa sobre desculpas. Por isso eu pedi. Tenho que ir agora. Se cuida.

Ele levanta, beija minha testa e vai embora. Simples assim. Como se suas palavras não tivessem peso nenhum. Como se estivéssemos falando sobre o tempo, e não sobre o fato de ele ter mudado nossas vidas para sempre. Mais uma vez, eu assisto ao Lucas ir embora sem olhar para trás. Dessa vez, definitivamente, era a última.

Respiro fundo e prendo toda e qualquer lágrima que sequer pensou em cair. Levanto e começo a caminhar para casa. Então pego meu telefone e decido fazer algo que já devia ter sido feito:

— Miguel?

— Rebeca? A que devo a honra de você me ligar?

— Sem ironias, Miguel. Liguei para pedir perdão. Não tenho dúvidas sobre o que quero. Você é tudo que preciso para ser feliz.

— Quem é você e o que fez com a minha noiva? — Ele solta uma risada. Ouvir o Miguel sorrir sempre me fez bem. Ele me faz bem. Miguel é a cura para minha vida.

— Deixa de ser bobo. Eu só quero ficar bem com você.

— Sabe que não consigo ficar longe de você. E essa é a sua sorte. Fique tranquila. Estamos bem. E ficaremos melhor quando você voltar e conversarmos pessoalmente. Nada mudou, não é, Rebeca?

— Nada mudou, Miguel.

— Ok. Se cuida, me avise o dia e o horário em que chega. Boa noite. E Rebeca...

— O que foi?

— Eu estou aqui. Com você e por você. Nunca se esqueça disso.

— Eu não esqueço. Tchau.

— Se cuida.

Assim, mais leve e decidida, sigo meu caminho para casa. Algumas vezes na vida, temos que aprender a amar o que nos faz bem. Miguel me fazia mais que bem. Ele me mantinha inteira.

Chego em casa e já me arrumo para dormir. Quero resolver tudo no

trabalho o quanto antes e agilizar minha volta. Ficar nesse lugar não me faz bem.

No dia seguinte, sou a primeira a chegar à redação. Trabalho exaustivamente durante todo o dia, e fico até depois do horário. Mesmo exausta, parece ter dado certo. Só preciso finalizar pequenas pendências pela manhã e já posso viajar depois do almoço. Ótimo, vou adiantar minha volta em um dia. Um dia a menos nesse inferno já é melhor do que nada.

Envio uma mensagem para Luana, explicando que tenho que adiantar a viagem e que vou embora no dia seguinte. Ela reclama, mas aceita. Também aviso ao Miguel, que responde apenas com um “Ok”, o que me deixa chateada. Mas estou cansada demais para isso.

O tempo passa bem rápido e logo estou no aeroporto. Em aproximadamente uma hora e meia, estarei de volta a minha casa, pois Campinas agora é meu lar. Tentei novamente falar com Miguel, mas ele não atendeu. Achei que tínhamos resolvido tudo, mas, pelo visto, ele ainda está com raiva. Começo a ficar irritada, mas prometo a mim mesma que resolverei isso assim que chegar em casa. Mais uma vez, o voo transcorre tranquilo, tudo flui como o planejado.

Assim que desembarco e termino de fazer toda a parte burocrática, eu o vejo. Lindo, impecável e com um buquê maravilhoso de rosas vermelhas, que são as minhas favoritas desde o casamento do Lucas.

Ele caminha até mim sorrindo. Percebo que não sou a única que olha de maneira encantada para Miguel. Quando ele para na minha frente, percebo os olhares de inveja das outras mulheres. Até me sinto bem por isso. Elas podem sonhar com o Miguel, mas ele é a minha realidade.

— Será que essa moça tão elegante me daria a honra da sua companhia?

— Não sei, não é seguro falar e sair com estranhos.

— Sou Miguel Duran. Agora que me apresentei, não sou mais um estranho. E para mostrar como sou legal, olhe essas flores. São quase tão lindas como você.

Ele diz isso e me puxa para um abraço, me suspendendo no ar e rodopiando. Uma sensação de paz e felicidade me invade. Talvez tudo

continue no lugar. Talvez, dessa vez, eu possa ter o meu “felizes para sempre”. Talvez eu só precise estar com o Miguel para que tudo fique bem.

E assim, em meio a essa calma que me invadiu, saímos como um casal apaixonado. Talvez fôssemos mesmo, e eu só tenha esquecido como podia ser simples.

Foquei no trabalho e em manter as coisas bem com o Miguel. Lucas era passado, e era lá que deveria ficar. Manter esse tipo de pensamento ajudava a deixar tudo em ordem. Foi tanta calma, que nem vi os meses passarem. Quando dei por mim, já era maio.

Faltava um mês para a minha viagem. E eu ainda não me sentia preparada para esta etapa.

Capítulo 7

Apenas diga sim...

Maio de 2015

Já estávamos em maio. O Dia das Mães era complicado para mim e para o Miguel. Eu sempre só tive a minha avó. Meus pais morreram quando eu tinha um ano, em um acidente. Mamãe era filha única da minha avó, que veio da Bahia há muito tempo e não tinha mais contato com a família dela. Ela ficou viúva cedo, e dedicou a vida ao trabalho de costureira e a cuidar de Patrícia, minha mãe. Com a morte trágica dela, minha avó dedicou sua vida a mim.

Meu pai também não tinha família por aqui. Ele era de São Paulo, mas eu não sabia muito sobre a família dele. Sempre fomos vovó e eu. Não sofri a morte dos meus pais, pois não tenho lembranças deles. O que era bom e ruim, visto que eu não tinha referências de quem me trouxe ao mundo. Apesar disso, tive em minha avó todo o amor e carinho que com certeza receberia de meus pais. Por isso, quando complicações devido a uma dengue hemorrágica levaram minha avó em outubro de 2013, eu senti como se tivesse morrido um pedaço meu.

Miguel, como sempre, esteve ao meu lado. O enterro foi simples e triste. E, assim, o Dia das Mães perdeu o sentido para mim. Miguel também já não o comemorava. Sua mãe faleceu quando ele tinha doze anos, e os avós partiram quando ele era mais novo. O Dia das Mães para nós era apenas um dia de saudade e lembranças, no qual somente ficaríamos juntos.

Era semana do Dia das Mães. O que significava que eu estava a apenas um mês de viajar. Isso andava alterando meu humor. Brenda não parava de falar o quanto a viagem poderia me prejudicar. Como se eu não soubesse... Mas o que eu poderia fazer?

Lucas nunca mais deu sinal de vida. Acompanhava o *Facebook* dele por meio do perfil social falso que mantenho há anos. Natasha nem parece

estar grávida, quase não tem barriga, e Lucas não fez o estardalhaço que achei que ele faria. Tem sido difícil manter o controle, mas tenho conseguido. Aquele encontro com Lucas bagunçou muita coisa, e estava sendo trabalhoso me curar e fingir que tudo estava bem. Na maior parte do tempo, eu conseguia, mas quando eu estava sozinha, era difícil exorcizar meus fantasmas.

E nessa gangorra de sentimentos, cheguei ao domingo de Dia das Mães. Tudo o que eu queria era ficar em casa, jogada no sofá, me entupindo de porcarias. Essa semana foi difícil, lotada de trabalho. Miguel estava enfurnado no escritório, e a nostalgia que essa data geralmente traz, fez aflorar esses sentimentos de maneira ainda mais forte... Mas Miguel insistiu em um passeio à tarde. Pelo menos, ele não inventou um almoço em algum restaurante lotado. Agora estou aqui com um humor tão doce quanto limão, um vestido vermelho leve e rodado, sandálias rasteiras. Estou sentada em um sofá, Brenda está jogada no outro. Ela comia pipoca, enquanto eu esperava meu querido noivo.

Pontualmente quinze minutos antes do horário combinado, como sempre faz, Miguel me manda uma mensagem, na qual avisa que já está a minha espera. Me despeço de Brenda e desço ao encontro dele. Assim que passo da portaria, vejo Miguel encostado no carro de maneira tranquila. Ele me vê e abre um sorriso tão verdadeiro, que é impossível não retribuir. Assim que me aproximo, ele me abraça. Isso é tão reconfortante, que sinto que poderia morar aqui. Ele interrompe o abraço e diz:

— E aí, rabugenta! Pronta para ter um pouco de diversão, ou corro risco de você passar mal?

— Nossa, como você é engraçado... Acho que vou morrer de tanto rir. Veja como nem consigo controlar o riso.

— Sabia que foi esse humor adorável e suave que me conquistou? Quem precisa de doçura com todo esse azedo bem aqui? — E me puxa para um novo abraço.

— Qual é o motivo de tanta animação?

— Nada. Apenas feliz por estar com você! Vamos logo, antes que fique tarde. Vem, entra no carro — Diz, enquanto abre a porta do carona.

Rapidamente nos ajeitamos. Ele liga o rádio e saímos. Em menos de vinte minutos, ele estaciona.

— Onde estamos, Miguel?

— Surpresa! Mas você tem que sair para descobrir. Se mexe, Rebeca, deixa de ser preguiçosa!

Miguel fala e já sai do carro, abrindo a porta do carona em seguida e me puxando pelo braço. Ele está verdadeiramente feliz e agitado. Apesar de tudo, desse jeito sério que aparenta ter, Miguel é muito espontâneo e sincero. Ele não é do tipo que limita palavras por medo do que elas podem causar. Ele apenas fala e lida com as consequências. Paramos em frente a uma imensa porta de madeira. Miguel puxa uma chave e a abre. Logo estamos em uma sala grande e escura.

Miguel acende a luz. Em nossa frente, revela-se uma sala repleta de espelhos. Era um estúdio de dança. Bem ao centro, uma mesa com duas cadeiras e uma discreta decoração romântica para um delicioso piquenique urbano. No canto, um balde com algo que parece champanhe. É tudo perfeitamente lindo! Sempre quis conhecer um estúdio de dança. Acho chique, misterioso e empolgante. Comentei isso com Miguel há algum tempo, mas nunca achei que ele fosse reparar. Estou boquiaberta, literalmente.

— Ei, rabugenta! Você vai ficar aí parada de boca aberta? Daqui a pouco começa a babar!

— Miguel, isso é lindo! Obrigada!

— E pelo que você está me agradecendo?

— Por me trazer aqui. Por essa tarde. Por ser você — Falo e caminho até ele para mais um abraço reconfortante. Estou emocionada com tanto carinho.

— A rabugenta tá ficando dócil, é? Espera só para ver o que preparei para a nossa tarde! Aí sim você vai ter motivo para agradecer.

— Ainda tem mais?

— Você nem entrou no estúdio. Eu nem comecei.

Ele pega minha mão e me conduz até a mesa. Indica que eu me sente e fica em pé em minha frente:

— Rebeca, eu preciso te falar uma coisa, mas você tem que ouvir tudo

até o final sem me interromper. Promete fazer isso?

Pânico. É o que eu sinto. Está acontecendo de novo. Ele vai me deixar. O único pedaço inteiro que ainda restava do meu coração se parte. Caio em um choro incontrollável. Sinto raiva do Lucas por ter me estragado desse jeito. Sinto medo de ficar sozinha. Sinto culpa por ter estragado tudo. Miguel se ajoelha na minha frente, segura minha mão e enxuga minhas lágrimas:

— Ei, o que houve?

— Você vai terminar comigo, não é? Precisava disso tudo para me dar o fora?

— Você está louca! Se eu quisesse isso, jamais faria algo do tipo. Qual é a lógica de preparar uma tarde romântica para terminar o relacionamento?

— Não sei, eu pensei que...

— Olha para mim, Rebeca! — Diz e segura meu rosto suavemente, enxugando as lágrimas que não param de cair, mantendo contato visual. Eu olho para ele, que devolve um olhar fixo em meus olhos — Eu não sou o Lucas! Não sou um moleque! Eu jamais faria o que ele te fez! Consegue entender isso? Confia em mim?

Eu apenas faço que sim com a cabeça. Miguel continua:

— Agora só escuta o que eu vou falar. Eu te trouxe aqui porque quero que hoje seja uma data especial, que volte a ser um dia de alegria. Sei que você sempre achou interessante esse tipo de estúdio e que queria conhecer um. E, principalmente, quero mudar nossas vidas hoje. Vê tantas imagens suas refletidas em todos os espelhos? Eu amo cada uma delas. Amo seu melhor e seu pior. Eu aprendi a lidar com a Rebeca quebrada, e agora quero cuidar da Rebeca que está ficando inteira. Conheço as suas cicatrizes, e prometo estar ao seu lado para superar cada uma delas. Não vai ser fácil, mas eu estou disposto a lutar. E eu nunca desisto do que quero. E nesse momento, não há nada que eu queira mais que... — Ele se levanta, me estende a mão. Eu aceito e levanto sem entender nada. Ele sorri e me diz — Não há nada que eu queira mais do que dançar com você. Aceita?

Eu apenas sorrio timidamente. Ele me puxa para uma dança lenta. Pega o controle na mesa ao nosso lado e liga o som, sussurrando em meu ouvido que essa música diz tudo que ele quer me dizer. Começa a tocar

“Photograph”, do Ed Sheeran. Nos mexemos quase em câmera lenta e, em alguns momentos, Miguel fala a letra bem baixinho, em português, no meu ouvido:

“Amar pode doer

Amar pode doer às vezes

Mas é a única coisa que eu sei quando fica difícil (...)

Você nunca estará sozinha

Me espere para voltar para casa (...)

E se você me machucar, tudo bem, querida

Apenas as palavras sangram (...)

E eu nunca vou te deixar ir (...)

Me espere para voltar para casa”

A música acaba, e estamos de pé no meio do estúdio. Eu continuo chorando, mas é um choro de alegria e emoção. Miguel encosta sua testa na minha, me olha nos olhos e diz:

— Não há nada que eu queira mais do que ter você para mim. Sei que já somos noivos, mas eu quero mais. Quero a resposta da pergunta que eu nunca fiz. Eu te amo, Rebeca! E eu preciso que você apenas diga “sim”.

Ele se afasta um pouco, pega uma caixinha que estava ao lado do som, e novamente para em minha frente. A caixa tem o formato de uma rosa vermelha. Ele calmamente levanta uma parte da caixa, e nela há um solitário lindo, em prata, como se houvesse folhas talhadas. A pedra é vermelha, como um rubi. O anel é quase uma flor vermelha também. Lindo, delicado e único. Quando consigo parar de babar pelo anel, olho para Miguel, que parece tão ou mais emocionado do que eu.

— Posso continuar?

— Claro — Digo com a voz fraca, embargada pela emoção. Ele chega um pouco mais perto, toca na ponta do meu queixo, me encara com os olhos em meus olhos e diz:

— Rebeca, você quer se casar comigo?

Capítulo 8

Novas escolhas, velhos caminhos

Maio de 2015

Estou parada, olhando para Miguel. Ainda não acredito em toda cena perfeita que ele acabou de realizar na minha frente. Acho que nunca imaginei ou ouvi falar sobre um pedido de casamento tão romântico e original.

Infelizmente, mesmo diante de tal cenário, meu coração traidor ainda me forçou a uma imagem do Lucas, lembrando-me do meu passado e do que eu podia estar perdendo...

— Rebeca... Ainda está aí? Eu preciso de uma resposta, mesmo que ela seja “não”. Eu só preciso saber...

Miguel fala, e eu acordo do meu transe. Respiro fundo, analisando todas as possibilidades: se eu disser “não”, perco o Miguel e não tenho nenhuma garantia de que terei Lucas de volta. Se eu disser “sim”, perco qualquer chance, ainda que mínima, de poder ter Lucas de volta. Mas ganho Miguel. Solto o ar e então respondo:

— Sim! Eu aceito, Miguel, eu quero me casar com você!

Miguel sorri. Aquele sorriso é capaz de mexer com a sanidade. Me puxa para um abraço apertado e me dá um beijo digno de cinema. E nesse momento, eu sinto que há um futuro melhor a minha espera, desde que eu seja capaz de deixar o meu passado definitivamente para trás. Ao encerrarmos o beijo, Miguel me conduz até a mesa, sobre a qual posso ver várias delícias que compõem nosso piquenique urbano. Ele realmente sabe como agradar uma mulher.

— Hoje a comemoração é nossa. Mas no próximo sábado, quero fazer uma festa para anunciar a data do nosso casamento.

— Mas já temos uma data? Você já planejou tudo, não é? Não pensou na possibilidade de eu apenas dizer que não estava pronta ou simplesmente dizer um “não”?

— Rebeca, você não resiste ao meu charme. Como iria me dizer “não”? E convenhamos que eu fui genial no meu pedido. Até eu me diria “sim”.

— Miguel, sua humildade é surpreendente. Mas, enfim, o que mais meu noivo genial planejou?

— Que tal nos casarmos em 16 de janeiro de 2016? É um sábado, meu aniversário. Eu estarei de férias, você também...

— Isso nos dá apenas sete meses para planejar tudo. Não sei se dou conta, Miguel. Sabe que não tenho lá muita habilidade para essas coisas.

— Eu sei, rabugenta. Você entende de esportes, e eu adoro isso, afinal, posso discutir futebol com minha mulher. Não vê como isso é demais? Mas como já esperava que você fosse ter um pequeno surto, já entrei em contato com algumas cerimonialistas, e estou pesquisando qual delas é a melhor. Você só precisa me dizer o que quer e como quer. Elas fazem o trabalho pesado.

— Nossa, Miguel! Você realmente pensou em tudo... Tem algo que eu possa fazer pelo nosso casamento?

— Escolha um lindo vestido e esteja lá com toda sua beleza. Só isso. O resto, eu dou um jeito. Vou te fazer feliz, Rebeca. E isso é apenas o começo.

— Já que não terei trabalho algum, tudo bem. Teremos festa semana que vem e nos casaremos em 16 de janeiro de 2016. Acho que dou conta de arrumar um vestido legal para o acontecimento.

— Ótimo! Agora venha aqui, vamos aproveitar essa mesa e comemorar nosso casamento. Hoje seremos apenas eu e você.

Assinto com a cabeça e me permito entrar nessa bolha de felicidade que Miguel construiu para nós dois. Uma imagem de Lucas ainda insiste em aparecer, mas eu balanço a cabeça para espantar. Hoje, não. Hoje eu vou me permitir ser feliz.



Chego em casa e já passa um pouco da meia-noite. Tento entrar sem fazer barulho para não chamar a atenção de Brenda, mas a porta não me permite tal proeza. Assim que termino de fechar a porta, Brenda já está atrás de mim.

— Rebeca, achei que tinha acontecido algo. Você sumiu, não respondia as mensagens. Achei que o bonitão tinha te sequestrado, mulher!

— Deixa de ser dramática... Eu estava aproveitando o domingo com meu noivo. Não pode?

— Claro que pode. Deve. Aliás, tinha até que aproveitar mais, mas fazer o quê se você é meio lenta...

— O que você disse, Brenda?

— Tô brincando amiga. Mas me conta, essa cara aí é de quem tem novidades. O que aconteceu?

— Senta, amiga, tenho uma coisa muito importante para te contar.

— Ai, meu Deus, não acredito! Você tá grávida! Eu vou ser tia!

— Brenda, sossega e se aquieta. Não tem gravidez nenhuma. Deixa eu falar, porque você não tem o menor talento para adivinhação.

— Poxa, essa doeu... Mas fala logo o que você quer me contar, que estou morrendo de curiosidade!

— Bom, o Miguel me levou para um passeio lindo e romântico. No meio do passeio, ele me deu isso — Estendo minha mão esquerda para que ela veja o anel.

— Hã, ele te deu um anel lindo e maravilhoso. É essa a novidade? Miguel te dá presentes maravilhosos o tempo todo.

— Você olhou o anel direito? Viu onde está?

— Deixa eu olhar de novo... Espera... Isso é um anel de noivado? Meu Deus! Ele te pediu em casamento? Menina, diz que você aceitou, pelo amor de Deus! Olha, se você não aceitou, eu vou ligar agora para ele e dizer que você aceita. Você não pode perder esse homem!

— Calma, Brenda! Você fala demais! Claro que aceitei, não tinha motivos para dizer “não”. Já até marcamos a data, 16 de janeiro do ano que vem. Você topa ser minha madrinha?

— Até se você não quisesse. Como se eu fosse ficar de fora dessa... Você vai casar com um cara maravilhoso e que te ama muito. Estou tão feliz por você, por ver que superou o passado!

— Pois é. O passado deve ficar no passado. Agora é foco no futuro. Por isso, vamos dormir, que amanhã, ou melhor, hoje, acordamos bem cedo para

trabalhar, e tenho um dia mais que cheio.

— Tudo bem. Amanhã combinamos mais. Agora durma e sonhe bastante com seu príncipe! Boa noite!

— Boa noite, Brenda.

Assim, fui dormir, pensando que agora tinha, enfim, colocado um rumo na minha vida. Só não contava em sonhar com o Lucas durante a noite.



A semana transcorreu tranquila. Na segunda de manhã, já havia uma nota em um dos maiores jornais de São Paulo referente ao meu casamento e à festa que Miguel daria no sábado para anunciar a data. Trabalhei bastante, pois queria deixar tudo bem adiantado para minha viagem.

Nesse clima, chegou o sábado e a festa. Foi um jantar chique, mas com um quê de simplicidade. Não havia muitos convidados: alguns amigos próximos, amigos do pai do Miguel e uns contatos influentes que tinham negócios com a família. Havia também um ou outro jornalista, afinal, a família Duran era referência no ramo da advocacia em Campinas.

Tudo estava perfeitamente planejado e transcorreu em um clima descontraído e romântico. Mais uma vez, Miguel me pediu em casamento, e dessa vez pediu a minha mão a Brenda, que era o mais perto de família que eu tinha naquele momento. Todos se emocionaram com seu discurso, tiramos muitas fotos. Definitivamente, Miguel sempre conseguia o que queria e do jeito que ele queria. No domingo, nossa foto tinha destaque nas colunas sociais de alguns jornais importantes que circulavam não apenas em São Paulo, mas também no Rio.

No fundo, eu esperava que a notícia do meu casamento trouxesse alguma resposta do Lucas. Nem que fosse para me dar parabéns. Mas ele simplesmente não disse nada. Aliás, suas redes sociais andavam meio abandonadas, só sabia dele pelas postagens que a Natasha fazia. Ela se esforçava bastante para passar a imagem de casal perfeito.

Os dias foram passando. Eu trabalhava, arrumava coisas para a viagem, dividia meu tempo entre Brenda e Miguel, e tentava me convencer que essa mudança não iria alterar nada na minha vida.

Assim, chegou o dia seis de junho. Miguel e Brenda me levaram ao aeroporto. A mudança fora uma semana antes, e não foi muita coisa, pois a minha casa lá já era mobiliada.

O trabalho só começaria na outra segunda, dia 16, mas eu queria chegar antes para me preparar e arrumar a casa. Queria deixar tudo adiantado para poder focar no trabalho, e também queria preparar o meu psicológico para voltar a viver na minha cidade e na minha casa.

Cheguei ao Rio e fui direto para casa. Passei o sábado por lá, arrumando minhas malas. À noite, conversei um pouco com Brenda e Miguel pela Internet e comi uma pizza com um bom vinho tinto. Já vi que, morando sozinha, vou abusar das besteiras.

A noite não foi tão tranquila quanto eu esperava. Meus pesadelos voltaram. Ora assombrados pela ausência da minha avó, ora pelas lembranças com o Lucas. Tive uma noite perturbada e cansativa. Já era tarde quando consegui dormir.

No domingo, eu acordei como se um trator tivesse passado por mim. Estava exausta, reflexo da noite de bosta que tinha passado. Sem contar que eu começava a perder o controle. Eu estava nervosa e angustiada, não estava conseguindo lidar com isso. Tentava aplicar técnicas de autocontrole e respiração, mas as vozes na minha cabeça não se calavam. Estava nessa disputa interna quando a campainha tocou. Fui atender sem a menor vontade, rogando aos céus que não fosse a Natasha, pois hoje não seria capaz de me controlar.

Abri a porta com receio, mas sorri ao perceber que era Rodrigo que estava ali.

— Rodrigo, que surpresa boa! Entra, a casa é sua.

— Oi, Rebeca! Senti sua falta.

Ele me abraça. Sinto um cheiro forte de bebida. É estranho, já que Rodrigo quase não bebe, apenas em situações especiais. E não vejo como o domingo à tarde pode ser especial...

— Aqui, Rodrigo. Vamos para a sala. Senta, que vou preparar algo para lancharmos.

— Eu vim aqui para conversar com você, Rebeca.

— Tudo bem, pode falar — Digo e sento no sofá de frente para ele.

— Eu não sei bem por onde começar, Rebeca, mas eu preciso falar. Tem anos que eu quero dizer isso e não consigo, mas agora eu corro o risco de te perder para sempre. Eu sou apaixonado por você. Eu te amo desde quando você era aquela adolescente marrenta que namorava com meu melhor amigo. E eu não podia deixar que você se casasse sem te contar isso.

Encaro Rodrigo completamente sem reação. Meu melhor amigo acaba de se declarar e eu não sei o que fazer. Ele deve estar bêbado, só pode.

— Rodrigo, você bebeu, me parece cansado. Amanhã você vai esquecer isso, e aí podemos conversar. Você deve estar confuso...

— Por que vocês ficam dizendo isso? Lucas disse isso anos atrás quando eu contei para ele, logo que vocês terminaram e eu disse que iria lutar por você. Luana disse isso ontem quando eu contei para ela. Eu sei o que sinto! E você devia acreditar em mim, Rebeca!

— Rodrigo, eu nunca te dei esperança alguma! Eu era namorada do seu melhor amigo. Sempre te tratei como irmão. E agora eu vou me casar.

— Vai casar com alguém que você não ama! Eu vi o jeito que você olha para o Lucas, vi vocês na praça na última vez que você esteve aqui. Vi quando ele foi embora e te deixou sozinha de novo. E mesmo assim, você ainda olha apaixonadamente para ele! Quem esteve ao seu lado quando ele terminou com você do nada? Quem passou dias e noites tomando conta de você, tentando te fazer voltar a viver enquanto você apenas definhava? Eu! Era eu quem segurava sua mão enquanto o Lucas te virava as costas! Fui eu quem te viu chorar quando ele te expulsou da casa dele depois de te usar e descartar. E o que você fez? Você foi embora e arrumou outro! Um riquinho qualquer que nem deve te conhecer de verdade e nunca vai te fazer feliz por completo!

— Acho melhor você parar, isso já está indo longe demais. Você é meu amigo, tenho muito carinho e consideração por você, mas não permito que fale comigo nesse tom.

— Mas permite que o Lucas te faça de cachorrinho dele? Se ele estalar os dedos, você sai correndo, Rebeca! Você não pode continuar assim. Eu sou o melhor para você! Esquece esse casamento ridículo e deixa eu cuidar de

você como sempre cuidei.

— Eu não preciso de cuidados, não sou cachorrinho de ninguém e meu casamento não é ridículo. Miguel é tudo que eu quero e preciso. E agora você vai embora. Quando você estiver sóbrio, voltaremos a conversar.

Levanto e me encaminho para a porta. Mas ao passar por Rodrigo, ele levanta e me beija. Rapidamente, eu o empurro e dou um tapa na cara dele.

— Nunca mais faça isso! Não te dei essa liberdade! Agora sai da minha casa!

— Você deve ser doente, Rebeca. Não vi você bater no Lucas quando ele te beijou na praça. Ele nunca vai voltar para você. Será que você não entende? E esse seu noivo, vocês nunca vão ser felizes, vocês não têm nada a ver! E você não o ama!

— Sai daqui, Rodrigo! Vai embora! Agora!

— Eu vou, mas saiba que eu não vou desistir de você. Demorei muito para assumir o que sentia. Agora que assumi, vou até o fim. Não importam as consequências.

Ele diz e sai, batendo a porta. Eu vou até ela e a tranco. Em seguida, me jogo no sofá e me permito cair em um choro que eu havia prendido durante toda nossa discussão.

Sabia que voltar seria difícil. Só não imaginava que seria tanto.

Capítulo 9

Especial - Lucas

Entre Janeiro e Maio de 2015

Estou usando o computador do meu escritório, encerrando mais um expediente, quando resolvo entrar no site do jornal em que Rebeca trabalha. Por mais que eu tente, é quase um hábito investigar a vida dela. Tento me convencer de que é apenas para me certificar que ela está feliz, assim diminui a culpa por tudo que eu fiz. Mas não convenço nem a mim mesmo disso.

Logo clico no blog que algum funcionário criou, no qual circulam as fofocas do jornal. Me pergunto se Rebeca sabe desse blog, coisa da qual duvido, ou ela já o teria tirado do ar, só por expor sua vida sem que ela soubesse. E lá vejo uma pequena notícia que causa uma explosão dentro de mim: “Rebeca vai para o Rio assumir o departamento esportivo. Em alguns meses, ela volta para o seu bairro na Cidade Maravilhosa”. Rebeca vai voltar. Essas três palavras despertam um passado que eu vivo tentando enterrar.

Algumas vezes na vida, temos que abrir mão do que queremos naquele momento para investir em nosso futuro. Em 2009, quando terminei com a Rebeca, eu fiz isso. Não foi só o coração dela que se quebrou naquele dia. Uma parte de mim ficou com ela. Desde então, nada foi igual.

Foi um dos piores momentos da minha vida ter que olhar para Rebeca e terminar tudo, mas era insustentável manter o nosso relacionamento da maneira em que estava. O descontrole da Rebeca, os escândalos, os ciúmes e a saúde do meu pai, que só piorava... Tive que optar pelo certo. Manter nosso relacionamento traria problemas demais para ambos. Era necessário nos afastarmos para tentar salvar primeiro a gente, depois o nosso relacionamento.

Não nego que eu esperava que a Rebeca viesse atrás de mim e que isso provocasse uma mudança, mas o orgulho dela falou mais alto que o amor. Eu a vi sofrendo, mas ela não veio até mim. Em vez de mudar, ela piorou.

Começou a beber mais, sair mais. E quando nos encontrávamos, vinham mais escândalos...

Eu estava sofrendo, mas a minha maneira. Só porque alguém não sofre da maneira que você espera, não significa que não está sofrendo. O sofrimento tem muitas formas de se sentir. Não demonstrar é uma delas. Eu optei pelo silêncio. Calado, eu encontrei a Natasha. Foi ela quem me ajudou a segurar a barra.

Não esperava me casar com ela. Algumas escolhas têm consequências, e eu acabei sendo refém das péssimas escolhas que fiz. Estava preso ao argumento de que, no final, tudo se ajustou. Eu dei paz para meu pai em seus últimos momentos. Rebeca pôde se concentrar em sua carreira e alçar voos maiores. O fim justificou os meios.

Até agora.

Ler que Rebeca estaria de volta foi como reabrir uma ferida que nunca cicatrizou. Nunca fui burro de me iludir que eu tinha esquecido a Rebeca, ou que Natasha era o amor da minha vida. Sempre soube que, independente do que acontecesse, Rebeca sempre seria o amor da minha vida. Mas isso não significava que a minha história teria de ser ao lado dela. Como não foi, tive de me adaptar. Natasha não era tudo que eu queria, mas era exatamente o que eu precisava.

Até agora.

Levanto da cadeira e vou até o meu armário. Pego uma caixa que deixo escondida ali há anos. São lembranças. Nela, tenho fotos, cartas e alguns presentes que Rebeca me deu. É um pedaço vivo do nosso passado e um lembrete do que o futuro poderia ter sido se eu fosse menos covarde, e ela, mais normal e menos orgulhosa. A cada item que pego, aumenta o aperto no meu peito, e sinto como se feridas fossem reabertas. Alguns amores duram, mesmo quando não deveriam durar. Por mais doentio e obsessivo que o amor de Rebeca pudesse parecer, tenho certeza de que ela ainda não me esqueceu e nunca vou entender como ela foi se envolver com um cara como aquele Miguel. Eles não têm absolutamente nada a ver. Vi os dois juntos no enterro da avó dela, e não gostei dele de cara. Tenho certeza de que ela não sabe que ele veio falar comigo naquele dia. Aquele jeito todo de bom moço não me

engana, e ainda lembro exatamente o que ele me falou. Rebeca tinha se sentido mal durante o enterro e eu fui ver como ela estava. Ele entrou na minha frente e disse:

— *Você não tem nada para falar com a minha mulher. Melhor sair daqui e evitar problemas...*

— *Não sabia que vocês tinham se casado. Acho que Rebeca ainda é capaz de decidir por ela.*

— *Escuta aqui, moleque! Não tem mais espaço para você. Ainda não nos casamos, mas isso é questão de tempo. Rebeca está comigo agora, ela é minha responsabilidade. Saia do meu caminho e nem pense em atravessar novamente. Você, Lucas, não sabe do que sou capaz. Não queira descobrir.*

Em respeito ao luto dela, fui embora, não queria tumulto. Mas fiquei ainda mais desconfiado dele. Lobos tendem a se disfarçar de cordeiros para alcançar suas vítimas. A vida já tinha sido cruel demais com a Rebeca, eu já a tinha magoado demais. Não seria justo que ela caísse nas mãos de um doente.

Sigo observando os itens, relendo bilhetes e lembrando o quanto fui feliz com Rebeca. Incrível como até o amor em exagero pode fazer mal. Errei ao não perceber que o ciúme de Rebeca não era normal. Mas, de certa forma, eu me sentia lisonjeado com a atenção e o amor, mesmo exagerados, que ela me dava. Meu ego foi o grande culpado do nosso fim.

Vejo que já está tarde e resolvo guardar tudo. Já me machuquei demais por uma noite. Rebeca estará de volta, e eu terei tempo suficiente para pensar no que fazer. Não vai ser fácil, mas darei um jeito. E não serei covarde dessa vez. Talvez a vida esteja me dando uma segunda chance. Cabe a mim definir o que fazer. E dessa vez, não terei mais meu pai para me atrapalhar.

No caminho de casa, encontro um camelô vendendo chip de celular. Ainda há uma grande movimentação na rua. Afinal, hoje é sexta-feira, e Madureira costuma lotar nas noites de sexta. Ao ver aqueles chips, uma ideia me vem à mente e, sem pensar duas vezes, compro um e instalo no meu telefone. Tenho o número de Rebeca salvo, peguei do telefone de Rodrigo sem que ele visse. Do contrário, ele não me daria, ainda mais agora que ele cismou que é apaixonado por Rebeca. Disco imediatamente para ela, que não atende na primeira vez. Deixo chamar até cair, mas não me dou por vencido e

ligo novamente. No sétimo toque, Rebeca atende. Diz um “alô” tão despretensioso, mas que provoca um furacão em meu peito. Sem pensar, respondo da maneira que sempre a chamei:

— Pequena, é você?

— Lucas? É você falando?

Um sorriso involuntário brota em meu rosto. Ela ainda reconhece minha voz. Isso é um bom sinal.

— Sim, Rebeca, sou eu. Me escuta...

Então tudo fica em silêncio. Ouço um barulho esquisito e Rebeca não me responde mais. Desligo, tento ligar mais duas vezes, mas ela não atende. Desisto. Já está tarde. Sigo para casa. Deixo o chip no telefone. Talvez Rebeca me retorne. Seria bom, já que hoje Natasha tem curso até tarde. Minutos parecem horas. Rebeca não retorna. Resolvo tomar um banho e, assim que entro no banheiro, o telefone toca. É ela, que, receosa, diz meu nome. Preocupado, começo logo a falar:

— Rebeca? O que aconteceu? Escutei um barulho e a ligação ficou muda...

— Eu escorreguei e caí. Nada demais. Eu quero saber o motivo de você ter me ligado do nada depois de anos de silêncio. Aliás, depois de quase quatro anos, desde seu maldito casamento!

Essa última parte, ela diz aos berros. E assim eu vejo que a minha Rebeca ainda está ali, e talvez ainda haja um pouco de amor para mim. Porém, não sei o que dizer, nem sei ao certo porque liguei. Acho que cheguei ao meu limite e quero colocar para fora tudo que me atormenta. Mas não pode ser agora. Não assim, por telefone. Suspiro e respondo:

— Eu sei que tenho muito a dizer. E que não é justo eu te ligar assim. Não posso falar por telefone. É verdade que você vai voltar para casa?

— Voltar para casa? Aí não é mais minha casa! Qual é o seu problema?

— Você vai voltar ou não?

— Vou, Lucas. Em breve, estarei em Madureira de novo.

— Nós precisamos...

Então Natasha chega e começa a gritar meu nome, e isso é a realidade me chamando. O que eu estou fazendo? Respondo que estou no banho e volto

a falar com Rebeca.

— Precisamos o quê, Lucas? Sua esposa está te chamando. Não vai atender?

Nada que eu fale vai adiantar agora. Melhor me retirar por enquanto. Conheço-a o suficiente para sentir a acidez de suas palavras de longe.

— Me desculpe, Rebeca. Tenho que ir. Mas conversamos pessoalmente quando você voltar. Quando você vem?

— Estarei de volta em junho, Lucas.

E em seguida, o telefone fica mudo. Ela desligou na minha cara! Velhos hábitos nunca mudam... Me enfio no chuveiro na esperança de conseguir limpar a minha mente, mas o estrago já estava feito. Eu me enganei sufocando esse amor por anos. Agora ele voltou para cobrar o seu lugar. Alguns estragos seriam feitos. Só não sei qual seria a dimensão deles.



Alguns dias passaram, e eu tentava seguir com normalidade. Algumas decisões estavam muito claras na minha mente, outras ainda precisavam de tempo. O primeiro passo fora dado na noite anterior: eu havia dito à Natasha que queria me separar. Com ou sem Rebeca, eu não queria mais esse casamento que estava fadado ao fracasso desde o início. Claro que ela não aceitou numa boa, mas não tem volta. Preciso começar a fazer as coisas por mim.

Na volta do trabalho, resolvo ir ao lugar que sempre utilizo para pensar, o lugar que era meu e da Rebeca. Assim que começo a me aproximar do nosso antigo banco, não acredito no que vejo: Rebeca está ali. Me aproximo e verifico que é real, não estou alucinando. E nesse momento, tudo faz sentido...

Você pode lutar contra um sentimento por anos. Pode esconder, mascarar e até fingir que esqueceu. Mas quando é verdadeiro, sobrevive até sem ser cultivado, como raízes que se infiltram no mais profundo do subsolo. E apenas um toque é o suficiente para despertar. Quando é para ser para sempre, um “até logo” não é o suficiente para pôr um ponto final.

Com muita calma, sento ao lado dela, que, assim que percebe a minha

presença, abre os olhos:

— Lucas?

— Eu mesmo, Rebeca.

Ela faz menção de se levantar, mas a impeço. Trocamos algumas palavras, e ela insiste em ir. Puxo-a pelo braço, ela vem de encontro a mim, e, nesse momento, só esse contato importa.

Somos de novo dois quase adolescentes cheios de planos descobrindo o amor, sem mágoas e culpas, sem o peso do passado e o medo do futuro. Terremotos podem provocar desastres, mas o tanto de sentimentos que esse simples toque causou tem mais potência do que o maior dos terremotos. E então veio o beijo. Leve, tranquilo, intenso, arrebatador e único. Eu amava Rebeca e ela me amava, era isso que nosso beijo gritava. E eu não estava mais surdo ao que sentia. E nem ao celular, que começou a tocar insistentemente, revelando uma Natasha irritada. Me afastei para falar com ela. Quando retornei, Rebeca estava irritada, mas ainda me olhava daquele jeito, com todo amor que ela sentia ali. Quase discutimos, mas preferi ir. Não sem antes deixar algumas frases que a fariam pensar.

Eu tinha cinco meses para ajustar as coisas na minha vida até Rebeca voltar. Eu sabia que não seria fácil, mas eu iria lutar. E assim caminhei confiante para minha casa. Hoje, a vida mostrou que estava sorrindo para mim. E eu estava disposto a sorrir de volta.



Alguns meses depois...

Falta apenas um mês para a volta de Rebeca e nada saiu como o planejado. Natasha está grávida, uma gravidez de risco. Como já sabíamos que seria, afinal, já vivemos isso antes. Mas isso não me fez mudar de ideia, apenas adiar minha decisão.

Estou voltando do meu futebol de manhã, quando paro para comprar o jornal. Natasha foi passar o domingo com seus pais. Estarei sozinho hoje. E me sinto profundamente aliviado por isso. Ela anda insuportável, culpando a Rebeca pela separação, fazendo ameaças e usando a criança.

Chego em casa, tomo um banho e vou comer, enquanto leio o jornal. Quando chego à coluna social, quase engasgo com meu pão. Há uma notícia do jantar que o noivo da Rebeca deu, marcando a data de casamento dos dois.

Xingo e espraguejo, isso não pode estar acontecendo. Vejo que a data do casamento é para janeiro do ano que vem, então me acalmo. Posso lutar contra isso. Rebeca já era minha, ela só precisava lembrar-se disso. Traço um plano e sorrio com a genialidade dele.

Vou até o quarto e pego um caderno para cumprir a primeira fase do plano: vou escrever uma carta para Rebeca.

Capítulo 10

Um dia solitário

Junho de 2015

A visita inusitada do Rodrigo acabou com o meu domingo. Apesar de duras, suas palavras tinham um fundo de verdade. Era difícil ser confrontada dessa maneira. O problema com a verdade é que todos a queremos, mas nem sempre estamos dispostos a ouvi-la.

A vida nunca foi fácil para mim. Perdi meus pais sem nem ter tido a oportunidade de estar com eles. Tive uma infância e adolescência com certas dificuldades, fui relativamente problemática e, quando achei que tinha encontrado o amor da minha vida, ele me largou e o vi se casar com outra. Quando eu acho que tudo vai se ajeitar, a vida vem e muda tudo de novo. Às vezes, acho que alguém do roteiro do destino não vai com a minha cara.

Tenho sido forte e aprendido a conviver com as pancadas da vida. O problema é ter de lidar comigo mesma. Controlar meus fantasmas e traumas ainda é a parte mais difícil. Não tenho medo dos outros, mas tenho medo de mim mesma.

Ficar sozinha seria trazer à tona emoções que poderiam me tirar do rumo ou ferrar com meu juízo de vez. Liguei então para aquela que sempre vem ao meu socorro: Luana. Eu a convidei para passar o dia comigo e me ajudar a sair dessa situação.

Quase uma hora depois, ela chegou. Bastou me olhar para saber que tinha algo errado.

— Quem esteve aqui dessa vez, Beca? Não vai me dizer que a Vacasha voltou a te perturbar?

— Vacasha? Seria a Natasha, né?

— Sim, mistura de vaca com Natasha. Eu criei para poder xingá-la com mais propriedade.

— Lu, você não tem jeito! Só você para inventar essas coisas... Mas não foi ela quem esteve aqui. Foi o Rodrigo.

— Ih, o Rodrilouco? Porque ele não está normal, só pode ter enlouquecido. Desde que saiu a notícia do seu casamento e que você nos chamou para sermos padrinhos, ele ficou estranho.

— E por que você não me falou nada, Lu?

— Porque não imaginei que fosse algo importante. Você sabe que o Rodrigo tem esses momentos reclusos dele, ele é meio esquisito normalmente. Ontem, ele foi me buscar no salão, me chamou para irmos ao barzinho aqui perto. Até aí tudo bem, pois a gente costuma sair. Só que assim que chegou ao bar, ele pediu cerveja para ele. Estranhei, porque ele não é de beber. Amiga, ele entornou... Bebeu muito, tanto que eu tomei duas cervejas e parei, com medo de ter que carregá-lo depois. De repente, ele danou a falar, mas eu achei que era a bebida falando.

— E o que ele falou?

— Primeiro, ele começou a falar de quando a gente ainda era adolescente, de quando nos conhecemos. Depois, ele começou a falar de você e do Lucas, que ele sabia desde o começo que o Lucas te magoaria, pois ele nunca tinha ficado sério com ninguém antes. Então ele virou para mim e perguntou: “Sabia que eu sou apaixonado pela Rebeca desde quando ela era namorada do Lucas?”.

— Ele veio aqui hoje me contar isso...

— Calma que ainda não acabou. Depois vou querer ouvir a sua parte, mas deixa eu continuar. Eu olhei assustada para ele e perguntei se ele estava brincando, mas ele disse que não. Que foi difícil, mas ele manteve tudo em segredo em respeito à amizade de vocês e ao seu relacionamento. E que depois, quando vocês terminaram, ele até quis falar, mas você estava muito mal. E em seguida, veio a prova para São Paulo e o casamento do Lucas, então ele preferiu se calar.

— Isso é tudo muito louco! Eu amo o Rodrigo da mesma forma que amo você, como irmãos! Vocês são a única família que tenho! Por que ele resolveu falar agora? Ele sabe que é um momento difícil para mim. Para que complicar ainda mais?

— Segundo ele, se ele não falar agora, você vai casar com “aquele babaca metido a mauricinho que não sabe nada de você”, palavras dele para definir o Miguel. E que não correria o risco de o Lucas te fazer sofrer de novo. Eu continuo achando que ele simplesmente surtou de vez. Mas me conta, ele veio te falar o quê?

— Basicamente isso que te falou. E ainda tentou me beijar. Dei um tapa na cara dele e o mandei embora. Quando ele estiver mais sóbrio e eu estiver mais calma, talvez a gente converse.

— Você não pode deixar isso te abalar. O Rodrigo que cuide da loucura dele... Você tem que se ocupar do seu casamento e do seu trabalho. E precisa manter a cabeça no lugar para não fazer besteira.

— Que tipo de besteira?

— Para cima de mim, dona Rebeca? Sei que essa cabecinha aí, por mais que você tente, deve estar confusa com essa proximidade com o Lucas. Toma cuidado, amiga, não deixe o passado atrapalhar o seu futuro. Não quero mais te ver sofrer.

— Eu sei, Luana. Eu já tomei a minha decisão. Meu lugar é ao lado do Miguel. Vamos nos casar. Isso tudo aqui vai ser só uma fase ruim do passado.

— Ótimo, assim que se fala. Agora pega um papel e uma caneta.

— Para quê?

— Vamos deixar isso anotado, colado ao lado da parede da sua cama, para você não correr o risco de esquecer. Talvez possamos deixar espalhado pela casa, na geladeira, no notebook... Só por precaução.

— Amiga, você não existe... Vem, vamos ver filme, comer besteira e esquecer o mundo lá fora.

— Isso aí, amiga! Hoje o dia é nosso! E onde Luana está, tristeza não fica.

E assim, passo um dia incrível ao lado da minha amiga. Às vezes, não valorizamos os pequenos momentos que a vida nos proporciona, mas são eles que nos dão as maiores alegrias.



A semana passou devagar. Miguel teve uma viagem importante, e

provavelmente não nos veremos no Dia dos Namorados. Recebi essa notícia na segunda pela manhã, o que já deixou a minha semana estupidamente alegre, é claro... Já nesse mar de sorte e irritação, resolvi ir ao shopping e esbarrei com a Natasha. Mas antes que ela pudesse destilar seu veneno, eu saí de perto e voltei para casa.

Fui poucas vezes ao prédio do jornal, só para adiantar algumas coisas. Fiz algumas visitas à obra no Parque Madureira, e confesso que fiquei impressionada com o andamento, além da beleza e tranquilidade do lugar. Passei a fazer caminhadas para relaxar lá no Parque mesmo.

Em uma dessas caminhadas, vi o Lucas de longe. Ele estava correndo, e eu ainda pensei em ir até ele e o confrontar, questionar sobre aquela baboseira toda que ele me disse no dia em que nos encontramos na praça. Era fim de quarta-feira e, quando eu pensei em me aproximar, aquele vulto loiro apareceu. Achei que não sentiria mais nada ao ver os dois juntos, mas ainda senti a mesma dor, a mesma queimação no peito ao ver os dois se beijando.

Interrompo a minha caminhada ali mesmo e volto para casa. Dessa vez, não tenho como controlar o que sinto e permito-me ter um acesso de raiva.

Grito, choro, quebro coisas, rasgo almofadas, me permito vivenciar esse momento. Até quando viverei esse inferno? Quão burro pode ser o coração em sustentar um amor que não tem a menor esperança? Até que ponto eu seguiria quase passando dos limites?

Pego a garrafa de vinho e resolvo que ela vai me fazer companhia. Preciso me acalmar, então tomo um dos meus antigos comprimidos. Sei que é perigoso misturá-lo com bebida, mas não estou muito preocupada com isso nesse momento. Desligo o celular, porque não quero falar com ninguém e estou farta das mensagens do Rodrigo se desculpando. Retiro do gancho o telefone fixo e me desligo do mundo. Coloco a música bem alta e fico ali, vivendo o meu momento.

Entre uma taça de vinho e outra, começo a ponderar a minha situação e chego a uma conclusão: para que eu me livre desses fantasmas do passado, eu preciso ter uma conversa séria e definitiva com o Lucas.

Ele não tem o direito de entrar e sair da minha vida quando bem quiser, nem de ficar me torturando. Dessa vez, ele vai ter que falar tudo e, se for

necessário, fazer uma escolha definitiva. Não posso continuar vivendo nesse tormento. E ele não pode continuar brincando comigo. Era hora de colocar tudo no seu devido lugar. Se o Lucas optasse por continuar a ser apenas parte do meu passado, ele iria ter que ficar lá para sempre.

Penso em ir agora mesmo falar com ele. A essa hora, ele deve estar no escritório da família, próximo ao Mercado de Madureira. Chego a escolher o vestido vermelho para sair, mas acabo deixando para ir no dia seguinte. Já havia sofrido tensões demais hoje. Não sei se saberia me controlar o suficiente para essa conversa.

Volto para a sala e para minha garrafa de vinho. Que eu sofra o suficiente hoje, para estar anestesiada amanhã e resolver essa história que parece não ter fim.



Não sei que horas nem como adormeci, mas sou despertada pelo toque incessante da campainha e por batidas na porta. Olho o relógio da sala e já é quase meio-dia. Levanto, ainda tonta, e grito um “já vai”. Seja quem for, que espere um pouco. Vou até o banheiro e vejo como estou horrível: maquiagem borrada, olhos vermelhos e inchados, cabelo todo bagunçado.

Lavo o rosto rapidamente e faço um coque no cabelo para que fique no mínimo apresentável. Faço um gargarejo e vou em direção à porta. Não demorei nem cinco minutos nesse processo, mas a pessoa não parou de esmurrar a porta e tocar a campainha. Abro a porta, já reclamando:

— Mas o que está acontecendo... Rodrigo, você aqui?

— Desculpa, Rebeca, mas preciso falar com você.

— Acho que não responder suas mensagens e não te atender significa que eu não quero falar com você!

— Eu sei, mas é que...

— Mas nada. Ainda não é hora de conversarmos e...

— O Lucas morreu!

Acho que não ouvi direito. Rodrigo deve estar fazendo alguma brincadeira de péssimo gosto. Eu vi o Lucas ontem.

— Muito idiota da sua parte fazer isso para chamar minha atenção.

— Não estou brincando. É a verdade. Lucas está morto.

Capítulo 11

Quando a realidade é pior que o pesadelo

Junho de 2015

Três palavras. Apenas três palavras foram responsáveis para fazer meu mundo desabar. Quando percebi nos olhos do Rodrigo que ele dizia a verdade, não pensei duas vezes. Saí da maneira que estava, correndo como louca até a casa de Lucas, que ficava há alguns quarteirões da minha.

Assim que virei a esquina, vi o pequeno tumulto em volta da casa. Observei de longe. Alguém conduzia Natasha para dentro, e observei quando Dona Sônia, mãe de Lucas, saiu e começou a caminhar para sua casa. Meio escondida, fui no encalço dela. Quando ela chegou a seu portão, eu tomei coragem e falei com ela:

— Dona Sônia...

— Rebeca... Ah, minha querida Rebeca...

Me abraçou e começou a chorar. Então a minha ficha caiu: o Lucas havia realmente morrido. O adeus, dessa vez, era para sempre.

Ajudei Dona Sônia a entrar em casa e peguei água para ela. Quis ficar para ajudar a reconfortar sua dor, mas não tinha condições. A casa inteira lembrava o Lucas, isso era agonizante. Eu precisava sair dali antes que eu desabasse. Aproveitei que umas vizinhas dela chegaram e fui embora.

Me fiz de forte durante todo o caminho de volta para casa, travando uma guerra interior que só aumentava o tamanho da minha devastação. Mas ao abrir a porta, tudo desabou.

Morto. Adeus. Definitivo. Sem voltas. Fim.

Lucas se foi. Eu fiquei aqui.

Escorreguei, me escorando na porta que havia acabado de fechar, e desabei em um choro de culpa, arrependimento, dor, remorso e um amor que parecia estar destinado ao fracasso.

Já estava acostumada a dizer adeus, mas isso não significa que eu

estivesse sempre preparada para isso. Eu já havia perdido o Lucas tantas vezes que não era capaz de contar, mas eu sabia onde estava, que estava bem... Agora, restava apenas o vazio, aquele nada que fica depois do adeus.

A morte é um inimigo imbatível e cruel. Ela te arranca as esperanças e te observa desabar de longe, pois ela é cruel o suficiente para te deixar sofrer até não ter mais forças, e só depois te resgata. Aposto que nesse momento, ela deve estar gargalhando de mim, pois conseguiu me destruir e me deixou aqui, enquanto leva tudo que eu amo.

A morte é um assalto. Rouba mais do que a vida de quem ela levou. Rouba a vida de quem fica, sonhos, esperanças e amores. A morte apenas tira e impossibilita qualquer conforto. O grande amor da minha vida morreu, e eu nem posso me despedir como quero, porque ele já não era mais meu.

Como um filme, várias lembranças passam em minha cabeça, com um Lucas sorridente e cheio de vida, com nossos planos, nossa vida... Tudo que teria sido, se não fosse a Natasha e, agora, a morte, que me roubaram Lucas. Caminho com dificuldade e com a visão embaçada até o sofá. Meu corpo todo dói e minha cabeça gira. Nada faz muito sentido e começo a ter dificuldade em distinguir o que é real e o que é lembrança. Olho para o chão da sala e uma memória me invade, é tão real que acredito estar revivendo o momento. Era véspera do Dia dos Namorados, como hoje, e véspera do nosso aniversário de um ano de namoro. Eu e Lucas estávamos sozinhos. Minha avó tinha ido à casa de uma amiga. Nós assistíamos a um filme na TV, quando ele me perguntou se eu sabia qual era a minha missão na vida:

— *Missão, Lucas? Como assim?*

— *É, pequena... Aquela coisa que você sente que nasceu para fazer.*

— *Jornalista esportivo. Levar o esporte para o Brasil inteiro e desmistificar o tabu de que mulher não entende de futebol. Quero ser grande, Lucas.*

— *Não tenho dúvidas de que você vai conseguir. Nunca contei isso a ninguém, mas, desde pequeno, sempre achei que eu tinha uma missão especial, que eu faria algo grande na vida. Não sei bem o que é. Talvez será algo grande e importante só para mim ou para quem amo, mas sinto que é a minha missão.*

— *Você é muito especial, sabia?*

— *Sabia. E fico mais especial ainda ao seu lado. Você tem mudado a minha vida, Rebeca.*

E assim a lembrança se vai. Será que ele soube que realizou sua missão? Que ele fez a tal coisa grande que ele sonhava? Será que ele sabia que eu o amei mais do que a mim mesma, e que despertar esse tipo de amor, essa mudança na vida das pessoas, já é um ato de grandiosidade? Eu fui sua grande missão, Lucas. Você estava mudando a minha vida todo esse tempo.

Não sei se foi o choro excessivo ou o estresse do dia, mas acabei dormindo ali no sofá mesmo. Acordei quando senti alguém sentando perto de mim. Era Luana. Ela tem a chave da casa, pois é ela quem cuida da arrumação junto com Rodrigo.

— Luana...

— Beca, amiga, eu sinto muito. Imagino que não deve estar sendo fácil para você. Sei que, apesar de tudo, você ainda tinha sentimentos pelo Lucas.

— Obrigada por me entender e não me julgar, amiga.

— Amigos estão ao seu lado mesmo quando não concordam com o caminho que você escolheu. Isso é amizade.

— E você já sabe o que houve? O horário do enterro?

— O enterro será amanhã, no Jardim da Saudade, às 17:30.

— E do que o Lucas morreu? Assalto ou acidente?

— Nenhum dos dois, amiga. O Lucas se suicidou.

— Como assim? O Lucas amava a vida, ia ser pai... Ele não tinha motivos para tirar a própria vida!

— Mas parece que tinha... E o enterro vai ser em caixão fechado, porque ele atirou na cabeça.

— Desfigurou o rosto dele? Eu não vou poder me despedir?

— Você não vai poder se despedir de qualquer forma. A Natasha vai estar lá. Duvido que ela deixe você se aproximar. É melhor você nem ir, para evitar problemas.

— Ninguém vai me impedir de me despedir do Lucas!

— Ela é a viúva oficial e está grávida! Até onde sei, a gravidez dela é de risco. Acho melhor você evitar qualquer escândalo. Pensa na mãe do

Lucas. Perdeu o marido, agora o filho... Vamos deixá-la pelo menos curtir o neto.

— Mas eu preciso dizer adeus para o Lucas...

— Rebeca, vocês já se disseram adeus tantas vezes que essa palavra nem cabe mais entre vocês. Para que aumentar essa sua dor?

— Ele não pode ir embora assim!

— Ele já foi, Rebeca. O Lucas está morto. Você não pode mudar isso.

— Amanhã seria nosso décimo aniversário.

— Aniversário? Como assim?

— De namoro. Faríamos dez anos juntos.

— Vocês faziam aniversário de namoro no Dia dos Namorados? Não é estranho?

— Um pouco. Lucas havia me beijado na véspera do Dia dos Namorados, mas foi apenas um beijo. No dia seguinte, ele apareceu na minha casa com um urso de pelúcia e bombons. Eu perguntei o que era aquilo, ele disse que era o meu presente. Eu disse que nem sabia que éramos namorados, então ele chamou minha avó e fez um pedido oficial. Foi idiota, mas lindo.

— Nada mudou, não é, Rebeca?

— Não. Eu tentei mentir e esconder por todo esse tempo, mas a verdade é que nada foi capaz de matar o que eu sinto pelo Lucas. Pelo contrário, eu ainda o amo com toda aquela loucura e paixão de adolescente.

— E o Miguel?

— Miguel é um presente que eu não mereço, mas vou valorizar. A vida já me tirou o Lucas, não vou perder o Miguel também.

— E ele vem amanhã?

— Não, só no sábado. Eu acho que vou deitar, amiga. Meu corpo todo dói, acho que esse estresse não me fez bem.

— Quer que eu fique?

— Não, eu vou me controlar. Acho que vou tomar um dos meus remédios.

— Você não tem tomado regularmente?

— Não preciso mais.

— Foi o médico quem decidiu?

— Eu estou bem, Luana. Confie em mim, por favor!

— Tudo bem, eu só falo porque não quero que você tenha outra recaída daquelas.

— Bom, parece que o maior causador das minhas recaídas não vai poder causar mais nenhuma, então...

— Rebeca...

— Desculpa, amiga, eu só estou exausta do dia de hoje. Só isso.

— Ok, sua chata. Se precisar, me chama. Pode ser qualquer hora, viu? Estou sempre disposta a te ajudar.

— Eu sei. Jamais teria conseguido passar por tudo que passei sem você.

— Agora vá tomar um banho e descanse. Eu tranco a porta.

Sigo o conselho da Lu e vou tomar um banho. Demoro mais do que esperava, pois tenho outra crise de choro. Lucas se suicidou! Aposto que a culpa é da Natasha! Ela é a culpada de todo esse sofrimento! Se ela não tivesse se metido no meu caminho, eu estaria feliz com o Lucas a essa hora.

Saio do banho depois de quase uma hora, visto uma roupa qualquer e nem me dou o trabalho de pentear o cabelo. Mal o seco. Não pretendo sair nem receber ninguém, então está ótimo.

Ao chegar à cozinha, vejo que Lu preparou um suco com pão na chapa e deixou para mim, com um bilhete escrito “Coma! Te adoro!”.

Eu tenho sorte de ter a melhor amiga do mundo. Resolvo comer, pois não fiz isso o dia inteiro e já é quase noite. Miguel manda algumas mensagens via *Whatsapp*. Eu respondo sem entusiasmo. Também não conto o que houve, não quero causar aborrecimentos desnecessários entre nós nesse momento.

Depois de me despedir de Miguel, resolvo deitar, mas minha mente decide não me deixar dormir. Vou até minha mala e pego minha caixa dos recados. Alcanço um caderno e começo a escrever. Uma, duas, três, quatro folhas... E então me sinto mais leve. Volto a me deitar, tentando me preparar para o dia seguinte.

Sexta-feira, 12 de junho de 2015: Dia dos Namorados e dia em que vou enterrar o grande amor da minha vida. Tem como ficar pior?

Capítulo 12

A hora do adeus

12 de junho de 2015

O dia amanheceu nublado, acho que para combinar com a tristeza que eu carregava. Acordei com a esperança de que tudo não tivesse passado de um pesadelo, mas ao pegar o jornal na porta de casa, a notícia me informava da cruel realidade:

“Jovem empresário comete suicídio em seu escritório. Enterro será hoje”.

Algumas realidades são piores que os pesadelos. Eu estava vivenciando isso no momento. Minha vontade era ficar trancada dentro de casa e não falar com ninguém, mas eu precisava ir ao enterro. Ninguém poderia me impedir de prestar minha última homenagem ao Lucas.

As horas pareciam não querer colaborar e insistiam em não passar. Toda atividade se demonstrava inútil. Eu era incapaz de me concentrar em qualquer coisa. Sentia como se algo crescesse dentro de mim. Algo que me machucava de dentro para fora, como se cavasse um buraco dentro do meu já tão arrebitado coração.

Ignorei as inúmeras chamadas de Luana e Rodrigo, sei que tentariam me impedir de ir ao enterro. Não que eu me importe com a Natasha, mas o filho na barriga dela é do Lucas, então não vou causar nenhum estresse para ela. Resolvo sair mais cedo para chegar antes de todos ao cemitério. Talvez assim consiga ver o caixão e escolher um lugar distante de onde observarei toda a cerimônia.

Vou escolher uma roupa. Chego a pegar um vestido preto, mas desisto. Vermelho é a minha cor, independentemente do meu humor. Escolho um modelo discreto, em tom fechado. Amarro meu cabelo em um rabo de cavalo firme e alto. Não passo maquiagem, coloco apenas óculos escuros.

Chego ao cemitério Jardim da Saudade uma hora e meia antes da

cerimônia. Infelizmente, eu conheço bem esse cemitério, pois meus pais e minha avó estão sepultados aqui. Me encaminho até o local onde os corpos são velados. Em cada capela, fica um quadro com o nome do corpo que está ali para ser velado. Passo pelas duas primeiras capelas, estão vazias. Na entrada da terceira, eu paro. Ao olhar para o quadro no alto da capela, está o nome dele: Lucas S. Martins.

Me aproximo e vejo o caixão, fechado. É mórbido, mas lindo. Toco no caixão com cuidado. Talvez eu ache que ele pode cair, se desfazer. Ou, quem sabe, abrir e o Lucas sair dizendo que era uma brincadeira. Porém, sigo deslizando a mão por toda extensão do caixão e nada acontece. Ele permanece imóvel e gelado, prendendo dentro dele uma das melhores partes da minha vida.

Naquele momento, eu me senti como se fosse eu naquele caixão. Comecei a sufocar, me sentia em pânico, como se o espaço fosse ficando cada vez mais apertado. Por mais que eu tentasse, eu não conseguia respirar. Por mais que eu quisesse ficar ali mais um pouco e prolongar a minha despedida, eu precisava sair dali antes que eu desmaiasse. Só me faltava a Natasha chegar e me encontrar aqui desmaiada... Saio e decido caminhar para ver se melhoro. Resolvo ir buscar flores e visitar o túmulo dos meus pais e da minha avó. Compro flores brancas para eles, e vermelhas para o Lucas.

Caminho e observo a calma que esse lugar passa. Por ser tão bonito, limpo e organizado, nem parece um cemitério. Ele transmite uma falsa paz, pois quando você entra aqui, enterra um pouco da sua serenidade e esperança.

Sento debaixo de uma árvore, esperando o momento do enterro. Deixo o meu telefone em modo avião e seleciono o modo aleatório das músicas. Tento esvaziar a mente enquanto ouço uma seleção de música instrumental. Não queria ouvir nenhuma letra que desencadeasse um novo turbilhão de emoções. Apenas deixo meu corpo relaxar, tentando me preparar para a hora da despedida final.

Talvez eu tenha relaxado tanto que acabei por cochilar, ou minha mente simplesmente desligou por um tempo. Quando olho no relógio, faltam apenas dez minutos para o horário marcado. Levanto e começo a caminhar para o local onde Lucas será sepultado.

Paro um pouco distante, encoberta por uma árvore, mas de onde estou consigo observar tudo que acontece. Vejo a quantidade de pessoas que vieram até aqui para se despedir do Lucas. Vejo o caixão no centro, enquanto o padre pronuncia algumas palavras. Observo enquanto a mãe dele, amparada por Rodrigo, deposita algumas flores no caixão e faz uma despedida triste e silenciosa. Então ela aparece em meu campo de visão: Natasha.

Com um vestido preto até os joelhos, cabelos soltos e óculos que cobre praticamente todo seu rosto, ela permanece de pé, ao lado do caixão, sem se mexer ou esboçar nenhum tipo de reação. E então começam a descer o caixão. E essa é a hora em que o mundo desaba. Quando o caixão desce, é o prego final no caixão da esperança. O adeus é definitivo. Não há volta para a morte. Assisto enquanto terminam de jogar a terra e, de repente, a chuva começa a cair. Todos se dispersam. É a minha vez de me despedir.

A chuva cai fina e uma leve brisa percorre o lugar, que agora está vazio. Caminho lentamente até a sepultura de Lucas. Chego até ela e encaro a placa que a identifica. Além do nome e datas de nascimento e falecimento, há uma frase: “Amado filho e marido”. Tanta originalidade só podia ser coisa da Natasha... Afasto as flores que deixaram e deposito as minhas, vermelhas, simbolizando todo amor e paixão que sempre senti. Nem a morte pode pôr fim a um grande amor.

Sem pensar muito, sento sobre a sepultura e passo a mão na placa que indica que ali é o local do Lucas. Sabendo que talvez essa seja a minha última oportunidade de desabafar o que sentia, resolvo abrir meu coração uma última vez:

— Eu queria não estar sofrendo agora, ser capaz de te odiar e não me importar com o que aconteceu, mas eu não consigo. Não consigo, porque, durante todo esse tempo, eu continuei te amando mesmo de longe, e sei que de alguma forma eu ainda vou te amar. Eu sei que ainda vamos nos encontrar de novo, e dessa vez ninguém vai atrapalhar...

A chuva começa a cair mais forte, mas eu não me importo. Eu quero ficar ali, perto do Lucas, deixando aflorar sentimentos que sufoquei por anos. Sinto frio, minha visão está embaçada, mas eu só quero ficar aqui, como se, no momento em que eu fosse embora, nunca mais pudesse me conectar com

o Lucas dessa forma. Eu não queria ter que dizer o último adeus. De repente, sinto alguém tocando no meu ombro. Olho para cima:

— Rodrigo...

— Rebeca, levanta daí. Vem comigo, por favor.

— Eu não vou a lugar algum, Rodrigo. Me deixe!

— Você vai ficar doente, Rebeca. E você não pode passar a noite toda aqui, logo vão fechar o cemitério.

— Eu quero ficar com o Lucas! Agora não tem ninguém entre nós.

— Porque o Lucas se foi. E ele não gostaria de ver você nesse estado. Ele disse para você ser feliz, lembra?

Olho em silêncio para Rodrigo, tentando ponderar o que ele me disse. Assinto levemente com a cabeça, enxugo os olhos e me levanto com dificuldade. A chuva começa a estiar.

— Sabia que você iria me ouvir. Venha, eu te dou uma carona.

— Eu pego um táxi.

— Não precisa ter medo de mim, Rebeca. Sei que ainda está chateada pelo que aconteceu naquele dia em sua casa, mas aquilo foi um fato isolado. Não é a hora, conversaremos sobre isso depois. Por enquanto, apenas me desculpe e me veja como o Rodrigo que você sempre viu.

— Tudo bem, Rodrigo. Uma trégua por hoje, pelo Lucas.

Então ele me abraça, sem se importar com as minhas roupas molhadas. E eu descubro que tudo de que eu precisava era um abraço. Caminhamos em um abraço fraterno até o carro de Rodrigo, que gentilmente abre a porta do carona. Seguimos em silêncio. Quando percebo, estamos indo para outro caminho. Quando paramos, vejo que... Por que Rodrigo me trouxe aqui? Então ele estaciona o carro.

— Por que estamos aqui?

— Rebeca, o Lucas pediu que eu te entregasse isso. Eu não iria te entregar, mas diante das circunstâncias...

Então ele puxa um envelope. Vejo que na frente dele está escrito “Para minha pequena”, com a letra do Lucas. Meu coração dispara. Lucas deixou uma carta para mim. Não consigo falar nada, apenas olho emocionada para Rodrigo.

— Ele me entregou essa carta um dia antes de... De tudo que aconteceu. A ideia dele era que eu te entregasse esta carta e te dissesse que ele estaria te esperando no lugar de vocês. Não sei o que a carta diz, mas acho que você ia querer ler o conteúdo dela aqui nessa praça, que sempre foi o lugar de vocês. Então, vai lá. Se precisar, me liga quando terminar, que venho te buscar.

Ele me entrega a carta. Eu saio trêmula do carro. Ando até o nosso banco, sento e me preparo para ler a carta. Finalmente eu vou saber tudo que o Lucas tinha para me dizer.

Capítulo 13

A carta

12 de junho de 2015

“Rio de Janeiro, maio de 2015.

Pequena,

Eu sei que há anos perdi o direito de te chamar assim, mas mesmo sem direito, é assim que eu te vejo. Na minha memória, você ainda é a pequena que se aconchegava em meus braços, aquela com quem eu dividia meus sonhos e medos: a mulher que escolhi para minha vida.

Entretanto, a vida não é um sonho dourado em que tudo dá certo e somos felizes com facilidade. Eu errei e paguei um alto preço pelos meus atos. Em todos os dias, a dor da sua ausência é o meu maior castigo. E a culpa que me corrói por ter lhe causado tanta dor não me permite viver plenamente.

Então hoje eu resolvi te escrever para abrir não apenas meu coração, mas toda minh'alma. Acho que já passou da hora de resolver todas as questões do passado.

Quando eu terminei com você, eu acreditava estar fazendo o melhor para nós dois. Nosso relacionamento estava sendo nocivo para todo mundo. Qualquer pessoa percebia que seu ciúme, e até seu amor, não estavam em um limite normal. Do meu lado, a minha permissividade e o comodismo ajudavam a minar nossa relação.

No meio disso tudo, descobrimos a doença do meu pai: ele era cardiopata isquêmico, uma das doenças que mais mata no mundo. Nossa vida girou trezentos e sessenta graus. Passei a ter toda a responsabilidade da casa e fazia o possível para que ele não se estressasse. Como ele já não aprovava nosso relacionamento, o aumento de nossas brigas e escândalos

era motivo para ele passar mal e me pressionar para te largar e tomar um rumo na vida.

Eu fui um fraco, um covarde e um cretino. Sei que estou tentando justificar o injustificável, mas, naquela época, eu não enxergava as coisas como agora. Você só piorava, não estava mais fazendo terapia, nem tomando seus remédios. Eu estava amadurecendo forçadamente e meu pai estava morrendo. Não consegui segurar a barra e abandonei a única coisa que era verdadeira na minha vida: você.

Eu sofri, dia após dia, mas precisava parecer forte. Cada vez que o Rodrigo vinha brigar comigo pelo estado em que você se encontrava, eu queria correr para você, mas não podia. Meu pai só piorava. Você, também. Você resolveu me punir, punindo a si própria. Eu sabia de todas as festas e bebedeiras em que você se metia, de todas as vezes em que a Lu e o Rodrigo tinham de te salvar. Além disso, ainda havia as brigas que tínhamos quando nos encontrávamos.

Então você resolveu fazer a prova para a especialização em São Paulo. Ali eu sabia que iria te perder, mas era necessário. Era sua chance de ser grande, coisa que você nunca faria se ainda estivesse comigo. Nesse tempo, a Natasha se aproximou. Primeiro, como amiga. E ela segurou a minha barra. Era para ela que eu me abria, com ela eu deixava a emoção fluir. Eu podia dizer o quanto eu estava ferrado nisso tudo. E ela estava sempre ali, uma mão amiga, um ouvido atento, um ombro para que eu descansasse... Quando vi, já não éramos apenas amigos.

Talvez a carência tenha falado mais alto, ou seja lá o que for, mas eu me envolvi com ela. E fui me envolvendo, como se isso pudesse me fazer escapar da falta que eu sentia de você. E quando eu vi, já estava envolvido demais, a ponto de ela vir me contar que estava grávida. Já tinham passado quase dois anos da nossa separação. Você estava começando a melhorar e tinha acabado de passar na prova, iria viajar uns meses depois. Natasha não podia assumir a gravidez sozinha, seria um escândalo para ela. Imagina, a catequista de crisma, grávida e mãe solteira... Ela perderia o cargo na Igreja, sem contar os problemas com a família dela. Por isso, resolvemos entre nós que nos casaríamos, e não contaríamos sobre a gravidez por

enquanto.

O noivado foi no mesmo mês em que ela descobriu a gravidez, em maio. Ela estava com pouco mais de um mês quando fomos ao médico dela, que nos deu uma notícia que nos abalou muito: Natasha tinha um grave problema no útero, chamado útero infantil. Era um verdadeiro milagre ela ter engravidado, mas seria um milagre maior ainda manter a gravidez. Fizemos todas as recomendações médicas, tudo certo, mas na semana do meu aniversário, ela teve um aborto espontâneo.

Confesso que eu pensei em desistir de tudo e ir atrás de você. Não aguentava mais ficar longe e viver uma vida que não era a que eu queria, mas as responsabilidades me chamavam. O casamento já estava todo organizado, tudo com data marcada. E a Natasha estava muito fragilizada. Eu não podia simplesmente abandoná-la. E não podia bagunçar a sua vida, que começava a tomar um rumo ótimo naquele momento.

Pela minha covardia e por achar que estava fazendo o certo, mantive tudo como estava. Então você apareceu lá em casa no dia do meu aniversário. Eu sou incapaz de resistir a você. É mais forte do que eu. Eu me deixei levar, sem pensar nas consequências. Mas elas vieram mais rápido do que eu esperava. Depois de passar a noite com você, eu tinha certeza de que não podia mais viver naquela ilusão. Por mais que eu quisesse fazer a Natasha feliz, eu não conseguiria, porque meu coração estava em você. Só que a Natasha apareceu, me puxando para a dura realidade. Era a primeira vez que ela saía, e ainda estava bem fraca. Vocês brigaram e deu toda aquela confusão. Sei que não justifica, mas esse foi o motivo da minha reação.

A vida já estava traçada, e eu só podia me manter no rumo. Quando você viajou, eu pensei que ficaria mais fácil, o que realmente aconteceu. Mas ainda doía ver o seu namorico com aquele engomadinho. Eu tentava me enganar que estava apenas preocupado com você, mas era ciúme. Quando você perdeu sua avó e apareceu com aquela aliança de noivado aqui, eu fiquei louco. Eu entendi que tinha te perdido para sempre. Mas vocês não anunciaram a data. Não até hoje.

Hoje, eu abri o jornal e vi a notícia de que vocês tinham marcado a

data do casamento. E mês que vem, você estaria de volta. Perto de mim, longe dele. Eu não posso deixar essa oportunidade escapar. Não posso perder você para sempre.

Quero que saiba que, antes da notícia do seu casamento, eu já havia pedido a separação para Natasha. Aliás, foi logo que soube que você voltaria. Eu não quero mais viver uma vida pela metade. Está na hora de tomar algumas decisões.

Eu sei que eu não mereço perdão, mas eu pretendo tentar me redimir pelo resto da minha vida. Independentemente do que aconteça daqui para frente, duas verdades são absolutas e irrefutáveis: eu vou me separar da Natasha, e eu te amo mais do que já cheguei a amar algum dia.

Eu não posso mudar o passado. Não posso apagar todas as mágoas e cicatrizes que causei, mas prometo lutar por um futuro que vai valer a pena. Eu não quero que você pare ou mude toda sua vida por mim, assim do nada. Quero uma chance, uma única chance de me reaproximar e tentar te mostrar que nosso amor merece mais uma chance.

Não posso deixar você se casar sem te dizer o que sinto e sem te mostrar tudo que aconteceu.

Eu ainda acredito que o nosso amor está acima das coisas desse mundo, como você costumava cantar para mim. Eu preciso te ver e conversar com você pessoalmente. Eu sei que você ainda não me esqueceu. Senti no seu beijo e nos seus olhos naquele dia.

Não permita que o medo nos roube mais tempo. Te espero no nosso lugar, no nosso dia, ao cair da tarde.

Eu te amo. Eu sempre te amei.

*Com todo meu amor,
Lucas”.*

Termino a carta em prantos e com a cabeça explodindo de tanta dor e confusão. Ainda não acredito que tenho em mãos uma declaração do Lucas, uma explicação para esses anos de dor. E ele afirma que pediu o divórcio. Pena que tudo chegou tarde demais...

São emoções e revelações demais para um único dia. Estou destroçada por dentro. No dia em que digo adeus, descubro que o grande amor da minha vida sempre me amou. Como vou conviver com tanta culpa, remorso e saudade? Como vou conseguir me reconstruir depois de hoje? Ainda perdida, levanto e começo a caminhar. Assim que chego perto do local de atravessar a rua, vejo Rodrigo encostado no carro. Caminho até ele, que nada diz, apenas me abraça. E eu começo a chorar. Não entendo como a vida pode brincar assim comigo! Quando enfim me acalmo, ele me pergunta:

— Quer falar sobre isso?

Apenas balanço a cabeça em negativa.

— Tudo bem. Vem, já está tarde. Você precisa trocar essa roupa e descansar. Vou te levar para casa.

— Obrigada por hoje, Rodrigo. Você foi um ótimo amigo. Mais do que eu podia merecer.

— Esse é o meu papel. Eu prometi para sua avó e para você que sempre cuidaria de você. E é isso que eu vou fazer.

Apenas lhe dou um sorriso fraco em resposta. A pequena viagem transcorre em silêncio e rapidamente chegamos a minha casa. Me despeço de Rodrigo e entro em casa. Assim que abro a porta, um vulto em pé me assusta. Acendo a luz rapidamente e...

— Miguel?

— Esperava encontrar quem, Rebeca?

— Eu achei que você estivesse viajando. O que faz aqui?

— Como o que faço aqui? Dia dos Namorados... Achou que eu iria te deixar sozinha, ainda mais aqui?

Então olho para a cozinha. Há uma linda mesa posta, com um jantar à luz de velas e várias pétalas vermelhas espalhadas pelo chão. Miguel preparou essa surpresa, obviamente.

— Desculpa, Miguel. Eu só não esperava. Eu vou apenas me trocar e já volto.

— Onde você estava, Rebeca?

— Eu... Eu... Eu fui...

— No enterro dele, não é?

— Sim, Miguel. Eu fui ao enterro do Lucas, e não vejo nenhum problema nisso.

— Nem eu. A menos que você tenha dado uma de viúva lá, a julgar pelo estado em que você se encontra.

— Deixe de ser ridículo! Eu peguei chuva, porque fui caminhar um pouco depois. Eu não sou viúva de ninguém. Você está aqui, vivo, não é?

— Sim. Só espero não ter que competir com um morto agora, Rebeca. Foi difícil conviver com o fantasma dele esse tempo todo. Agora que ele morreu, espero que tenhamos paz.

— Você está sendo ridículo. Ofendendo um morto...

— Realista, estou apenas sendo realista. Seu passado era um entrave para nossa felicidade. Espero que agora este assunto esteja finalmente resolvido.

— Cadê sua compaixão, Miguel?

— Eu lamento a morte dele, como pessoa, claro. Ninguém merece uma morte dessas, mas não posso deixar de dizer o que penso.

— Realmente, é terrível um rapaz tão jovem se suicidar. Não consigo encontrar uma justificativa para um ato tão extremista. Nunca pensei que o Lucas fosse depressivo.

— O Lucas não se suicidou, Rebeca.

— Como não? Saiu no jornal, estão todos comentando. Como você pode saber de algo se nem estava aqui?

— Eu sou bem informado, e te afirmo que ele não se suicidou.

— Se ele não se suicidou, como ele morreu então?

Estou ficando muito nervosa a essa altura. Como Miguel sabe disso tudo? Como ele consegue se manter tão frio e calmo? O que está acontecendo aqui? Então ele responde:

— O Lucas foi assassinado, Rebeca.

Não consigo sair do lugar. Nem pensar em absolutamente nada. A palavra “assassinado” ecoa na minha mente e me fere ainda mais. Absolutamente nada faz sentido nesse momento. Assassinado? Como assim?

— O que você está dizendo, Miguel?

— Que seu ex-namorado, Lucas, que foi enterrado hoje, não cometeu

suicídio. Ele foi assassinado.

— E como você sabe disso, Miguel?

Ele apenas me olha, dando um sorriso sarcástico e me fazendo uma interrogativa silenciosa com o olhar.

Capítulo 14

Especial - Miguel

Maio de 2015

Será neste domingo. Pedirei a Rebeca em casamento oficialmente e marcaremos a data. Tudo já está devidamente planejado, basta apenas o “sim” final dela.

Desde que a Rebeca chegou ao escritório do meu pai, há alguns anos, ela me chamou a atenção. Não pela beleza, mas pela tristeza que ela trazia no olhar. Qualquer um que olhasse para ela percebia que havia algo de errado, algo que tinha mexido tanto com ela que a transformou. Ainda assim, ela era uma pessoa forte, daquelas que não abaixam a cabeça e falam impulsivamente.

Comecei a trabalhar com ela e, aos poucos, fui descobrindo os fatos. Havia no passado, provavelmente, um coração partido. Algo de que ela nunca falava, mas que a perturbava.

Com o tempo, fui percebendo a pessoa admirável que era ela. Via o quanto se empenhava pela sua carreira. E essa admiração se transformou em interesse. No entanto, Rebeca sempre fugia e mantinha distância. Eu achava que podia ser pelo fato de eu ser seu chefe, mas meu instinto de advogado criminalista me dizia que tinha algo mais.

Na minha profissão, os contatos são tudo. E foi ótimo saber que o delegado responsável pela área onde Rebeca morava era o Guerra, um velho amigo da família. Apesar de estar na localidade há pouco tempo, não foi difícil levantar o passado da Rebeca.

E descobrir o motivo que a fez ficar daquela forma me encheu de ódio. Tinha nome: Lucas. Um moleque que havia destruído o coração da Rebeca. Se dependesse de mim, ele nunca mais chegaria perto dela.

Demorou quase um ano para que eu conseguisse algo com ela. E eu tive que fazer uma loucura, indo ao Rio atrás dela. A essa altura, o meu

interesse já estava em um nível mais alto. Eu estava me apaixonando por aquela rabugenta.

Não sou um anjo, já fiz muitas coisas das quais me arrependo. Porém, sempre respeitei as mulheres com as quais me envolvi. Não é porque não quero me prender a ninguém, que vou sair pisando nas pessoas. Sentimentos existem e devem ser respeitados.

Depois de conseguir ter a atenção da Rebeca para mim, eu tinha um novo objetivo: eu iria conquistar o coração dela definitivamente.

Depois de um ano de relacionamento, eu já estava mais do que apaixonado. Eu amava Rebeca. Mesmo com todas suas manias e cicatrizes, ela ainda era a pessoa mais incrível que eu já tinha conhecido. Inexplicavelmente, ela havia me ganhado.

Nunca abro mão do que quero e não entro em competição para perder. Sabia que, mesmo com a Rebeca ao meu lado, uma parte dela ainda estava presa no Rio de Janeiro, atrelada àquele moleque do Lucas. E eu não iria mais permitir isso.

Lucas era um moleque, mas havia feito algo de muito certo para manter esse encanto por tanto tempo. Só que eu sou um homem, e moleques não têm vez ao disputar com homens. Rebeca merecia o céu, e era o que eu daria a ela no momento certo. Aos poucos, eu chegaria ao coração dela, mostrando-lhe como um homem deve tratar uma mulher. Eu sabia o que fazer, e era questão de tempo para conquistar o que queria.

Claro, eu precisava ficar atento aos passos da Rebeca. Para isso, eu tinha os meus meios. Não muito corretos, não muito convencionais, mas em prol do bem dela e do nosso bem. Eu instalei um programa em seu computador, o qual era capaz de monitorar tudo que ela utilizava. Fiz o mesmo em seu celular. Precisava saber se ele ainda a procurava, ou vice-versa. Sabia que ela mantinha um perfil falso e o observava, mas ela nunca falou com ele. Por isso, não intervi, apenas ficava de olho.

Quando a avó da Rebeca faleceu, foi um período difícil. Achei que a perderia, ela ficou muito mal. Então, vi uma oportunidade em meio ao caos. Comprei nossas alianças de noivado. Ainda não era um pedido de casamento oficial, mas, depois de dois anos de relacionamento, já era hora de mostrar

para que eu estava ali. Fiz questão de ir ao enterro com ela, o que foi ótimo. Aquele sem noção do Lucas ainda tentou falar com ela, mas o coloquei em seu devido lugar.

A cada dia junto de Rebeca, o meu amor aumentava mais. Nunca pensei que amar alguém podia ser tão bom e tão forte. Não tenho vergonha em admitir o que sinto. Ser homem não significa não ter sentimentos. Eu só precisava saber controlá-los. Apesar de amar enlouquecidamente a Rebeca, não conseguia sentir que a recíproca era verdadeira. Eu sabia que ela me amava, mas não era o bastante.

Na minha profissão, aprendi a ler as pessoas. E ela era muito fácil de ler. Ela estava se recuperando, já havia mais vida em seus olhos. Mas aquela tristeza ainda estava lá, escondida. E eu vi o jeito com que Rebeca olhou para Lucas naquele enterro. Ela nunca havia me olhado daquela forma. E um homem sabe quando uma mulher olha apaixonadamente para outro homem. Mas isso não me abalou. Eu sabia os riscos que estava correndo. Rebeca valia todos eles.

Depois desse tempo juntos, era chegada a hora da cartada final. Já tinha planejado o pedido de casamento, mas essa viagem de Rebeca de volta para sua cidade estragou meus planos, principalmente pela maneira como eu soube. Peguei Rebeca e Lucas conversando no telefone, e foi necessário um extremo autocontrole para não perder a paciência. Não fui tão longe para pôr tudo a perder por uma ligação. Dei a ela o espaço de que necessitava. Até que a viagem a trabalho veio a calhar. Quando voltei, contornamos a situação, principalmente depois da ligação dela diretamente do Rio. Se ela estava lá e me ligou, talvez o encanto de Lucas estivesse perdendo a força. Rebeca iria passar um ano no Rio, mas iria como minha, definitivamente.

Eu a pediria em casamento no Dia dos Namorados, mas resolvi adiantar, já que ela viajaria na primeira semana de junho. Um homem tem que ser o que a sua mulher precisa. Nesse momento, eu seria o homem mais romântico do mundo. Daria a Rebeca um pedido de casamento inesquecível e irrecusável.

Escolhi a data a dedo: o domingo de Dia das Mães. Era uma data difícil para ambos, mas eu queria mudar isso. Aliás, eu queria mudar a vida da

Rebeca de uma vez por todas. Preparei todos os detalhes pessoalmente. Planejei tudo, desde a toalha da mesa até o anel, que mandei fazer exclusivamente para Rebeca. Uma peça única para uma mulher única. O amor tem esse poder de mudança, e Rebeca havia despertado uma enorme transformação em mim.

Encontrei nela uma amiga, uma amante e uma esposa. Eu a amava por quem ela era, não pelo que ela fazia. Apesar de tudo, ela era tudo que eu precisava. Já não era necessário procurar em mulher alguma o que eu queria, pois eu encontrava tudo em uma única mulher.

Faltavam apenas dois dias para o passo que iria definir a minha vida e de Rebeca de uma vez por todas. Eu a pediria em casamento, já com uma data definida. Em sete meses, eu a faria minha mulher diante da lei, de Deus e do Lucas. A sorte estava lançada. Perder não era uma opção. Rebeca era minha. Iríamos legitimar isso de todas as formas possíveis, e eu não deixaria ninguém se colocar entre a gente. Agora, era só esperar até domingo para fazer o pedido.

Capítulo 15

Encarando a realidade

12 de junho de 2015

Permaneço imóvel, fitando Miguel atentamente. Conheço a expressão que ele faz nesse momento, esse ar de superioridade de quem sabe absolutamente tudo sobre o assunto em questão. A segurança de Miguel era tão perfeita, que chegava a ser irritante.

— Vou perguntar de novo, Miguel. Como você, que estava em outro estado, sabe de coisas que aconteceram aqui?

— Ah, Rebeca... Às vezes, acho que você esquece que vai se casar com um advogado criminalista potencialmente famoso e que tem contatos em vários lugares. O responsável pela delegacia daqui, o Delegado Guerra, é amigo do meu pai. Qualquer coisa que aconteça por aqui e seja minimamente relevante, eu saberei em seguida. A vida é feita de contatos, minha linda.

— E por qual motivo esse delegado iria contar justamente do Lucas para você?

— Ora, Rebeca, você acha mesmo que eu, com um amigo delegado na mesma jurisdição em que você vai morar, não pediria para ele ficar de olho em tudo que acontece no seu bairro e em você? Acha que eu te deixaria aqui desprotegida? Parece que não me conhece.

— Você é meio paranoico com segurança e controle, Miguel. Estou praticamente em casa. Não preciso de ninguém me vigiando.

— Não estão te vigiando, apenas observando. Você está no Rio de Janeiro, Rebeca. Qual lugar aqui é seguro?

— Ok, Miguel. Certas discussões com você são fadadas ao fracasso. Agora pare de me enrolar, quero saber dessa história do Lucas.

— Só vou conversar com você sobre esse idiota do seu ex porque ele está morto e não tem como interferir mais na nossa vida. Depois de hoje, quero que Lucas fique onde ele está: morto e enterrado, literalmente.

Combinados?

Solto um suspiro exasperada. Não gosto do tom que Miguel usa, mas não posso deixar de entender. Além do mais, quero saber até onde ele sabe sobre essa história da morte do Lucas.

— Combinados, Miguel.

— Ótimo! Então você vai se trocar, antes que pegue uma gripe. Vamos jantar e comemorar o Dia dos Namorados como um casal normal, e depois falamos desse assunto inconveniente. Te espero aqui, minha rabugenta.

Era óbvio que eu não queria esperar. Eu queria que ele me contasse tudo agora, nem estava ligando para jantar. O Dia dos Namorados estava mais sombrio que o Halloween. Porém, uma coisa que descobri durante esse tempo de convívio com Miguel, era que ele sempre ganhava uma discussão. Ele era mestre em argumentação. Quando ele tinha todas as cartas em mãos, como agora, o jogo era de acordo com as suas regras. Eu só podia esperar e fazer como ele tinha pedido. Às vezes, ceder é a melhor opção.

— Tudo bem, Miguel. Vou tomar um banho e me arrumar. Ficaremos em casa?

— Sim, rabugenta. Encomendei panquecas e mousse, tudo do jeito que você gosta.

— Obrigada.

Fui ao meu quarto e selecionei um vestido vermelho qualquer. Rapidamente, tomei um banho morno e me arrumei, simples e discreta, como a ocasião pedia. Até Miguel estava mais descontraído, sem o seu terno usual. Apesar de tudo, era reconfortante a presença dele, saber que existia alguém que se importava tanto comigo assim. Eu sabia que não era fácil estar comigo, mas Miguel sabia lidar com isso muito bem. Em menos de uma hora, já estava pronta para o jantar.



Apesar de meu emocional não estar em um dos seus melhores momentos, Miguel conseguiu que fosse um jantar agradável. Trocamos presentes. Eu lhe dei um trio de camisetas sociais, em diferentes tons de azul, sua cor favorita. Ao entregar o meu presente, Miguel veio com um embrulho

muito elegante: uma bela caixa com um laço vermelho. Ao abrir...

— Miguel! Não acredito! — Exclamo ao olhar o belo presente: um vestido vermelho, todo rendado, uma verdadeira obra de arte! — É maravilhoso! Nossa, nunca vi um vestido tão lindo!

— Eu sei, rabugenta. Esse modelo é exclusivo, mandei fazer sob medida para você. Acertei na minha escolha?

— Sim! Acertou muito!

— Nada menos que o melhor para você.

— Galanteador... Como sempre! Podemos ter aquela conversa agora?

— Você não esquece, não é mesmo?

— Sou curiosa, é um dom!

Tento demonstrar naturalidade, mas a essa altura já estou completamente desestruturada novamente. Sempre foi difícil falar do Lucas. Analisar a causa da morte dele com meu noivo era algo quase insano.

— Tudo bem, rabugenta. Mas vamos combinar duas coisas. Isso fica aqui entre nós. Ninguém pode saber disso, ou atrapalha as investigações. E segundo: a partir de hoje, o assunto Lucas se encerra, ok?

— Perfeitamente, Miguel.

— Bom, o trajeto da bala indica que Lucas foi alvejado, ainda que praticamente à queima-roupa, e não que ele atirou em si mesmo. Suicidas tendem a atirar nas têmporas ou na boca, não um tiro no meio da testa. Outro detalhe é que as digitais encontradas estão no cano da pistola. Não há digitais no gatilho. Quem atirou, limpou a arma ou usou luvas. O Guerra vai esperar o resultado do exame de vestígio de pólvora nas mãos do Lucas para reunir mais provas e instaurar o inquérito, o que demora cerca de trinta dias. Mas, pela nossa experiência, já é possível especular assassinato.

— Meu Deus! Será que foi assalto? Aquela região do Mercado está cada dia mais perigosa... Nem com as obras melhorou o policiamento.

— Duvido muito, Rebeca. Para mim, isso tem outro nome.

— Qual?

— Crime passional. Todas as características de um. Só falta saber quem podemos encaixar.

— Lucas não tinha inimigos. Pelo menos, eu acho que não. Ele sempre

foi o queridinho da turma.

— Parece que não era mais. Agora já chega desse assunto. Hoje, a noite é nossa! E eu só tenho até domingo de manhã para curtir minha noiva. Quero paz e amor com ela, apenas.

— Tudo bem, Miguel. Apenas nós dois.

E assim terminava a minha noite do pior Dia dos Namorados da minha vida. Meu corpo estava ali, alguns sorrisos também, mas eu só conseguia pensar em “crime passionai”. Trinta dias até o laudo sair e tudo se confirmar. Seria um longo mês.



Julho de 2015

Usei o meu melhor remédio para sobreviver a esse mês: o trabalho. Eu era uma sobrevivente, talvez esse fosse o meu dom especial. Todos os dias, eu relia a carta do Lucas. E todos os dias, eu trazia à tona um mix de sentimentos que só me deixavam à deriva, me colocando cada vez mais em uma situação limite.

Evitei os meus amigos todos esses dias, não queria ver ou conversar com ninguém. Desde que Miguel voltou para São Paulo, tenho uma ideia fixa, mas só poderei falar sobre ela após o resultado do exame. Miguel está em um caso grande, nem pode vir aqui durante esse mês, o que de certa forma foi bom. Eu só queria ficar sozinha.

Pude colocar os meus pensamentos no lugar e pensar em cada detalhe do meu plano. A carta do Lucas era peça chave. Se a morte dele havia sido intencional e passionai, eu já tinha ideia do culpado. Só precisaria provar.

Passaram-se 35 dias desde a morte do Lucas, e eu resolvi que era hora de agir. A essa altura, o exame já havia chegado e já teria uma resposta. Era ousadia minha e Miguel ficaria com raiva, mas eu daria um jeito na fera depois.

Me arrumei bem cedo e fui até a delegacia. Me apresentei como a Senhora Duran e pedi para falar com o delegado Guerra, que prontamente me atendeu.

— Senhora Duran, que honra recebê-la em minha delegacia. Parabéns pelas bodas. Gosto de Miguel como se fosse meu filho e faço muito gosto na união de vocês.

— Muito obrigada, delegado, mas ainda não nos casamos oficialmente. Como já me sinto casada, não vejo problemas em utilizar o sobrenome de meu futuro esposo.

— Ah, claro, entendi. Mas a que devo a honra da visita?

— Bem, é referente ao caso do Lucas Martins. Acredito ter em mãos uma prova de que ele foi assassinado. E posso indicar o culpado.

— Ora, senhora Rebeca, isso é grave, muito grave. E por que só agora revelar isso?

— Bom, como noiva de um dos mais brilhantes criminalistas do país, sei que várias perícias são feitas no local do crime, mesmo em suicídio. Pelo estrago que dizem que foi feito, vocês devem ter analisado a trajetória da bala e digitais, além de estarem esperando o resultado do teste residuográfico, que demora cerca de trinta dias. Estava aguardando tudo isso para vir trazer minha opinião.

— Nossa, senhora Rebeca, parece que a senhora é mesmo atenta ao trabalho do seu noivo. Parabéns! Sua linha de raciocínio está correta, mas não posso lhe dar nenhuma informação referente ao caso.

— Sim, eu sei. Mas eu não vim pedir informações, vim trazê-las. O senhor deve saber que há alguns anos eu fui namorada da vítima, certo?

— Sim, as notícias correm.

— Imagino. Pois bem, aqui tenho uma carta de próprio punho, escrita pela vítima, na qual ele afirma que vai largar a esposa para ficar comigo. Aliás, ele afirma que vai largar a esposa de qualquer jeito. Se esse foi um crime passionai, eis a sua motivação e o seu algoz. E só para constar, neste dia, Natasha, a esposa da vítima, faltou ao seu curso noturno, e ninguém sabe onde ela estava. Aqui está o relatório e o telefone do detetive que contratei para averiguar.

— Estou realmente espantado com seu trabalho. Já pensou em ser advogada?

— Prefiro os esportes. Faço isso pela memória do Lucas, pela mãe dele

e pelo filho dele que a Natasha carrega, que não merece a mãe que tem.

— Agradeço a colaboração. Levarei em consideração tudo que me falou e apresentou, mas isso não é a confirmação de nada.

— Só de saber que será investigado, já me sinto tranquila. Agora tenho de ir. Obrigada pela atenção.

Ele me agradece e eu sigo em direção à saída. Assim que passo pelo balcão, esbarro com a última pessoa que queria ver na minha frente: Natasha. Sua barriga está saliente, mas não consigo ver nela aquele brilho que as mulheres grávidas irradiam. Nem grávida essa mulher fica bonita... Tento passar direto, mas é claro que ela não iria deixar:

— Olha, a louca aprontou alguma coisa e teve que vir se explicar, é?

— Bom dia para você também, Natasha — Soletro bem o nome dela para que perceba o meu desprezo.

— Estava bom até eu esbarrar com você, como se já não bastasse ter que vir na delegacia saber resultado de laudos. Será que não podem deixar meu amado marido descansar em paz?

— Você está muito tranquila para quem acabou de perder o marido, não acha?

— Nem toda morte é uma tragédia. Eu posso ter perdido o Lucas, mas pelo menos ele não está com você! Eu ainda tenho o filho dele. Você não tem nada. Nada! O que você sempre foi na vida dele.

E ela sorri debochadamente. Era tarde demais. Meu sangue havia fervido, eu esqueci onde estava e o estado dela. Quando vi, já tinha descido a mão na cara dela, bem na hora em que o Guerra estava saindo. Eu estava ferrada, mas Natasha iria tomar uns bons tapas na cara.

Capítulo 16

Especial - Natasha

Janeiro de 2015

Sento na entrada do laboratório para abrir o resultado do exame. Há quase um ano, eu faço tratamento para engravidar escondida do Lucas. Desde o aborto espontâneo que tive antes do nosso casamento, optamos por não ter filhos. Era arriscado e doloroso demais tentar. Mas eu amava Lucas o suficiente para arriscar tudo. Ainda mais sabendo que nosso casamento estava por um fio.

Eu sabia que Lucas não me amava como amou Rebeca, mas ele tinha um sentimento por mim, que foi construído com muito esforço e dedicação. Levei anos até conseguir algo com Lucas. Anos de um amor em silêncio, de uma paixão reprimida, observando a felicidade dele com Rebeca. Eu era apaixonada pelo Lucas há anos, desde quando comecei a trabalhar na loja dos pais dele.

Eu tinha 18 anos, e ele, 19, e raramente ele aparecia na loja. Mas sempre que ele aparecia, eu sentia algo diferente. Nós estudamos na mesma escola, mas em séries diferentes. Lucas sempre foi popular. Eu sempre fui mais quieta, na minha, carola de Igreja, como costumavam me chamar. Por isso, eu apenas observava Lucas de longe. Ele era “muita areia para o meu caminhãozinho”, e eu nem cogitava ter algo com ele. Mas o tempo passou, ele voltou para a cidade. Eu mudei e aquela admiração infantil virou paixão. Passei um ano nesse amor platônico. Quando eu resolvi me declarar, foi o dia em que a Rebeca derramou refrigerante no Lucas. Em vez de ele ficar com raiva, achou divertido e resolveu ir atrás dela. Eu não sabia que isso faria com que eles se aproximassem e se apaixonassem. Eu assisti a tudo de camarote e calada. Sempre.

Nunca consegui me declarar. E nunca deixei o Lucas perceber o que eu sentia. Mas isso não impedia a Rebeca de ter um ciúme doentio de mim. Ao

contrário do que ela pensa, eu sempre respeitei o relacionamento dos dois. A única vez em que fiquei com ele, eles estavam separados, e nem assim eu ousei contar que estava apaixonada. Eu achei que era minha chance, mas eles voltaram. Como sempre. Todo mundo já estava acostumado com o relacionamento temperamental e explosivo dos dois. Até eu, mesmo que isso me doesse. Eu optei por ficar na minha.

E eu fiquei ali, esperando a minha vez. Já amou tanto uma pessoa que seu coração dói na ausência dela? Já teve que observar a felicidade do seu amor nos braços de outra? Pois eu assisti a isso por anos. Quieta, na minha, calando um sentimento. Então o inesperado aconteceu: eles se separaram. Dessa vez, parecia definitivo. Era a minha chance.

Eu seria o que o Lucas precisasse, e ele estava precisando de uma amiga. Eu estava lá na hora em que ele mais precisava. Era nos meus braços que ele encontrava forças para superar esse relacionamento. Ninguém via, mas Lucas sofreu muito ao se separar da Rebeca. Por ver o quanto ele sofreu por ela, eu comecei a detestá-la. Ela teve tudo e, por pura estupidez, perdeu. Sem perceber, nos envolvemos além da amizade, e foi uma surpresa descobrir a gravidez, já que era quase impossível eu engravidar. Foi quando eu resolvi falar toda a verdade para o Lucas, dizer que já fazia tempo que eu o amava. Fiquei com medo de ele achar que eu estava tentando dar o golpe da barriga, mas todos os meus exames anteriores e o médico atestaram que era um milagre a minha gravidez. Nem se eu quisesse daria para armar um golpe em tão pouco tempo.

Quase não acreditei quando Lucas disse que nos casaríamos. Era pelo motivo errado. Ainda assim, eu teria a minha história de amor. Mas eu perdi o bebê, Lucas teve aquela noite com Rebeca, e eu achei que tinha perdido tudo. Sei que foi por pena que Lucas ficou comigo, mas, naquele momento, isso não importava. Só interessava que Lucas fosse meu.

Então Rebeca foi embora e eu pude viver em paz por um tempo. Eu sabia que ele não a tinha esquecido por completo. Eu revirava suas coisas e sempre tinha algo guardado lá. Reli várias cartas deles, mas ela estava longe, ele estava comigo, e eu achava que isso bastava. Em algum momento no meio desses anos, eu comecei a perder o Lucas de novo. Eu vi acontecer: o

sentimento dele por Rebeca estava voltando. Era hora de agir, por isso retomei o tratamento. Lucas sempre foi louco por um filho, e eu descobri, remexendo nas cartas de amor que eles costumavam trocar, que Rebeca jamais poderia engravidar. Essa era minha chance: um filho. E assim eu teria o Lucas para sempre. Pode soar errado, mas um filho não é o resultado de um amor grande demais? Eu sentia esse amor por nós dois.

Por isso, meu mundo desabou ontem quando Lucas disse que queria se separar. Quase tive um troço quando minha amiga Renata disse ter visto a Rebeca no salão ontem. Ela estava aqui. Ela me tiraria o Lucas. Mas agora eu estava grávida. Eu era a esposa. As cartas estavam nas minhas mãos. E eu conduziria esse jogo.

Fui até a casa dela. E foi um desastre, obviamente. Rebeca não havia mudado, continuava barraqueira e escandalosa. O que de certa forma era bom, pois usaria isso ao meu favor. Ela pagaria por aquela surra de anos atrás, pelo buquê e por esse tapa. E pagaria muito caro.

Eu não cheguei até aqui para perder. Rebeca era passado, e eu, o presente do Lucas. E esse filho representaria nosso futuro. Era hora de Rebeca entender que Lucas era meu, e nada que ela fizesse mudaria isso. Por amor, eu seria capaz de tudo.

O grande problema é que nem o filho tirou essa ideia de divórcio da cabeça de Lucas! Dessa vez, ele estava decidido, mas disse que esperaria o bebê nascer, visto que a minha gravidez era de risco. Eu teria entre sete e nove meses para resgatar meu casamento, já que a criança poderia nascer prematura. Eu jogaria com tudo que eu tivesse.

O amor é um sentimento perigoso. Ele te dá asas e te derruba com a mesma intensidade. Arranca lágrimas e sorrisos em questão de minutos. Te muda. Ele te exalta em todos os sentidos, até os piores. Meu amor pelo Lucas era imensurável, e eu estava disposta a tudo para manter esse casamento. Eu teria o meu “felizes para sempre” a qualquer custo. No amor e na guerra, os fins justificam os meios. E eu entraria em uma guerra pelo meu amor. Sem possibilidade de sair derrotada. Se alguém estava errada nessa história, era Rebeca, afinal, eu era a esposa. Mas eu a colocaria no lugar dela.

Capítulo 17

Atos impensados, consequências imediatas

Julho de 2015

Depois do primeiro tapa, já não ligava mais para nada. Mirei na cara dela e desci o braço. Ela me acertou alguns tapas e um chute, até que alguém nos segurou. Natasha soltou um grito de dor tão agudo, que não tinha como ela estar fingindo. Olhei para as pernas dela e vi sangue escorrer. Ela estava perdendo a criança! Entrei em desespero. Era um pedaço do Lucas ali, e ele não podia morrer!

— Guerra! A Natasha está sangrando! O bebê, ela vai perder o bebê! Alguém tem que fazer algo! — Gritei para o delegado, que me segurava, indeciso se eu continuaria batendo nela ou não.

— Pode me soltar, Guerra! Eu não vou mais bater nela. Ela precisa de um médico, e tem que ser agora!

Nesse momento, Natasha geme de dor e leva a mão na barriga. Ela parece que vai cair. Eu corro para ampará-la.

— Sua vagabunda! Não basta ter tentado tirar o meu marido, agora vai me fazer perder meu filho. Sua invejosa!

— Se acalma, Natasha! Você está sangrando, eu só quero ajudar...

— Ajudar? Depois de me bater? Deixe de ser fingi... — Ela não consegue terminar, pois desmaia, fazendo com que todos os presentes entrem em desespero.

Fico parada, apenas observando tudo que acontece. Guerra age rapidamente, pois mal o vejo carregar Natasha. Ao longe, ouço a ambulância. Apenas me recosto no balcão, com a sensação de que vou desmaiar. Não ligo para o que aconteça com Natasha, mas aquela criança tem que ficar bem. Ela é um pedaço do Lucas, uma lembrança viva dele.

Não sei quanto tempo passou, nem se passou algum tempo. Sinto um toque no meu ombro e me viro:

— Guerra, me desculpe pela confusão! Você deve achar que sou louca. Mas...

— Olha, Rebeca, você agiu muito errado. Bater em uma mulher grávida, dentro de uma delegacia... Sua sorte é que há pessoas que comprovam que ela te provocou e ela também te atacou. Mas parece que ela não vai dar queixa, então vá para casa e se controle, por favor.

— E como o bebê está?

— Eu só a deixei no hospital. A sogra estava lá quando chegamos, estava realizando alguns exames e ficou com ela. Eu a deixei e voltei para cá.

— Ela não pode perder essa criança. Não pode!

— Você não parecia tão preocupada com isso enquanto batia nela.

— Eu só bati na cara. Não imaginei que afetasse a barriga. Se soubesse, não teria dado trela para as provocações. Esse bebê é muito importante.

— Acho que você deve ir para casa e descansar. Quer que eu ligue para seu noivo?

— Deus me livre! Miguel vai ter um troço quando souber o que aconteceu aqui. Ele vai ter um treco só de saber que eu estive aqui. Além do mais, ele está em São Paulo. Posso ir sozinha. Agradeço a preocupação.

— Como preferir, Rebeca. Apenas cuide-se e evite confusão, por favor.

Apenas sorrio, pego minhas coisas e saio. Não era o que eu tinha planejado, mas eu tinha conseguido acusar a Natasha. Ela iria ser declarada culpada. A mãe do Lucas vai pedir a guarda do neto, com certeza, e eu vou poder me aproximar da criança e ter um pedaço do Lucas perto de mim. Meu plano era perfeito.

Decido não ir trabalhar. A tensão começa a mostrar resultados no meu corpo. No caminho para casa, ligo para o trabalho e justifico minha falta. Como sempre deixo o trabalho adiantado, minha ausência não interferirá em nada.

Assim que o táxi vira na minha rua, avisto alguém parado em minha porta. Mentalmente, rogo a Deus que não seja o Miguel. Nem gosto de imaginar como ele vai reagir a essa situação toda, e não tive tempo para me preparar. Ao passo que o carro se aproxima, consigo enxergar quem está a minha espera: Rodrigo. Ótimo, quase tão ruim quanto Miguel. Respiro fundo,

acerto a corrida e desço do táxi:

— Rodrigo, o que faz aqui?

— Rebeca... Eu queria saber como você está. Eu e Luana estamos preocupados com você. O que está acontecendo?

— Nada, não tem nada acontecendo. Eu apenas precisava de um tempo para mim.

— Será que podemos conversar então?

— Ok, Rodrigo. Mas nada de gracinhas. Não estou nos meus melhores dias.

— Pode deixar. Prometo me comportar.

Abro a porta e o convido a entrar. Indico para que ele se sente no sofá, enquanto vou deixar minhas coisas no quarto. Antes de voltar, passo pela cozinha e pego um refrigerante para ambos. A última vez que Rodrigo bebeu foi um desastre. Me sento no sofá de frente para ele:

— Pronto, Rodrigo. Sou toda ouvidos.

— Você pode me tratar normalmente, Rebeca. Acho que já dei provas da minha amizade e respeito.

— Desculpa, Rodrigo. Apenas estou nervosa. Foi um dia difícil.

— Tem sido difícil para todos, Rebeca. Mas acredito que esteja na hora de você deixar o luto. Lucas nem era mais nada seu.

— Isso não muda o fato de que ele era importante para mim.

— Você age como se ele se importasse. Ele não ligava para você ou para o modo como você se sentia.

— Está enganado. O Lucas ainda me amava. Ou descobriu que ainda me amava, não importa. Na carta que você me entregou, ele me contava isso. Ele largaria a Natasha por esse amor.

— Isso não faz sentido! Então para que ele iria se suicidar?

— Nem tudo é o que parece, Rodrigo.

— Pois para mim parece que você quer prolongar ainda mais esse sofrimento doentio que você chama de amor. Lucas está morto e nem assim você consegue se livrar dele!

— Nem parece que você está falando do seu melhor amigo.

— O fato de ele ser o meu melhor amigo não me deixa cego para os

erros dele. Não é porque ele morreu, que ele virou santo. Lucas não te merecia em vida. E não merece seu sofrimento depois de morto!

— Você não sabe do que fala! Não entende nada sobre amor! O Lucas me amou... Ele me amava — Mesmo não querendo, lágrimas começam a arder em meus olhos e descer vagarosamente pelo meu rosto. Eu estava no meu limite, e qualquer coisa me fazia perder o controle.

— Que amor é esse que destrói e faz doer? Pois eu acompanhei anos de sofrimento. Mesmo quando vocês namoravam, você sofria. Como você pode se contentar com tão pouco, Rebeca?

— Fui feliz com o Lucas! Seu julgamento não muda em nada isso. Infelizmente, ele não está mais aqui e não posso dizer como seria agora. Porém, eu vou me casar. E te garanto que o meu noivo não é pouca coisa.

— Você ainda não desistiu desse casamento ridículo?

— Não me venha com esse papo de novo, Rodrigo!

— Você nem ama seu noivo. Nem ao menos é apaixonada por ele! Será que ele é cego e não percebe isso? Será que você não vê o quanto vocês são diferentes?

— Duas pessoas não precisam ser iguais para darem certo. E eu amo o Miguel, sim. À minha maneira, mas amo.

— Eu achei que a morte do Lucas te faria abrir os olhos, Rebeca! Seu lugar é aqui.

— Não há mais espaço para mim aqui, Rodrigo. Ainda mais depois da morte do Lucas.

— Quer dizer que, se ele estivesse vivo, haveria espaço para você aqui?

— Olha, Rodrigo...

— Responda, Rebeca!

— Talvez.

— Talvez? O cara te sacaneia a vida toda... Aí te escreve uma carta e pronto, tudo está perdoado! Meu Deus... Como eu sou babaca!

— Por que você é um babaca, Rodrigo?

— Porque eu achei que, com o Lucas morto, talvez você olhasse para mim. Que sem ele para atrapalhar, talvez você percebesse quem te ama de verdade. Eu achava que nosso maior problema era o Lucas. Mas vejo que é

você, Rebeca. Você não quer ser feliz!

— Você fala como se estivesse feliz pela morte do Lucas...

— Não estou feliz. Perdi um amigo, mas confesso que fiquei aliviado por achar que teria uma chance com você. Só a morte poderia quebrar essa obsessão que você tem em relação ao Lucas.

Encaro chocada o Rodrigo. Como ele pode ser tão frio? Falava como se a morte do melhor amigo dele não significasse nada. Como se ele até pudesse ter desejado aquilo. Quando enfim consigo me recuperar do choque, falo com dificuldade:

— Acho que a conversa tomou um rumo inesperado. É melhor você ir, Rodrigo.

— Tudo bem, Rebeca. Mas isso não termina aqui. Não comecei a lutar para desistir. Agora que comecei, vou até o final, sem medo das consequências.

Assim que termina de falar, ele se levanta, me dá um beijo na testa e sai. Eu permaneço no lugar, quase que em choque com o dia surreal que acabei de ter.

Resolvo tomar um banho e deitar um pouco. Acho que isso pode me ajudar a recuperar as forças. Todo meu corpo dói e minha cabeça parece que vai explodir. Tomo um dos meus remédios e caio em um sono profundo, pesado e sem sonhos.

Não sei quanto tempo passou, mas acordo com a sensação de estar sendo observada. Ainda sonolenta, esfrego os olhos e me viro para a porta do quarto. Não acredito no que vejo!

— Miguel? — Ele está encostado no batente da porta, com um dos seus ternos. Mas está sem gravata e paletó, com as mangas da camisa dobradas, o que indica que ele veio direto do trabalho. Ele abre um meio sorriso:

— Até que enfim, Bela Adormecida! Nem o meu beijo te despertou! Já estava preocupado.

— Eu tomei um remédio para dormir, não me sentia muito bem. São que horas?

— Quase oito da noite. Há quanto tempo você está dormindo?

— Desde a hora do almoço, eu acho.

— Aposto que não comeu, não é?

— Verdade, eu esqueci.

— Ainda bem que eu penso em tudo. Vou buscar o que trouxe para nosso jantar. Você me espera aí. E enquanto comemos, vamos conversar sobre o dia movimentado que você teve. Imagino que tenha algumas coisas para me contar. Não é mesmo, Rebeca?

Ele me encara com um ar acusador, sorri sem muita vontade e sai do quarto. Ferrada. Eu estava ferrada. Ele já sabia do episódio da delegacia. Agora as coisas iriam desandar de vez...

Capítulo 18

Especial - Rodrigo

Junho de 2015

Eu estava cansado. Chega uma hora em que você simplesmente cansa de ser bom, de ficar quieto, de fingir que está tudo bem. E a minha hora havia chegado.

Faz anos que eu amo a Rebeca em segredo. Na realidade, dez anos. Comecei a sentir algo por ela logo depois de Lucas me apresentá-la. Eles ainda nem estavam namorando. Nem saindo, eram apenas colegas. Achei estranho o Lucas apresentar uma menina para mim, ele nunca havia se preocupado em levar ninguém para nosso convívio.

Na noite em que ele combinou comigo, apenas disse que queria me apresentar a uma pessoa. Marcamos em um rodízio no shopping, e eu achei estranho ver o Lucas chegar com aquela garota com um rabo de cavalo que balançava de um lado para o outro, short jeans, All Star e uma camiseta comum. Eles vinham conversando animadamente, e o modo espontâneo e descontraído com o qual ela sorria me chamou a atenção. Fomos apresentados, e ela agia como se me conhecesse há tempos. Depois, a levamos em casa e, no caminho, Lucas resolveu me contar o que estava realmente acontecendo:

— E aí, Rodrigo, o que você achou da Rebeca?

— Ela é legal, divertida. Nem parece uma menina. Não as com que você costuma sair, pelo menos.

— Eu sei disso. Ela é diferente, né? Viu como ela entende de futebol? E como é fácil conversar com ela?

— Sim. Foi legal ter a companhia dela hoje. Quando vi vocês chegando, até achei que iria segurar vela e que ela era mais uma daquelas meninas fúteis com quem você costuma ficar. Mas ela é diferente.

— É, ela é diferente. Que bom que gostou dela, sua opinião é

importante para mim. Você é o irmão que eu nunca tive. Por isso, quero que seja o primeiro a saber: eu vou pedir a Rebeca em namoro na semana que vem, no Dia dos Namorados.

— Namoro? Você nunca namorou ninguém! Nem sabia que vocês estavam ficando tão a sério...

— Eu nunca fiquei com ela. E duvido que ela aceitaria ficar comigo. Rebeca não é desse tipo. Acho difícil ela dar trela para alguém. Aquela cara de anjo é fachada, ela tem um gênio difícil. Talvez seja isso que me atrai tanto nela.

— Você acha que está pronto para namorar? E acha que ela vai aceitar?

— Acho que a Rebeca vale a pena. E, bem, eu acho que ela gosta um pouquinho de mim. Vou fazer um pedido que não dê a ela a chance de dizer “não”.

— Então só posso te desejar boa sorte, cara.

— Obrigado, irmão. Foi bom dividir isso com alguém.

Assim aquela noite acabou. E na semana seguinte, Lucas apareceu na minha casa já perto da meia-noite do Dia dos Namorados, para me contar que ela havia aceitado. Ele estava feliz, e eu fiquei também, afinal, ele era o meu melhor amigo e eu torcia para sua felicidade.

Com o início do namoro dos dois, Rebeca começou a conviver mais comigo. Ela não ligava se fazíamos programas juntos. Pelo contrário, ela parecia se divertir.

Com o passar do tempo, eu comecei a reparar mais nela. Em como ela gostava de certas coisas, no som da sua risada, na maneira como ficava quando brigava com o Lucas... Eu acabei me tornando seu amigo também e, por várias vezes, fui seu confidente. E foi assim que eu me descobri apaixonado pela namorada do meu melhor amigo. Eu me culpei e me senti um baita filho da mãe por isso.

Claro que eu guardei esse sentimento e não fiz nada para atrapalhar o relacionamento dos dois. Não seria justo me meter, eu sabia que estava errado. Achei que, com o tempo, isso iria passar, que talvez fosse só uma paixonite. Mas à medida que o tempo passava, meu sentimento aumentava. Em cada garota com que eu ficava, eu procurava a Rebeca. De paixão, meu

sentimento havia evoluído para amor. E, mesmo assim, continuava errado, pois ela e Lucas ainda eram namorados.

Apesar de tudo que eu sentia pela Rebeca, nunca torci contra os dois. Pelo contrário, eu ficava feliz pela felicidade deles, pois qualquer um podia ver o quanto eles se gostavam. O problema é que eu conhecia bem o Lucas para saber que, cedo ou tarde, ele faria alguma merda. E passei a conhecer a Rebeca, o que me fez perceber que o amor e o ciúme que ela sentia estavam acima do normal. Em algum momento, isso daria muito errado. Vi os dois terminarem várias vezes e voltarem, até ajudei algumas vezes. Mas houve uma vez em que não teve volta. E eu sofri junto com a Rebeca, pois ela mergulhou em um mar de tristeza e sofrimento do qual eu achei que ela nunca mais iria sair.

No período do término, Lucas se afastou de mim e quase não tocava no assunto. Eu me aproximei ainda mais da Rebeca, mas não tentei nada. Naquele momento, ela só precisava se curar. E eu estaria ali para cuidar dela. Ao ver o estado em que ela se encontrava, eu comecei a ficar com muita raiva do Lucas. Não era justo o que ele estava fazendo com ela, com os dois. Ele sempre foi manipulado pelo pai, mas dessa vez estava passando dos limites. Tivemos inúmeras discussões por isso, principalmente quando eu tinha que carregar a Rebeca bêbada para casa depois de mais algum porre. Eu sempre culpava o Lucas pelo estado dela, cobrava que ele fosse atrás dela ou pelo menos dissesse a verdade, e ele sempre fugia. Em uma dessas discussões, eu confessei o que sentia por ela para ele, que me disse apenas que eu estava confuso.

Depois disso, eu resolvi que iria contar para a Rebeca. Não pediria nada, apenas queria aliviar o que eu guardava há tanto tempo. No dia em que resolvi fazer isso, ela me contou que havia passado em uma importante prova de especialização, e que em breve iria para São Paulo. Não contei nada, era a chance que ela precisava para se reerguer e recomeçar, ainda mais com a notícia do casamento do Lucas.

Achei que seria um bom jeito de testar o que sentia. Nunca tínhamos nos afastado. Talvez essa distância servisse para mostrar se o que eu sentia era verdadeiro ou não. Seriam apenas dois anos. Quando ela voltasse, talvez

eu tivesse uma chance.

Eu fui o melhor amigo que ela poderia ter. Eu cuidei dela, eu fui o ombro amigo, eu sempre estive ali para ela. Eu a vi crescer, encarar as durezas da vida. E vi seu sorriso se apagar. Eu estive ao seu lado, enxuguei suas lágrimas e prometi que cuidaria dela em todos os momentos da sua vida. Eu estive ali por ela. Em todos os momentos, bons ou ruins. Como ela não me escolheu? Como ela começou a namorar com um playboyzinho metido a advogado que não sabe nada sobre ela? Como ela resolveu ficar em São Paulo e deixou a vida dela aqui no Rio para trás?

Mesmo com o namoro dela com o tal do Miguel, eu não contei dos meus sentimentos. Eu acreditava que isso não iria longe. Eu conhecia a Beca o suficiente para perceber que ela não amava nem era apaixonada pelo namorado. Ela se sentia segura com ele. Apenas isso. Mas quando a avó dela faleceu, eu percebi que a perderia para sempre, pois não havia mais nada que a ligasse ao Rio. Era um lugar de tristezas para ela, era perfeitamente compreensível que ela quisesse apagar as dores que vivera aqui. Resolvi mais uma vez calar meus sentimentos e esperar. Parece que nunca era a hora certa de falar.

Dois anos passaram e então o improvável aconteceu: Rebeca voltaria para casa por um ano. Pela primeira vez, vi o destino sorrir para mim. Pena que esse sorriso durou pouco, pois meses depois veio a notícia do seu casamento e o convite para ser padrinho. Assim eu percebi que, se não agisse agora, eu perderia a Rebeca, sem nem ter podido lutar por ela. E isso não seria justo.

Tomei coragem e decidi contar tudo para ela. Mas antes parei em um bar com a Lu e acabei bebendo demais. De repente, me senti um adolescente de novo, sem saber como me declarar e com medo de ser rejeitado. Bebi e chorei minhas mágoas no ombro da Luana, que tentou me convencer de que eu estava apenas confuso e que isso iria passar. Acho que ela não entendeu que eu estou há dez anos esperando isso passar... Mas parece que quanto menos um amor é correspondido, mais ele vive. A conversa com a Luana não transcorreu como eu esperava, mas eu estava decidido. Por isso, mesmo ainda um tanto alto, fui contar toda a verdade para a Rebeca.

Desastroso, fiasco, vergonhoso... Assim posso descrever a minha declaração para Rebeca naquele dia. Ainda tomei um tapa dela por ter lhe roubado um beijo. Sei que fui duro com algumas coisas que falei, mas ela precisava cair na real.

Lucas jamais ficaria com ela. Duvido que ele teria coragem de fazer uma reviravolta tão grande em sua vida. E esse Miguel é só um riquinho mimado que nunca vai entender o tipo de mulher que a Rebeca é. Eu precisava mostrar para ela que eu era sua melhor opção.

Aquele tapa não me desencorajou. Pelo contrário, funcionou como estímulo. Eu precisava acordar e lutar pelo que eu queria. Passei dez anos fugindo de um sentimento que crescia sem parar dentro de mim. Era hora de deixar tudo isso aparecer.

Eu lutaria pela Rebeca. Não importava se eu teria que enfrentar o Lucas e até mesmo balançar nossa amizade. Ele já teve a chance dele. Agora era a hora de buscar a minha oportunidade.

Também não me importava com o Miguel. Ele não me intimidava nem um pouco. Eu tinha uma vantagem sobre ele: eu conhecia a Rebeca completa. Ele só conhecia a Rebeca quebrada, que havia se tornado uma pessoa bem diferente do que ela costumava ser. As pessoas mudam, mas não perdem sua essência. E era isso que eu usaria a meu favor: todo conhecimento que eu tinha a respeito dela.

Depois de um bom banho e de colocar as ideias no lugar, eu havia tomado uma decisão: eu iria conquistar a Rebeca, sem me importar com qualquer consequência, sem me importar com quem ou o que eu teria de derrubar. Eu estava disposto a tudo pelo amor que eu sentia. E não havia nada nem ninguém que pudesse me atrapalhar.

Capítulo 19

Encarando as consequências

Julho de 20015

Enquanto aguardava Miguel voltar, o nervosismo tomava conta de mim. Sua última palavra foi simples, mas carregada de significado. Eu não queria brigar com ele. Mas ter ido à delegacia, depois de ele deixar claro que não me queria metida nisso, pode desencadear uma briga daquelas. Os minutos pareciam não passar, e ficar sentada na cama não estava ajudando. Resolvo ir até o banheiro para tentar melhorar o visual. Apesar de ter dormido pesadamente, ainda é possível ver o quanto meu semblante está triste e cansado. Faço o melhor que posso e volto para o quarto. Encontro Miguel sentado na cama, com uma bandeja e uma expressão séria no rosto.

— Parece melhor agora, Rebeca. Realmente me assustei com a cara com que estava. Você não parece muito bem.

— Não há nada, Miguel. Vamos comer?

— Claro, querida. Vamos ter uma refeição tranquila. Depois conversamos. Uns minutos de paz podem fazer bem.

Apenas olho para Miguel, sem coragem de responder nada. Com calma e de cabeça baixa, caminho até a cama e me sento de frente para ele. Não me atrevo a encará-lo. Miguel sabe deixar qualquer um desconcertado apenas com o olhar, e eu preciso reunir forças para nossa conversa. Quero fazer com que ele entenda meus motivos e não fique ainda mais irritado do que já está. Ele ainda não disse uma palavra sobre o assunto, mas o estado de irritação que emana dele é notório e quase palpável.

Comemos em um silêncio um tanto quanto irritante, mas ainda agradável. Poucas foram as palavras e os olhares trocados. Terminamos a sobremesa, e então Miguel ajeitou-se na cama, de modo que ficou sentado de forma ereta e bem de frente para mim:

— Bom, Rebeca. Agora que tal conversarmos como adultos

civilizados?

— Claro, Miguel. Sobre o que você quer conversar?

— Você sabe.

— Prefiro que você comece.

Miguel estreita os olhos em um claro sinal de descontentamento. Inclina levemente a cabeça, e sua expressão é cada vez mais séria e incrédula, como se me olhasse e não acreditasse no que fiz. Há mais do que desapontamento no seu olhar. Há raiva. O tom da sua voz é frio e praticamente sem emoção, assim como ele faz no seu trabalho. Não era o meu Miguel que estava ali. Era o Miguel, advogado, frio, calculista e observador, me encarando como se pudesse ler meus pensamentos.

— Estou curioso em relação a sua visita repentina ao meu amigo Guerra hoje. Não sabia que vocês se conheciam.

— E não nos conhecíamos. Não até hoje.

— Interessante. Você não o conhece e foi até a delegacia falar com ele. E qual foi o motivo da visita?

— Eu fui falar sobre a morte do Lucas...

Miguel me olha como se tivesse visto um fantasma. São indecifráveis as expressões que passam por seu rosto: raiva, decepção, dor... Como que para manter o nível da conversa e mostrar que não fiz nada errado, eu sustento nosso contato visual. Não vou retroceder agora, é a minha chance de fazer a Natasha pagar por tudo que ela já aprontou comigo. Mas também não vou perder o Miguel. Dessa vez, eu ganharia o jogo, por completo. Miguel interrompe o silêncio, soltando uma leve gargalhada:

— Falar sobre a morte do Lucas? O assunto que demos como morto e enterrado, cuja investigação é confidencial e da qual você nem devia estar sabendo? Você foi falar do assassinato do Lucas com meu amigo, Rebeca. Achou que eu não ficaria sabendo? Você só pode estar brincando comigo!

— Eu precisava ir, Miguel. Pela justiça. Eu tenho uma carta que pode ajudar na investigação.

— Ah, a carta... O Guerra me falou sobre a carta. Interessante, não? Descobrir por terceiros que o ex da minha futura esposa planejava se separar da mulher para ficar com ela. Mais interessante é sua noiva espancar uma

mulher grávida na delegacia por conta do ex morto, e o delegado me ligar para me deixar a par da situação, já que ela pode receber um processo, porque a grávida está internada com risco de perder o bebê!

Miguel fala isso aos berros e levanta-se da cama, rápido e com raiva. Ele está vermelho e trêmulo, beirando um descontrole que nunca o vi ter.

— Ela me provocou, Miguel!

— Não vou tocar no assunto da grávida agora, Rebeca. Antes, tenho duas perguntas. Primeira: você já sabia dessa ideia de o Lucas pedir o divórcio?

— Não, só soube no dia do enterro dele, quando a carta chegou até minhas mãos. É nela que ele fala sobre isso. Não tive nenhuma conversa com o Lucas desde que voltei.

— Ótimo, eu acredito nisso. Mas agora vem a pergunta mais importante: se as circunstâncias fossem diferentes e Lucas estivesse vivo agora, o conteúdo dessa carta mudaria alguma coisa para você? Você estaria disposta a dar uma nova chance para aquele moleque?

Eu não consigo responder, pois não há uma resposta que eu seja capaz de dar. Não parei para pensar nisso. Mas se tivesse, talvez a minha resposta pudesse desagradar o Miguel. Não sou capaz de mentir para ele, nem de formular uma resposta coerente e convincente. Então apenas desfaço nosso contato visual e abaixo a cabeça.

— Seu silêncio responde mais do que suas palavras, Rebeca! Eu não acredito nisso! Você ia me largar para voltar para aquele moleque! Isso é inacreditável!

Miguel caminha com raiva pelo quarto. Eu só consigo ficar parada. Tenho medo de que qualquer palavra minha o tire ainda mais do sério.

— A Brenda chega hoje para ficar uns dias com você. Talvez com ela por perto, você recupere o juízo e pare de fazer besteira. Tem apenas um mês que você está no Rio e nossa vida já está de cabeça para baixo! Como você pode fazer isso com a gente? Como você pode fazer isso comigo?

Suas palavras me atingem como se fossem um tapa. Apesar de toda raiva, havia uma pontada de dor nelas. Uma dor que eu conhecia muito bem, a dor de ser traído pela pessoa que você ama. Existem muitas formas de

traição, além da física. E eu já perdi as contas de quantas vezes traí o Miguel no nosso relacionamento, não sendo completamente honesta e completa com ele. O amor que ele tinha por mim tinha superado tudo. Até agora. Será que passaríamos por mais essa intactos?

— Miguel, eu nem sei o que dizer.

— Claro que não sabe. Seria muita cara de pau dizer, na minha cara, que se Lucas estalasse os dedos, você sairia correndo para ele, sem nem ter a decência de me avisar que estava me deixando!

— Calma, Miguel!

— Calma? Você quer que eu tenha calma? Eu cansei de ser feito de otário por você, de fazer todas as suas vontades e receber apenas migalhas de seu amor e atenção. Chega, Rebeca! Eu achei que, com Lucas morto, as coisas iriam finalmente melhorar entre a gente. Mas o problema não era ele. O problema é você, Rebeca!

Miguel fala isso e derruba a bandeja com os restos de nosso jantar, causando um barulho de doer os ouvidos. Eu me encolho, assustada. Nunca vi o Miguel assim antes. Ele está fora de si, transtornado e muito nervoso. Mesmo sem que eu queira, lágrimas insistem em cair, em uma mistura de medo, raiva, culpa e remorso. Miguel se encaminha para porta e, antes de sair do quarto, vira-se e me diz:

— As coisas vão mudar, Rebeca. Espero que você fique aqui aguardando a Brenda e não apronte mais nenhum escândalo!

Dito isso, ele sai, bate a porta, e eu escuto um barulho de chave rodando. Miguel me trancou no quarto. Não é possível! Corro até a porta e giro a maçaneta, apenas para comprovar que estou trancada. Bato à porta e grito por Miguel, mas não há resposta. Corro até a janela, mas não posso sair por ela por conta das grades. Chego a tempo de ver Miguel entrar transtornado em seu carro e arrancar em uma velocidade absurda, praticamente cantando pneu.

Meu Deus, o que foi que eu fiz?

Capítulo 20

Entre verdades e mentiras

Já faz quase uma hora que o Miguel saiu, e eu ainda estou trancada no quarto. Já desisti de esmurrar a porta e gritar. Chorar também não é uma opção. Nunca vi o Miguel descontrolado dessa forma, e não faço ideia do que fazer, nem de onde ele possa ter ido. Espero que ele volte logo, ou serei obrigada a dar um jeito de arrebentar essa porta.

Mais alguns minutos passam, e eu ouço um barulho na porta da frente. Chego até a porta do quarto, penso em chamar pelo Miguel, mas desisto. Caso ele ainda esteja irritado, é melhor que eu espere que ele venha até mim, de preferência mais calmo. Logo escuto passos no corredor e alguém tenta abrir a maçaneta.

— Rebeca, você está aí?

— Brenda? É você, amiga?

— Sim, Rebeca. Por que raios você está trancada no seu quarto?

— Longa história... Mas veja se a chave não está do lado de fora, aí perto de você.

— Ué, não é que está mesmo! Você não se trancou, te trancaram!

Ela diz isso e escancara a porta, correndo ao meu encontro. Me olhou como quem estivesse conferindo se está tudo bem comigo. Afobada como só Brenda pode ser, ela dispara a falar:

— Ai, amiga, eu sabia que o Rio era perigoso... Mas te trancarem assim, na sua própria casa? E essa bandeja toda revirada, esses copos quebrados, pratos no chão... Fizeram alguma coisa com você? E que tipo de ladrão tranca a casa antes de sair? Pelo amor de Deus, Rebeca! Me diz alguma coisa!

— Como vou falar se você não fica quieta? Parece que te dão corda e você dispara a falar. Venha, sente-se aqui comigo e eu te conto tudo. Se você deixar, claro.

— É que eu falo muito quando estou nervosa. E agora também estou confusa. Miguel pediu que eu viesse passar uns dias com você, até me deu uma cópia da chave. O que foi bom, já que de outra forma eu não conseguiria entrar. Daí eu chego aqui e... Espera, cadê o Miguel?

— Também gostaria de saber, Brenda. Foi ele quem me trancou aqui, em um acesso de fúria que nunca o vi ter. E saiu enlouquecidamente com o carro.

— Você está falando do Miguel? O seu Miguel? Ele é o cara mais controlado que existe... Nunca vi Miguel perder o controle. Só quando se trata de você. O que está acontecendo, Rebeca?

— Lucas. É isso que está acontecendo.

— Lucas? O seu ex? Mas já não tem mais de um mês que este homem está morto e enterrado, gente? Como é que um morto ainda pode causar problemas? Já não chega tudo que ele te fez em vida?

— O Lucas foi assassinado, e eu posso ajudar a Polícia a prender o culpado. Mas Miguel não quer que eu me meta. Eu fui até a delegacia, contei o que sei e, na saída, encontrei com a viúva grávida do Lucas. Ela me provocou, e eu acabei descendo o braço nela, que passou mal e agora está no hospital. Ah, o delegado é amigo do Miguel e decidiu ligar para ele, já que eu posso ser processada por agressão. Ele quis deixar o Miguel ciente de tudo. E, por fim, o Lucas me deixou uma carta, na qual contava que iria se divorciar para lutar por mim. E quando Miguel me perguntou se essa carta mudaria algo se o Lucas estivesse vivo, eu não consegui responder nada. Então ele jogou a bandeja, gritou, me trancou e saiu cantando pneu. Resumindo, é isso.

Eu termino de falar como se estivesse narrando uma ida à feira. Até eu me surpreendo com a minha calma. Brenda me olha como se estivesse a ponto de ter um treco, como se não conseguisse acreditar em tudo que ouviu. Não a culpo. Eu presenciei tudo e também não acredito que, em menos de vinte e quatro horas, tanta coisa aconteceu. E meu plano não parece ter dado certo. Natasha acabou no hospital, não na cadeia, como eu queria. E eu ainda corro o risco de sair como culpada da história e de perder o Miguel.

— Seu olhar perdido e esse silêncio estão acabando comigo, Brenda.

Pelo amor de Deus, fala alguma coisa!

— Jesus, Maria, José! E isso tudo aconteceu só hoje, é? Caramba, sabia que a vida no Rio era bem agitada, mas isso aí tá pior que roteiro de filme. Nem nos livros tem história mais enrolada que a sua. E olha que eu nem entendi muito bem tudo que você falou. Mas acho que agora você precisa de um bom banho morno, para relaxar, e um lanchinho bem leve. Vá para o banho, enquanto eu tento me virar na sua cozinha. Espero que, em meio a esse furacão que é a sua vida, tenha dado tempo de você fazer compras, pois estou faminta!

— Os armários estão cheios, fiz compras na semana passada. E até parece que eu já sabia que você vinha, pois comprei várias coisas que você gosta. Talvez seja o costume.

— Ou saudade. Você não vive mais sem mim!

— Você anda muito convencida, sabia?

— Realista, querida. Agora vem aqui, você está precisando de um abraço urgente. Depois você toma seu banho e me conta os detalhes dessa história.

Brenda me puxa para um abraço, daqueles que ela faz questão de me dar quando estou mal. Ela é como uma irmã para mim. Segurou muita barra minha, principalmente no primeiro ano depois que me mudei para São Paulo. Não sei se teria chegado tão longe sem ela. Brenda é certamente uma das poucas coisas boas que a vida me deu. Quando nosso abraço acaba, vou fazer o que ela falou. Tento falar com Miguel, mas o telefone apenas chama até cair. Estou com medo do que ele possa fazer. Deixo algumas mensagens de voz via *Whatsapp*, mas não obtenho resposta. Só me resta rezar para que tudo fique bem e que ele volte são e salvo para casa.

Demoro um pouco mais do que o esperado, mas foi necessário. Foi como se a água pudesse lavar um pouco da angústia que estou sentindo. Saí do banho renovada, com um pouco mais de esperança e força para encarar o que viesse pela frente. Encontrei a Brenda arrumando a mesa, com um dos seus lanches loucos e que ela jura que é saudável. Ficamos até de madrugada conversando. O dia seguinte era sábado, então não haveria trabalho. Eu também queria esperar para ver se Miguel aparecia. Mas já passava das três

da manhã e nada dele. Acabamos adormecendo depois de horas de conversa. Eu realmente esperava acordar e encontrar Miguel. A ausência de notícias estava me matando.



Olho no relógio e já passa do meio-dia. Acordo cheia de dores no corpo. Adormecemos no chão da sala, estávamos exaustas. Brenda, da viagem, e eu, do estresse emocional. Levanto e vou até o banheiro lavar o rosto para terminar de acordar. Quando volto, Brenda já está sentada no sofá, realizando seu ritual matinal de pequenos exercícios para acordar. De repente, ouço um tumulto que parece ser bem na minha porta.

— Você é um babaca metido a besta! Se acha demais só porque tem um pouco de grana e fama!

— Pelo menos eu tenho alguma coisa. Não vivo à sombra dos outros, não é? Que triste deve ser a sua existência desprezível!

Olho para Brenda, na esperança de que ela entenda algo que está acontecendo. Ela apenas dá de ombros, enquanto a discussão fica mais acalorada, com direito a ameaças e palavrões. E no meio dos gritos, reconheço as vozes: Miguel e Rodrigo. Corro para abrir a porta, com Brenda logo atrás de mim. Assim que abro, dou de cara com os dois, em uma discussão que com certeza não terminará bem. Dou alguns passos a frente, me colocando entre os dois:

— Miguel, Rodrigo... Acalmem-se! O que está acontecendo aqui?

— Também gostaria de saber, Rebeca. Eu chego à casa da minha noiva, e esse projeto de homem está parado na porta dela. E quando pergunto o que ele quer, ele diz que não é da minha conta. Será que ele acha que eu não sei da paixonite ridícula que ele tem por você? — Miguel fala com desdém e encara Rodrigo, com um pequeno sorriso nos lábios, que indica todo o desprezo que ele sente por ele nesse momento.

— O babaca do seu noivo chegou todo esquentadinho... O taco dele deve ser tão fraco, que qualquer homem que se aproxime de você, Beca, o deixa assim, nervoso. Deve ser ruim não ter o amor da própria noiva. Não é, Doutor Miguel? — Rodrigo termina de falar e encara Miguel.

O que acontece em seguida é tão rápido, que quase não consigo acompanhar. Em alguns passos, Miguel passa a minha frente e acerta um soco em Rodrigo, que tenta revidar. Porém, Miguel é mais rápido. Acho que Rodrigo não sabe, mas Miguel pratica umas três lutas diferentes, um jeito de se resguardar por conta da sua profissão. A briga entre os dois é intensa. Brenda e eu estamos, aos berros, tentando separar, mas eles não escutam ninguém. A rua começa a ficar lotada e a luta fica cada vez mais violenta. Eu tento entrar no meio, mas alguém me impede. Miguel joga Rodrigo no chão e começa a desferir tantos socos nele, que tenho medo de que Rodrigo tenha de sair daqui direto para o hospital. Há sangue na blusa do Miguel, em Rodrigo, no chão. Eu grito cada vez mais alto:

— Parem, por favor!

Nesse instante, Miguel olha para mim. Rodrigo aproveita sua distração e o derruba, distribuindo alguns socos e chutes. Sem saber o que fazer, me jogo entre eles, e um chute de Rodrigo quase me acerta. Abraço Miguel, que ainda está caído, e Rodrigo cambaleia para trás. Eu choro desesperadamente, e Brenda tenta expulsar as pessoas. Os dois estão muito machucados. Eu estou completamente perdida.

— Por que raios vocês dois estavam agindo como dois animais? — Brenda questiona os dois. Rodrigo senta-se na calçada e Miguel começa a levantar.

— Parece que o playboy não aguenta uma competição — Rodrigo fala.

— Você teria que nascer novamente umas três vezes até ser homem o suficiente para competir comigo — Miguel rebate, já de pé, olhando Rodrigo nos olhos.

— Parem! Chega de brigas por hoje. Rodrigo, acho melhor você ir para sua casa. Miguel, vamos entrar para cuidar desses ferimentos.

— Você vai me dispensar para ficar com esse idiota? — Rodrigo pergunta, magoado.

— Ele é meu noivo, Rodrigo. Não quero mais confusão por hoje. Prometo que amanhã eu converso com você, mas por hoje já tivemos emoções demais, não acha? Brigando como adolescentes no meu portão... Vocês perderam completamente o juízo!

— Às vezes, querida, temos que nos rebaixar ao nível do adversário e mostrar que, mesmo no território dele, ainda posso ser melhor — Miguel fala e sorri, arqueando sua sobrancelha, em uma clara ironia feita para provocar Rodrigo.

— Eu ainda vou ver esse sorrisinho desaparecer do seu rosto, seu riquinho de merda! A Rebeca não vai ficar com você por muito tempo. Ainda mais quando ela descobrir que essa sua perfeição aí é só fachada. Sua máscara vai cair, Miguel! E eu vou adorar presenciar esse momento! — Rodrigo fala, olhando para mim, que apenas paraliso, encarando os dois alternadamente.

— Ah, menino... Para me ameaçar, você ainda tem que crescer muito. Já que quer falar de máscaras, que tal contar onde estava no dia em que o seu melhor amigo foi assassinado? E por que você me disse, enquanto tentava me bater, que o Lucas já era problema resolvido, e só faltava se livrar de mim para que você pudesse chegar até o coração da Rebeca? — Miguel fala e cruza os braços, aguardando uma resposta de Rodrigo.

Eu me afasto de Miguel e caminho até onde o Rodrigo está. Paro bem em frente a ele e puxo seu braço, forçando-o a parar e me encarar. Quando ele me olha nos olhos, eu pergunto:

— É verdade, Rodrigo?

— Sim, Rebeca.

Essas duas palavras me quebram por dentro, como um espelho sendo estilhaçado. Será que me enganei tanto assim com Rodrigo? Será que ele seria capaz de fazer mal ao Lucas? Meu coração diz que não, mas minha mente está muito confusa. Apenas lhe dou um olhar triste e me afasto. Ele ainda tenta me segurar, mas eu puxo meu braço e caminho em direção a Miguel, que me abraça e esboça um riso vitorioso para Rodrigo. Ao nosso lado, uma Brenda atônita e assustada encara tudo de olhos arregalados. Nos viramos para entrar em casa, então Rodrigo grita:

— Por que você não conta para sua noiva que, no dia da morte do Lucas, você estava na cidade, Miguel? E por que não diz que você estava lá no enterro, observando tudo de longe? Tem alguma coisa para esconder, Doutor Perfeito?

Olho incrédula para Miguel, a tempo de observar seu riso debochado desaparecer, o que significa que Rodrigo falava a verdade. Entramos em casa. Eu apenas andava em piloto automático. Minha cabeça rodava alucinadamente. Eu estava ficando louca, só pode.

Miguel e Rodrigo não eram cem por cento inocentes. Ambos tinham raiva e motivo para querer Lucas longe. E ambos mentiram para mim. Até onde eles tinham mentido?

Capítulo 21

Buscando a verdade

Entro em casa com a cabeça girando, nervos à flor da pele, com uma Brenda assustada e um Miguel nervoso atrás de mim. Em questão de minutos, duas das pessoas em que eu mais confiava se tornaram estranhas para mim. A vida tem um jeito louco e confuso de fluir. A minha parecia o olho de um furacão. Ainda sem conseguir digerir direito o que estava acontecendo, sento no sofá, sob os olhares de uma Brenda chorosa, enquanto Miguel se afasta até a cozinha. Brenda senta ao meu lado, segura minha mão, em uma tentativa de me consolar, e sussurra:

— Amiga, o que está acontecendo? Desde quando o lorde do seu noivo virou um lutador de rua profissional? E aquele gato que estava brigando com ele, é aquele amigo de quem você sempre fala? E por que eles brigavam daquele jeito?

— Longa história... Mas não quero falar sobre isso agora. Quero entender o motivo de tantas mentiras! Tem algo muito errado nessa história. E vou começar esclarecendo as coisas com Miguel.

Assim que termino de falar, levanto e me encaminho em direção à Miguel, mas encontro com ele no meio do caminho. Ele carrega dois copos d'água e calmantes. Como se isso fosse resolver algo...

— O que é isso, Miguel?

— Água e calmantes, para que vocês se sintam melhor.

— E você realmente acha que água e calmante vão resolver alguma coisa, Miguel? Você me acha muito burra ou está de brincadeira com a minha cara!

— Nem uma coisa, nem outra, Rebeca. Só não vejo motivo para tamanha agitação.

— Sério, Miguel? Você não vê motivo? Você deve ter algum problema!

Começo a andar pela sala, em uma clara demonstração de nervosismo.

Estou perdendo o controle, e aquela velha sensação de querer quebrar tudo começa a surgir. Percebo que Brenda me olha com um pouco de medo. Ela já presenciou alguns dos meus ataques de raiva e sabe que eles não terminam bem. Respiro fundo e pausadamente, tentando me acalmar. Encaro Miguel, na expectativa de que ele me dê alguma resposta convincente. Mas ele apenas me olha de volta, com uma serenidade enorme. Nem parece que, há alguns minutos, ele estava aos socos com Rodrigo no meio da rua. Percebendo o clima tenso no ambiente, Brenda vem até mim e diz:

— Vem aqui, amiga. Vamos sentar e conversar.

— Você devia ouvir sua amiga, Rebeca.

— Essa máscara que você está habituado a usar nos julgamentos não vai funcionar aqui, Miguel. Tem alguma coisa errada, e você vai me contar o que é. Por que você mentiu para mim?

— Em que momento eu menti para você, Rebeca?

— Você estava aqui no dia em que o Lucas morreu?

— Estava. No enterro também, observei a cerimônia de longe.

— E por que não me disse nada?

— Você não me perguntou nada sobre o assunto.

— E por que as mentiras?

— Que mentiras?

— Você estava aqui nesses dias e não me contou nada! Não soa como mentira para você?

— Claro que não. Em momento algum você me perguntou quando eu cheguei. Logo, não tive motivo para contar. Se eu não disse nada, como estou mentindo? Não faz sentido. Você está me acusando de algo que não existe.

— Sai, Miguel!

— O quê?

— Sai da minha casa. Agora! Eu preciso respirar e me acalmar, e esse seu sarcasmo está me enlouquecendo! É melhor você ir. Conversamos quando eu estiver mais calma.

— Como quiser, Rebeca. Só não pense que eu a considero uma vítima nessa história, porque não é assim que vejo.

Ele fala e sai, sem esperar resposta. Sei que fui rude, mas antes isso do

que uma briga pior. Vou até o sofá e me jogo ao lado de Brenda. Solto um suspiro longo...

— Ah, Brenda, e eu achava que já tinha vivido a fase complicada da minha vida...

— Amiga, nem fala... Que loucura! Mal consigo raciocinar! Sabe do que a gente precisa?

— Férias em um outro planeta?

— Também. Mas vamos almoçar fora. Você se distrai um pouco, faz uma refeição diferente e tem um tempo para esfriar a cabeça. Ficar aqui remoendo e choramingando não vai resolver nada, e ainda vai estragar sua pele. Pega um daqueles seus vestidos vermelhos e vamos melhorar esse dia tenebroso que estamos vivendo.

— Apesar de não estar com muito ânimo, acredito que você tenha razão. Talvez relaxar um pouco possa me fazer bem. Vou me arrumar.

— Tudo bem, vou trocar de roupa também.

Então, mesmo com a cabeça a mil e com o mundo desabando dentro de mim, quase uma hora depois, eu saía de casa junto com a Brenda. No caminho, encontramos com Luana, e fomos as três para o shopping. Talvez um pouco de normalidade me ajudasse a pensar melhor.



Algumas horas mais tarde, já tínhamos almoçado e estávamos batendo perna pelo shopping, quando me dei conta de que precisava fazer uma coisa:

— Luana, a Natasha está no Norte D'Or?

— Acho que sim. É um dos melhores hospitais da região, devem a ter levado para lá.

— Por que você está perguntando isso, Rebeca? — Brenda fala, me olhando como quem censura o que pretendo fazer.

— Porque eu vou visitar a Natasha. Quero saber como o bebê está.

Luana começa a rir, enquanto Brenda me olha indignada.

— Você só pode estar brincando, né, Beca? — Luana pergunta.

— Eu temo que não seja brincadeira, Luana — Brenda responde antes de mim.

Paramos de andar. As duas me olham, aguardando não apenas uma resposta, mas também uma explicação.

— Eu não estou brincando — Respondo tranquilamente — Eu vou visitar a Natasha e descobrir notícias sobre o bebê. Eu não tenho nenhuma simpatia pela Natasha, mas ela carrega um filho do Lucas, e eu considero muito isso. Essa criança é importante. E depois que prenderem a Natasha, tenho certeza que a mãe do Lucas vai ficar com a guarda do neto, e eu vou poder me aproximar desse pequeno pedaço do Lucas.

Termino de falar tranquilamente, como se falasse sobre o tempo. As duas me olham atônitas, como se eu tivesse dito um absurdo muito grande. Para mim, tudo tem muito sentido. Mas ninguém vai entender. Essa criança é importante para mim. Me sinto no dever de cuidar dela. Mais que dever, é um direito. Amar alguém como eu amo o Lucas me dá alguns direitos, mesmo que ninguém concorde com isso.

— Você pirou de vez, Rebeca — Luana, enfim, diz algo.

— Acho que você está passando de todos os limites — Agora é Brenda quem me recrimina.

— Vocês não entendem, nunca vão entender.

— É mais do que isso, Reb... — Brenda começa a falar, mas Luana a interrompe.

— Deixa que quem vai falar agora sou eu — Luana diz — Beca, isso tem que parar. Não é normal nem saudável essa obsessão pelo Lucas. Isso já não é mais amor, é uma doença. O Lucas está morto. Agora você vai projetar essa sua doença no filho dele? Você precisa de cuidados especiais! E a sua vida, Rebeca? Sua carreira, seu noivo? O Miguel pode não ser perfeito, mas ele fez maravilhas na sua vida. Poxa, amiga, eu estava ao seu lado quando tudo aconteceu. Se Brenda e Miguel acham que te viram quebrada, eu digo que eles não viram nada. Eu achei que você fosse morrer! Sua avó achou isso, temíamos que você nunca se recuperasse! Agora que tudo está melhorando, você insiste em correr para o passado? Acorda, Rebeca! Estou cansada de tentar te fazer abrir os olhos! Eu sou sua amiga, te amo como irmã. Por isso, quero o seu bem. E o seu bem é ficar afastada de tudo que tenha a ver com o Lucas. Espero não ter que voltar neste assunto!

Ninguém diz mais nada. Depois desse sermão da Luana, caminhamos em silêncio. Eu sei que ela tem razão, mas é algo mais forte que eu. E não adianta eu tentar explicar, ninguém consegue entender. Por isso, sempre guardo tudo para mim. As pessoas julgam o meu sentimento, dizem que é loucura, obsessão. Mas sei que não é. Elas só não entendem a intensidade e profundidade do que sinto. Deixamos Luana em sua casa e seguimos para a minha. Trocamos poucas palavras, apenas coisas corriqueiras. Assim que chegamos, Brenda disse que precisava de um banho.

Enquanto ela foi para o banheiro, eu sentei à mesa da cozinha e relembrei o dia em que Natasha esteve na minha casa. Aproveitei que Brenda já estava tomando banho, pois ouvi a água caindo, peguei minhas chaves e deixei o celular na mesa. Sem fazer muito barulho, saí e tranquei a porta. Eu disse que iria ver a Natasha. E vou.



Cerca de meia-hora depois, chego ao hospital em Cascadura. Me encaminho até a recepção e, quando me preparo para perguntar sobre a Natasha, sinto um leve toque em meu ombro. Ao virar, me surpreendo com quem encontro:

— Dona Sônia?

— Sim, Rebeca. Posso perguntar o que você faz aqui?

— Eu? É... Eu...

— Veio saber da Natasha, certo?

Envergonhada, abaixo a cabeça. Tenho um carinho e respeito muito grande pela Dona Sônia, ela sempre foi muita boa para mim. Com certeza, ela sabe o que aconteceu na delegacia. Deve estar com raiva por eu ter colocado seu neto em risco.

— Sim, eu vim saber como o bebê está.

— Natasha vai ficar uns dias internada, ela teve um descolamento de placenta. Sua situação é frágil e inspira cuidados.

— Eu sinto muito. De verdade.

— Eu imagino que sim. Já que você está aqui, vamos até a lanchonete. Acho que chegou a hora de termos uma conversa, minha filha, de mulher

para mulher. Uma conversa que deveríamos ter tido há anos.

— Tudo bem.

Ela começa a caminhar e eu a sigo, com o corpo tremendo, o coração disparado e a cabeça fervendo. O que será que minha ex-sogra tem para falar comigo?

Capítulo 22

Conselhos que valem como verdades

Caminho sem dizer uma palavra. Mas as batidas do meu coração são tão intensas, que juro que são audíveis. Dona Sônia caminha até o balcão da lanchonete do hospital, pede um café para ela, refrigerante para mim, e bolo de chocolate. Uma sensação de nostalgia me invade, pois ela sempre fazia bolo de chocolate quando eu ia para sua casa. Nos sentamos a uma mesa quase no final da lanchonete, que estava vazia. Esperei que ela sentasse e sentei a sua frente, tentando ocultar o nervosismo que me dominava nesse momento. Alguns segundos silenciosos passam. Então, pacientemente, ela começa a falar:

— Já faz tempo, não é, minha filha, que nos sentamos assim para conversar?

— Sim, Dona Sônia. Anos... Infelizmente.

— Eu queria ter conversado com você antes, mas tantas coisas aconteceram... Enfim, antes tarde do que nunca. Seja sincera, minha querida. Como você realmente está?

— Triste, cansada, confusa... Difícil resumir e explicar.

— Imagino. Tem sido uma época estranha e difícil. Posso fazer uma pergunta bem pessoal?

— Claro, Dona Sônia, fique à vontade — Falo e me ajeito na cadeira, um pouco temerosa pelo que está por vir. Minha ex-sogra nunca foi uma mulher de muitas palavras, mas sabia interpretar as pessoas como ninguém. Por isso, seja o que for que ela pergunte, terei de ser sincera.

— Você ainda ama o Lucas, não é mesmo?

— Infelizmente, sim.

— Sinto informar, mas você está enganada. Você apenas acha que ama, mas o que você sente está longe de ser amor.

— A senhora também vai dizer que isso é uma obsessão?

— Não estou aqui para te julgar. Eu só quero um pouco de paz. Eu já perdi meu marido, e agora perdi meu filho. Não admito perder meu neto, Rebeca. Por isso, resolvi ter essa conversa com você. É hora de isso tudo parar. Esse amor mal resolvido, que você alimentou todos esses anos e que Lucas reviveu há pouco tempo, precisa morrer de uma vez por todas.

— O que vivemos não foi mal resolvido.

— Olha, Rebeca, você sabe que eu tenho carinho e uma consideração enorme por você. Porém, a Natasha e o meu neto são tudo que tenho da minha família agora. Tenho que preservá-los. Por isso, chamei você para esta conversa. Apenas me ouça, depois você pode falar. Pode ser?

— Tudo bem, Dona Sônia, como a senhora preferir.

— Quero que saiba que sempre gostei de você. Não apenas como minha nora, mas como pessoa também. Você é linda, inteligente e muito determinada. Sei o quanto você fez bem para o meu filho, ajudou a colocar juízo na cabeça dele. Infelizmente, Lucas sempre foi facilmente manipulado pelo pai, e a situação só ajudou. Meu filho foi um fraco e acabou desperdiçando o amor de vocês. Jamais concordei com isso, mas sempre deixei que meu filho fizesse suas próprias escolhas. Espero que possa me desculpar pelo silêncio e omissão, minha querida — Ela me olha com ternura, e sei que aguarda uma resposta minha. Procuro em meu coração algum vestígio de raiva ou mágoa dela, mas não há. Pelo contrário, me sinto aliviada em saber que, mesmo em silêncio, ela torcia por mim.

— Não há do que se desculpar. Quem devia ter feito algo era o Lucas, mas ele fez a escolha dele. E ninguém pode dizer que eu não respeitei. Foi seu filho que me procurou depois de anos e começou essa confusão.

— Estou ciente de tudo, Rebeca. Inclusive da carta. Sei do pedido de divórcio, do que ele te pede na carta... Lucas veio conversar comigo antes de fazer tudo isso. Ele tomou algumas decisões depois do anúncio do seu casamento. Infelizmente, ele, assim como você, acreditava que o amor que viveram poderia ressurgir. O que vocês não entendem é que o tempo passou e desgastou o amor de vocês. Foi assim anos atrás. E seria assim agora. O amor precisa ser cultivado para existir. Precisa de manutenção, precisa amadurecer diante das dificuldades da vida e das mudanças pelas quais cada um passa.

Não acredito que vocês dariam certo agora. Vocês se tornaram outras pessoas, mal se conheciam e esperavam viver um amor que ficou no passado, cheio de lembranças e cicatrizes. Por que isso daria certo?

— O que é verdadeiro permanece. Alguns amores duram, mesmo quando não deveriam durar. Eu não queria sentir nada do que sinto pelo seu filho, mas eu não controlo. Só de ouvir o nome dele, já sinto meu coração disparar... Eu realmente não sei o que fazer, pois nem a morte dele amenizou esse amor.

— Minha querida, você ama o Lucas do passado. Aquele jovem cheio de energia e sonhos que te conquistou. Você não sabia nada sobre quem era o Lucas de agora, sobre o que ele gostava, em que ele acreditava. Os anos passaram e trouxeram mudanças. Não se pode amar o que não se conhece, e você e Lucas se tornaram dois desconhecidos.

— Então o que sinto é apenas uma ilusão adolescente? É o que a senhora quer me dizer?

— São pedaços de um amor que não soube viver, nem morrer. Vocês se separaram de uma forma totalmente errada e traumática. Isso deixa marcas, rancores e mágoas. Foram anos remoendo isso tudo. E aposto que há uma bomba dentro de você, uma queda de braço entre amor e vingança, pois o cara que conquistou seu coração, também o quebrou. Quando um amor é interrompido, ele deixa marcas. E se não conseguimos superar isso, ele vira uma sombra no coração, como um fantasma que não pode partir, pois deixou assuntos inacabados para trás. E isso só gera dor.

— Eu não sinto raiva do Lucas!

— Nem um pouco? Conseguiria simplesmente olhar para ele, esquecer o passado e recomeçar do nada? Esquecer que ele te deixou e casou com outra um ano depois? Você viveria em paz e completamente segura com ele, ou sempre teria medo de que ele te abandonasse de novo?

Fico totalmente atônita com o que ela disse. Vejo que ela tem razão em absolutamente tudo que disse até o momento. Havia muito amor em mim, mas muito desejo de vingança também, que eu mascarava como justiça. Eu não sei se voltaria a confiar no Lucas um dia. Nesse momento, pela primeira vez em anos, eu duvido do amor que sinto pelo Lucas. Apenas permaneço em

silêncio e abaixo a cabeça. Meus olhos se enchem de lágrimas, e me sinto sufocada pelas lembranças amargas, por vários sentimentos confusos e, principalmente, por medo. Medo de ter dedicado tudo a algo que era nada. Não consigo formular frase alguma. Ao perceber que não serei capaz de argumentar, Dona Sônia continua:

— Eu jamais quis a infelicidade de vocês. Pelo contrário, eu faria muito gosto se fosse você a se casar com o Lucas. Mas ele fez uma escolha. E toda escolha tem sua consequência. A opção dele separou vocês para sempre e enterrou o amor de vocês. Quando ele percebeu a besteira que fez, já era muito tarde. Você pode até maquiar as cicatrizes, mas elas sempre aparecem. O amor de vocês tinha cicatrizes profundas demais para poder ressurgir e suportar tudo. Hoje, não há mais esperança para o Lucas. Em nenhum sentido. Lamento muito perder meu filho tão brutalmente e tão precocemente. Mas você ainda tem uma chance, Rebeca.

— Está falando do Miguel?

— Estou falando da sua vida. Viva! Liberte-se dessa bagagem pesada e destrutiva, desses sentimentos confusos e contraditórios. Recicle a sua mente. Você tornou-se escrava das suas mágoas e emoções. Isso está te destruindo. Não permita! Ninguém pode te ajudar, Rebeca, só você mesma. Se não puder fazer somente por você, faça pelo Lucas. Ele sempre quis te ver feliz.

Com palavras tão sábias, ela quebra meu coração e abre meus olhos. Eu estou vivendo uma história criada por mim, alimentada por minhas mágoas e sentimentos. Minha mente começa a ter momentos de lucidez, embora meu coração continue sendo irracional. Estou em um combate interno, mas, pela primeira vez, reconheço coisas que sempre quis omitir.

— Obrigada, a senhora não sabe o quanto me fez bem — Me levanto e a abraço, deixando cair o choro que tentava prender.

— Me agradeça sendo feliz e aproveitando a vida. E ficando longe da Natasha, pelo menos até meu neto nascer.

— Prometo que vou me comportar. E vou pensar em tudo que a senhora me disse. Fique bem e me procure caso precise de algo.

— Tudo bem, querida. Eu vou ficar no hospital. Natasha ainda ficará internada e, quando ela sair, ficarei com ela. O restante da gravidez será

complicado, e ela e meu neto precisam de mim.

— Então é um menino?

— Sim, como Lucas sempre desejou.

— Que tudo corra bem. Até logo, Dona Sônia.

— Vá e fique em paz, minha querida.

Apesar de tudo, volto para casa mais leve. Saber que Dona Sônia não me culpa e ainda torce por mim me dá um certo alívio. Encontro uma Brenda emburrada e bem irritada, com o meu telefone em uma mão e o dela na outra, e com cara de poucos amigos.

— Você realmente não tem juízo, não é, Rebeca?

— Eu fiz o que tinha de fazer. Fique tranquila, não fiz besteira alguma. E foi até bom. Encontrei a mãe do Lucas e tivemos uma conversa esclarecedora. Agora, me dê licença, que vou tomar um banho e descansar. Emoções demais para um único dia...

Não espero a resposta de Brenda e vou direto para o meu quarto. Pego uma roupa, tomo um banho e alguns calmantes. Me jogo na cama, apenas querendo esquecer que o mundo existe.



Acordei tarde no domingo. Brenda já havia arrumado a mesa para o café. Depois de me arrumar, me junto a ela e tomamos um café delicioso e agradável. Fiz com que ela promettesse que iria parar de me interrogar sobre os últimos acontecimentos. Eu precisava de um pouco de paz e tranquilidade. Por isso, convenci Miguel que conversaríamos na segunda, após minha saída do trabalho, já que ele só viajaria na quarta. E marquei com Rodrigo na terça. Precisava de um dia de folga dessa loucura em que minha vida havia se transformado. Luana veio almoçar conosco e também prometeu não tocar nos assuntos que traziam problemas. Eu precisava de um dia normal, e minhas amigas estavam me dando isso.

Após o almoço, resolvemos ir à praia, apenas pelo passeio. Escolhemos a Praia do Leme. Caminhamos um pouco e fomos apreciar a vista do pôr-do-sol na Pedra do Leme. Rimos, tomamos água de coco, caminhamos à beira-mar e esquecemos o mundo. Com essa recarga de baterias, eu estava pronta

para a semana e os desafios que ela me traria.

A volta para casa foi tranquila. Pela primeira vez em muito tempo, eu dormi relaxada e com a esperança renovada.



A semana começou em ritmo acelerado. O trabalho foi pesado, mas amo o que faço. É um momento único cobrir e assistir as Olimpíadas no Rio de Janeiro. Estou ansiosa e nervosa com os resultados. Encerrei o expediente depois de um dia de várias visitas a canteiros de obras e às instalações do Parque Madureira. Assim que desço, Miguel está a minha espera. Seu sorriso deixa claro que ele não está feliz de verdade, mas eu respiro fundo e vou até ele. Chega de fugir dos problemas. Precisamos ter uma conversa de adultos.

— Oi, Miguel! — Digo ao me aproximar e abraçá-lo, um tanto receosa. Ele me corresponde e me dá um beijo casto, primeiro nos lábios e depois na testa.

— Oi, Rebeca! Prefere ir para casa ou quer sair para jantar?

— Podemos ir para casa, e de lá pedimos algo. O que acha? Fica melhor para conversarmos.

— Como você preferir.

Seguimos o percurso em silêncio, o que, apesar de tudo, era agradável. Miguel parecia mais calmo e controlado desde o sábado, e eu me sentia mais segura para conversar com ele. Chegamos rápido em casa, milagrosamente o trânsito estava tranquilo. Miguel pediu uma pizza, e eu fui tomar um banho. Quando voltei, a pizza acabara de chegar, e ele estava arrumando a mesa.

Começamos a comer e falamos amenidades. Brenda havia ido ao shopping, então éramos apenas nós dois. Quando terminamos, fomos para a sala e começamos nossa conversa.

— Olha, Rebeca, sei que sábado foi um dia atípico e eu ultrapassei alguns limites. Mas eu já estou farto de algumas coisas, e esse seu amigo me provocou. Você também me tirou do sério, insistindo em um assunto que já havíamos dado por encerrado. Estamos ambos errados, admito.

— Agora, mais calma, consigo ver as coisas por outro ângulo. Sei que você tem razão, pelo menos em partes. Sei que errei, mas meus motivos

foram os melhores possíveis. Agora temos que acertar nossa vida, Miguel.

— Parece que você tomou juízo ontem, Rebeca. Deveria fazer mais passeios assim, porque te fez bem. Agora, me responda: você esteve com o tal do Rodrigo?

— Não. Por que a pergunta?

— Porque não quero você perto dele.

— E eu posso saber o motivo disso?

— Claro. Tenho provas suficientes para acreditar que seu amiguinho pode ser o assassino do seu ex, o Lucas. Você quer continuar sendo amiga de um assassino?

Capítulo 23

Chega de impasses

— Você está falando sério, Miguel?

— E eu lá sou homem de brincar com isso?

Respiro fundo, tentando absorver o que Miguel acabou de dizer. Rodrigo, melhor amigo do Lucas, meu melhor amigo, responsável pelo assassinato do Lucas? Só pode ser um engano.

— Rodrigo seria incapaz de matar alguém, principalmente o Lucas.

— Todo mundo é capaz de matar, Rebeca. Todos temos um lado bom e um lado ruim. Isso faz parte da natureza humana. Não é apenas o ódio que gera vingança. O amor também gera. Aliás, em termos de sentimentos, o amor é o mais perigoso deles, pois cura e fere na mesma intensidade. As pessoas são capazes das maiores loucuras em nome do amor, minha querida. Matar é apenas uma delas.

A frieza com que Miguel trata desse assunto e fala essas palavras me assusta. Entretanto, não posso dizer que ele esteja errado. Também acredito que todos somos capazes de matar. Basta ativarem o motivo correto.

— Você pode até ter razão, Miguel. Mas isso não prova nada contra o Rodrigo.

— Rebeca, e você acha que eu acusaria alguém sem provas? Não sei se você sabe, mas seu querido amigo teve uma discussão com o falecido uma semana antes da morte dele. Discussão essa que culminou no término da parceria dos dois. Lucas rompeu o contrato das lojas dele com o serviço de vigilância do seu amigo. No dia em que todas as câmeras foram desligadas definitivamente, Lucas morre. Que conveniente, não?

— E por que eles romperam a sociedade? Eles planejam isso desde adolescentes. Logo que Rodrigo foi para a área da informática, ele começou a fazer trabalhos para a família do Lucas. Eles eram amigos desde pequenos, quando Rodrigo se mudou para a mesma rua de Lucas.

— O teor ao certo da discussão, infelizmente não sei. Mas dadas as

atitudes posteriores e todo o desenrolar da história, acredito que tenha sido por sua causa. Provavelmente, seu amigo querido contou para o falecido sobre a paixão dele e que iria lutar por você. Chega a ser cômico... Um fedelho desses acha que é páreo para competir comigo. Será que ele é cego e não percebe o nível de inferioridade dele?

— Menos ego, Miguel, por favor! Como você sabe de tudo isso?

— Ah, Rebeca! Você realmente acha que esse serzinho mexeria comigo e eu não levantaria a ficha dele? Sei cada passo da vida dele, desde o momento em que ele deu o primeiro choro fora da barriga da mãe. Para vencer uma guerra, é primordial conhecer seu inimigo. Eu nunca entro em uma batalha para perder, querida, ainda mais para um carinha como esse. E não se preocupe, não o denunciei à Polícia. Faço questão que a honra seja sua, já que você tem tanto interesse em elucidar esse crime.

Nesse momento, o copo de vinho que eu segurava se espatifa no chão, derramando vinho por todo lado. Sem acreditar no que ouvi, olho atônita para Miguel. Ele realmente acha que serei capaz de denunciar o Rodrigo? Será que eu seria capaz de fazer isso? Ainda absorta em pensamentos, levanto para limpar a sujeira. Mas piso em um caco de vidro, que afunda em meu pé, me fazendo gritar:

— Ai! Furei o pé! — Saio pulando, sem conseguir pisar, esparramando sangue pelo chão da cozinha. Miguel levanta-se e vem me socorrer.

— Fique parada, Rebeca! Irei até você. Calma! — Ele fala e aproxima-se, me pegando no colo e me levando até o banheiro, onde delicadamente lava o ferimento. Depois, me carrega até a cama e sai para buscar a maleta de primeiros socorros.

— Obrigada, Miguel — Eu falo assim que ele retorna e senta-se ao meu lado, puxando meu pé machucado para o seu colo.

— Não me agradeça, Rebeca. Meu papel é cuidar de você. É meu maior prazer. Sei que algumas vezes meus cuidados são excessivos, mas, às vezes, para encontrar a cura, precisamos passar pela dor, como para retirar esse caco de vidro do seu pé. Assim que eu puxar, irá doer, mas é uma dor que trará um alívio no final, pois só assim você poderá curar o seu pé. Eu quero ser sempre a cura na sua vida. Mesmo que, para isso, algumas vezes,

seja necessário lhe causar dor. Eu só quero o seu bem. Isso é tudo que importa para mim.

Miguel termina o curativo e me puxa para seu colo, depositando um beijo em minha testa. Eu deveria estar possesa com ele por conta dos últimos acontecimentos. Mas ele tem um jeito único e especial de ser, e é praticamente impossível ficar com raiva dele. Ele me ajeita em seu colo, de modo que possamos ficar de frente um para o outro, bem próximos, ao ponto de conseguir sentir sua respiração. Segura meu queixo, olha nos meus olhos e diz:

— Eu amo você, Rebeca. Mesmo com todos os problemas, loucuras e erros, é você quem eu quero. Eu sabia desde o começo que não seria fácil, mas eu adoro desafios. Você completa a minha vida com esse seu jeito espontâneo e rabugento de ser. Eu te amo tanto, que seus defeitos só te tornam mais especial e mais completa para mim. Sei que ainda existem muitos problemas para resolvermos e um passado para você superar, mas eu estou disposto a estar contigo para enfrentar qualquer coisa. Meu coração escolheu você, Rebeca, e não há nada que mude isso, nem mesmo suas teimosias e burradas. Mas eu sou uma pessoa prática e realista, e só vou continuar investindo no nosso relacionamento se você estiver comigo. Não quero mais uma queda de braço entre nós, mas que possamos andar de mãos dadas. Então, é você quem decide: mantemos nosso relacionamento e a data do casamento, ou paramos por aqui.

Ele termina de falar e solta meu queixo, afastando-se devagar e encostando na cabeceira da cama. Eu me mantenho no mesmo lugar. Apenas fecho os olhos, absorvendo tudo que ele me disse.

— Não quero que você me responda agora, Rebeca. Eu vou ter que adiantar a minha viagem para amanhã de manhã. Mas estarei de volta no sábado à tarde. Até lá, você pode pensar e tomar sua decisão. Apenas saiba que, seja ela qual for, será definitiva. Não somos adolescentes para ficarmos em um jogo de ioiô com nosso relacionamento. Meus sentimentos e nós dois merecemos mais respeito.

Ele termina de falar, me ajeita na cama e se levanta. Vejo que ele está se preparando para ir embora, então o seguro pela mão:

— Você vai embora?

— Sim, Rebeca. Talvez seja hora de você sentir dor, para depois melhorar. Vou ligar para Brenda do caminho. Você precisa repousar o pé. O corte foi grande e você vai precisar de pontos. Vou ligar também para um médico de confiança vir aqui cuidar de você. Repouse e siga a orientação médica. E pense em tudo que te falei. Chega de impasses entre nós.

— Como quiser, Miguel.

— A propósito, eu cheguei antes, sim, como seu amigo falou. Ele sabe, porque é responsável pelas câmeras de vigilância do hotel em que fiquei. E eu fui te buscar no cemitério, mas vi que você precisava de um momento só seu. Por isso, vim te esperar em casa. Eu também sei ser razoável, Rebeca. Mas não sou otário.

Ele termina de falar e vira as costas, caminhando até a porta do quarto para ir embora. Quando ele toca na maçaneta, eu digo:

— Miguel...

Ele para e vira-se em minha direção. Ao olhar em seus olhos, percebo que estão marejados... Miguel está a ponto de chorar, o que é algo extremamente raro e inusitado. Acredito nunca tê-lo visto chorar, nem com um semblante tão caído e derrotado quanto agora.

— Pois não, Rebeca.

— Por que você chegou antes do Dia dos Namorados?

— Eu queria te fazer uma surpresa, mas tive que adiar. E não sei se ela ainda vai acontecer.

— E eu posso saber qual é?

Ele respira fundo, passa a mão direita pelos cabelos e pelo rosto, guardando-a no bolso depois. E então diz:

— Queria te mostrar a casa. A casa que comprei para nós aqui no Rio.

Ele termina de falar e sai, sem me dar a oportunidade de falar nada. Suas palavras e atitude me atingem mais forte que um tapa. Pela primeira vez, enfim, eu me questiono: “o que eu estou fazendo com a minha vida?”.

Capítulo 24

Perdas e ganhos

Ainda sozinha em meu quarto, enquanto Brenda não chega, começo a refletir sobre tudo que vivi até aqui. Eu sempre soube que sentia algo pelo Lucas. Mas, com o tempo e com todas as feridas, eu consegui guardar isso, como se tudo estivesse escondido no arquivo morto do meu coração. Eu conseguia viver normalmente. Mesmo com toda a vontade de falar com ele, mesmo com a saudade, eu vivia. Me apaixonei por Miguel, e ele sempre me fez feliz. O que bagunçou tudo foi o Lucas me ligar naquele dia. Foi o primeiro “oi”, foi aquela maldita conversa...

Quando falei com ele, foi como reabrir todas as feridas. Eu esqueci minhas defesas e tudo que fiz para manter toda minha bagagem de sentimentos guardada. Tudo voltou, talvez maior e mais forte que antes. Eu não estava pronta para isso. As coisas aconteceram tão rápido, que eu nem tive tempo de digerir tudo. E a culpa dessa confusão é do Lucas! E agora ele está morto. Ainda assim, bagunça minha vida!

Resolvo levantar e ir pegar minha caixa do desabafo. Foi um conselho da psicóloga. Eu escrevo cartas para aliviar meus sentimentos e minha mente. A ideia era variar o destinatário de acordo com minhas emoções. Mas, durante todos esses anos, as cartas foram escritas para um único destinatário. Pego a caixa, meus papéis e canetas. Vou caminhando com dificuldade, pois meu pé está latejando, e me sento na cama. Escrevo até minha mão doer, mas esvazio minha mente. Noventa por cento das coisas que escrevo aqui, jamais conseguiria contar a alguém. Por isso, escrevo. É a minha forma de desabafar, e os papéis são incapazes de me julgar.

Sei que é terrivelmente complicado entender o que sinto pelo Lucas, mas eu não escolhi isso. Eu quis odiá-lo, eu quis que ele sumisse, eu quis me vingar. Mas, mesmo em meio a isso tudo, não houve um único dia durante esses dez anos em que eu não o amasse. As coisas amenizaram com a chegada do Miguel, mas não passaram. Com o Miguel, tenho calma,

segurança e tranquilidade. Com o Lucas, sempre foi diferente. A simples menção do nome dele me deixa em estado de alerta e com o coração acelerado. Falar com ele mexia com cada terminação nervosa do meu corpo. Mesmo hoje, depois de morto, eu ainda sinto sua falta, e meu coração ainda bate mais rápido só em pensar nele. Enquanto coloco tudo isso no papel, recebo uma mensagem de Brenda, avisando que chega em meia hora e que o médico vem com ela. Resolvo voltar a escrever até ela chegar, e, assim, o tempo passa sem que eu perceba. Quando menos espero, uma Brenda afoita entra em meu quarto com um médico que aparenta quase cinquenta anos. Não dou trela para ela e peço que o doutor faça o atendimento. Ele prontamente atende meu pedido, parabeniza o curativo do Miguel, sutura o corte com quatro pontos e me passa antibiótico e repouso. Assim que ele sai, peço que Brenda me deixe sozinha, com a promessa de que contarei tudo que aconteceu no dia seguinte. Ela se despede, fazendo um afago no meu cabelo. Eu tomo meus remédios e mergulho em um sono sem sonhos.



— Mas, amiga, sua vida anda mais agitada que novela das oito! Meu Deus, a cada dia é uma emoção diferente! — Brenda fala assim que termino de contar tudo para ela, enquanto tomamos café. Devido ao corte, terei de ficar em casa pelos próximos sete dias. Pelo menos terei a Brenda comigo.

— Eu só queria ter um dia normal, mas parece que é pedir muito.

— Tenho até medo das próximas emoções.

Assim que ela termina de falar, a campainha toca. Ela coloca a mão no coração e faz cara de susto, dando de ombros, como que querendo me perguntar quem era. Miguel não era. Seu voo foi às nove horas, e já passa das dez. Além disso, ele me mandou mensagem do aeroporto, antes de decolar.

— Abre para mim, Brenda, por favor. Vamos descobrir qual é a emoção do dia...

Ela dá um sorriso fraco e caminha até a porta, balançando seus cabelos *black* que tanto adoro. Minha amiga é uma pessoa linda, por dentro e por fora, cheia de orgulho de sua negritude e segura de si. A autoestima dela é contagiante. Ela para com a mão na fechadura e me olha, como que

perguntando se tenho certeza que quero abrir. Eu faço um aceno com a mão. Ela abre a porta, exclamando:

— Rodrigo, que bom ver você por aqui! Não fomos devidamente apresentados. Eu sou a Brenda, amiga de apê da Rebeca.

— Olá, Brenda! Ouvi falar muito de você! É um prazer finalmente te conhecer pessoalmente. A Rebeca está?

Permaneço onde estou, sem fazer qualquer tipo de ruído. Da porta, ele não tem como ver onde estou. Espero que Brenda invente algo, pois estou precisando de um descanso para meus nervos.

— Está, pode entrar. Venha por aqui!

Às vezes, eu odeio a Brenda!



— Tchau, crianças! Juízo! — Brenda fala, joga um beijo para mim e sai. Ficamos apenas eu e Rodrigo. Ele está sentado a minha frente na mesa da cozinha. Ainda percebo algumas marcas roxas em seu rosto, resultado da briga com Miguel no final de semana.

— O que houve com seu pé? — Ele finalmente pergunta, depois de olhar mil vezes para o curativo.

— Pisei em um caco de vidro, ele entrou no pé. Tive que tomar alguns pontos, mas nada demais. Sou eu, né? — Termino a frase com um sorriso, para deixar a conversa leve.

— Sempre desastrada... Tomara que melhore logo. Você deve estar agoniada com esse repouso forçado.

— Sim... Em alguns dias, já retiro os pontos. Mas acredito que você não veio aqui para conversar sobre o meu pé.

— Claro que não, nem sabia que estava machucada. Vim porque temos que conversar. Seu noivo está no Rio ainda?

— Não, pode ficar despreocupado. Não teremos nenhuma confusão aqui hoje.

— Ótimo! Antes de mais nada, eu preciso te fazer uma pergunta.

— Pode perguntar o que quiser.

— Você, em algum momento, cogitou a hipótese de eu ter algum

envolvimento na morte do Lucas?

Eu apenas fico em silêncio e desvio o meu olhar do dele. Isso é o suficiente para ele entender minha resposta, o que faz com que ele se levante, apoie uma das mãos na mesa e passe a outra nos cabelos. Uma mania típica que ele tem quando está nervoso.

— Eu não posso acreditar nisso, Rebeca! Sério? Acha que eu matei o Lucas? O cara que cresceu comigo?

— Eu não sei o que pensar, Rodrigo! Está tudo muito confuso... Uma enxurrada de informações e um jogo de empurra sem fim. Eu nem sei onde estou na maior parte do tempo.

— Ok, Rebeca. Eu acho que nossa conversa termina aqui. Eu realmente espero que você não se arrependa do rumo que está tomando na sua vida. Se tudo der errado de novo, eu não vou estar lá para segurar sua mão quando você precisar.

— Fique calmo, Rodrigo!

— Você quer que eu fique calmo? A pessoa que mais me conhece nessa vida cogita a ideia de que eu possa ter matado meu melhor amigo. Sem nem ter me dado a chance de comentar algo. Sem sequer levar em consideração toda a amizade e o amor que sinto por ela nesses dez anos em que nos conhecemos. Como posso ter calma?

— Desculpa, eu não sei o que dizer ou pensar.

— Você sabe o que é amar alguém em silêncio por dez anos? O que é cuidar da pessoa que você ama enquanto ela sofre por outra? Eu dediquei grande parte da minha vida a você, Rebeca, mesmo que você não tenha percebido isso. Não serei hipócrita em dizer que a morte do Lucas não fez surgir uma esperança em mim, mas hoje eu desisto! Porque se minha devoção e minha amizade com você por todos esses anos nada significam, qualquer palavra agora, por mais bela que fosse, não serviria de nada!

— Eu não quero magoar você, Rodrigo!

— Então precisa se esforçar mais, porque não funcionou.

— Eu não desconfio de você, Rodrigo. Mas o Miguel me contou algumas coisas... E você mudou...

— E só porque o seu noivo te contou algumas histórias, você acredita

nelas sem nem me procurar para tirar a limpo?

— Rodrigo, eu...

— Parabéns, Rebeca! Hoje você se superou — Ele fala isso e sai, sem me dar chance de retrucar.

Ótimo! Além de correr o risco de perder o noivo, acabo de perder o melhor amigo também.

Capítulo 25

Promessas e incertezas

Quando Rodrigo sai, tudo que sobra é o silêncio do ambiente e o barulho da minha mente. Levanto e caminho com dificuldade até o sofá. Não há muito o que fazer no momento, então resolvo mandar uma mensagem para Brenda e Luana, para virem me fazer companhia. Mas ambas só podem vir mais tarde. Tudo que tenho a fazer é esperar. Aproveito para ouvir música e pensar um pouco na minha vida. De alguma forma, sinto que essa semana será decisiva.



Algum tempo depois, perto dali:

— Posso entrar? — Bato levemente na porta do quarto do hospital, abrindo um pequeno espaço.

— Claro, Rodrigo! Estava esperando por você! Obrigada por me atender e vir tão rapidamente.

— Não precisa agradecer, Natasha. Sabe que já sou louco pelo meu afilhado e faço qualquer coisa por ele.

— Eu sei, e sou muito grata por isso. E é para falar sobre ele que te chamei aqui.

— O que houve?

— Todos sabemos que minha gravidez é de risco, e esse risco inclui minha morte ou do bebê. Te chamei aqui, pois quero que me prometa uma coisa: se algo acontecer comigo, você nunca vai deixar a desequilibrada da Rebeca chegar perto dessa criança. Esse filho é meu. Meu e do Lucas! E não quero que aquela doida ouse pôr os olhos nele. Você pode prometer isso? Que vai proteger seu afilhado?

— Você acha que a Rebeca faria mal ao seu filho? Ao filho do Lucas?

— Eu não confio na Rebeca. E tenho meus motivos para isso. Já sofri

demaís nessa vida por causa dela, então quero distância. Ela me pareceu interessada demais nessa criança. Por mim, Rebeca seria enviada para outra galáxia, mas infelizmente não posso fazer isso. Então, mantê-la distante é o que dá para fazer.

— Eu não acho que ela seja capaz de fazer algo com essa criança por um motivo simples: ele é filho do Lucas. Nós dois sabemos que o que ela sente por ele está acima da nossa compreensão. Provavelmente, ela vai estender esse sentimento para o seu filho. Mas você é a mãe, então eu prometo. No que depender de mim, Rebeca não chegará perto do meu afilhado.

— Mais uma vez, obrigada, Rodrigo! Eu sabia que poderia contar com você!

— Apesar de tudo, eu jamais abandonaria o filho do Lucas.

— É uma pena que a amizade de vocês tenha ficado abalada e não tenha tido a chance de ser consertada.

— Acho melhor não entrarmos nesse assunto. Você não pode ter emoções fortes, e ainda faltam uns dias para você ter alta. Sabemos que sua situação é complicada. Não vamos arriscar.

— Tudo bem. Mas você sabe que, cedo ou tarde, teremos que conversar sobre isso. Tem muita coisa errada por aqui, Rodrigo, e eu não vou ficar de fora dessa situação.

— Apenas se cuide e melhore, Natasha! Já há vidas bagunçadas demais por aqui.

— Eu baguncei a minha vida quando disse “sim” naquela igreja anos atrás. Eu achei que estava realizando um sonho, mas estava embarcando em um pesadelo.

— Não diga isso, Natasha. Sei que vocês tiveram seus bons momentos. Vocês foram felizes.

— Momentos, claro. Lucas nunca foi inteiro comigo. Alguma coisa mudou nele depois do relacionamento com a Rebeca. Ele ficou mais frio, apesar de sempre me tratar bem. Depois, quando alguma coisa despertou nele o sentimento adormecido, ele mudou. Não só no comportamento, mas tinha algo diferente nele. Nem um filho foi capaz de fazê-lo mudar de ideia. Ele me

deixaria. Por ela. E ela nem poderia dar filhos a ele!

— Se acalme, Natasha!

— Eu estou calma, Rodrigo. Apenas sendo realista. O tipo de amor que esses dois tinham, o que eles viveram, é aquele amor raro, o tipo de amor que marca para a vida inteira. O amor deles sobreviveria a tudo, menos a eles mesmos. Eles tiveram a sorte de encontrar o tipo mais raro de amor, mas não foram espertos o suficiente para vivê-lo. E contra esse tipo de amor, nós dois não temos chance.

— Como assim, nós dois?

— Me poupe! Só um cego não vê que você arrasta uma concessionária inteira por aquela sonsa. Não sei o que vocês enxergam nela, mas desista. Não tem espaço para você.

— Eu sei disso.

— Sabe o que me consola? No fim, o Lucas não ficou comigo, mas também não ficou com ela. Ninguém ganhou.

— Sua frieza me assusta, Natasha.

— O que você esperava de alguém que sempre viveu à margem dos sonhos dos outros? Eu fui a segunda opção, Rodrigo! Isso muda a gente.

— Não vou discutir isso com você. Apenas se cuide, ok? E cuida desse garotão aí!

— Você também, Rodrigo. Não caia na lábia da sonsa. Pense no seu afilhado.

Assim, eu vou embora do hospital depois da visita mais esquisita e intensa da minha vida. Acho que todos nós estamos beirando a insanidade. A morte do Lucas produziu um efeito dominó. Todos estamos derrubando nossas máscaras pouco a pouco. No fim, ninguém conhece ninguém.



No mesmo dia, à noite, na casa da Rebeca

Passei o dia jogada no sofá, pensando na minha vida e em algumas decisões que preciso tomar. Cheguei à conclusão de que é hora de deixar os sentimentos de lado e agir só com a razão. Ouço um barulho na porta. Logo

vejo Brenda e Luana chegando com pizzas e refrigerantes. Eu não sei o que seria de mim sem elas.

— E aí, Beca? Dando uma de saci, gata? — Luana pergunta.

— Ela só queria chamar atenção do noivo perfeito. E conseguiu... Até no colo foi carregada — Brenda completa.

Eu caio na gargalhada com elas. E sei exatamente o que elas estão fazendo. Estão tentando me distrair para que eu não me perca nos meus problemas de novo. A vida pode ter sido muito dura comigo na maioria dos aspectos, mas foi muito generosa quando me deu essas duas como amigas.

Passamos o tempo comendo pizza, bebendo refrigerante, falando bobagens e assistindo filmes besteiro. Por alguns momentos, até sinto que minha vida é normal. Os problemas ficam de lado e eu vivo um momento de tranquilidade, como se tudo fosse estável e perfeito.

Mais um filme acaba e, quando pego o controle para trocar, Luana me impede e diz que precisa me contar algo. Pelo jeito sério com que ela ficou, minha vida normal está prestes a acabar:

— Eu fui à delegacia hoje, Rebeca.

— Você? Delegacia? Por quê?

— O delegado Guerra me chamou.

— E por que ele precisaria te chamar?

— Instauraram um inquérito e uma investigação sobre a morte do Lucas. Ele me chamou para um interrogatório. Pelo que entendi, todas as pessoas do bairro que mantinham alguma ligação com Lucas serão chamadas. Não foi suicídio a causa da morte. Lucas foi assassinado. Como não houve roubo, eles cogitam três possibilidades: vingança, queima de arquivo ou crime passional.

— Eu já sabia que Lucas havia sido assassinado. Há algum tempo. Brenda também já sabe — Luana me encara, boquiaberta.

— Você já sabia e não me falou nada? E você fala isso normalmente?

— Desculpa. Mas são tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo...

— Ok, depois falamos sobre isso. Me deixa continuar. Eu fui lá e fiquei quase uma hora falando sobre o Lucas, sobre a amizade que tinha com ele, tudo que eu sabia sobre ele. Parece que todos são suspeitos no final das

contas. As provas são mínimas. Estou chocada! Como alguém teria coragem de matar o Lucas? E pior: esse alguém é do nosso convívio!

— É, a gente apenas acha que conhece as pessoas — Eu completo o raciocínio dela. Brenda continua calada, apenas observando.

— Tem mais, amiga. Eu ouvi o delegado comentando com outro policial que assim que a Natasha estiver melhor, eles vão chamá-la para depor. E o Rodrigo também. Parece que os dois estão no topo da lista.

— Eu aposto que foi a Natasha. Lucas me deixou uma carta, na qual dizia que iria se separar da Natasha e lutar para ficar comigo. Aliás, ele já havia falado com ela sobre o divórcio. Se isso não for motivo para matar alguém, não sei o que é. Por isso, entreguei a carta para o delegado pessoalmente.

— Uau! Informação demais para uma noite só, amiga... — Luana fala e coloca a mão no coração, se jogando para trás, simulando um desmaio.

— Eu tenho uma pergunta para fazer, Rebeca — Brenda fala.

— Claro, faça.

— Se o Lucas estivesse vivo, qual seria a sua reação depois dessa carta? — Brenda fala e me encara. Luana volta a se sentar, mas dá um grito que chama nossa atenção.

— O que foi, Luana? — Eu pergunto assustada.

— Alguma coisa machucou minha mão... Ah, é o seu celular, Rebeca... Se eu quebrei, a culpa não foi minha.

Pego o telefone e percebo que ele está desligado, então o ligo. Enquanto aguardo o telefone iniciar, eu sinto o olhar das minhas amigas. Não vou conseguir fugir da resposta.

— Eu não sei, tá bom. Eu confesso que não saberia o que fazer. A carta mexeu muito comigo, principalmente depois do beijo e...

— Beijo? Teve beijo? — Luana fica de pé no meio da sala.

— Eu vou contar do começo, mas fiquem quietas e sentem.

Então eu narro tudo resumidamente. Quando estou perto do final, meu telefone apita. Pego e vejo que tenho mensagens perdidas e alguns recados na caixa postal. Peço que as meninas esperem e coloco para ouvir. Uma é do Miguel. A outra, do delegado Guerra. Meu espanto deve ter ficado visível.

Assim que desligo o telefone, ambas me perguntam o que houve.

— Havia uma mensagem do Delegado Guerra no meu telefone. Parece que eles vieram aqui hoje e tentaram falar comigo, mas não conseguiram. Realmente bateram aqui duas vezes, mas eu não quis atender. Enfim... Ele pegou meu número com Miguel, pois precisa que eu vá à delegacia.

— O que será que ele quer contigo? — Luana pergunta.

— Não faço ideia! — Respondo.

— E quando você tem que ir?

— Amanhã. E ele deixou bem claro que deve ser sem falta.

Termino de falar e todas ficamos em silêncio. Só consigo pensar em uma coisa: o que será que me aguarda dessa vez?

Capítulo 26

No caminho da verdade

Acordo cedo, com uma dor insuportável na cabeça. Resultado de uma noite mal dormida, repleta de pesadelos. Sonhei com tanta coisa louca e sem sentido, que nem consigo juntar as peças para saber que sonho tive. Com certa dificuldade, apoio o pé no chão, já que a atividade intensa dos pesadelos da noite me fez mexer bastante com ele. Desconfio até que tenha esbarrado com ele na parede, visto o jeito que dói.

Vou mancando até o banheiro e começo a me arrumar. Depois do banho, eu troco o curativo. Tomo cuidado para fazer o máximo de silêncio possível, pois não quero acordar as meninas. Esse é um problema que preciso resolver sozinha. Por isso, acabo de me arrumar e vou para a porta esperar o táxi, que chega em seguida. Em alguns minutos, estarei na delegacia e vou matar minha curiosidade. Quem sabe eu não receba uma boa notícia e o Guerra queira me contar que foi a Natasha a culpada? Essa possibilidade me faz abrir um sorriso de satisfação. Ver a Barbiscate na cadeia seria ótimo!

A viagem segue tranquila e, em menos de meia-hora, eu chego à Delegacia. Ainda é cedo, passa um pouco das oito da manhã, e tudo parece bem calmo e silencioso para o local. Peço para que a recepcionista (será que é assim que chama? Que ela não me escute) avise ao Delegado Guerra que já cheguei. Ela vai a algum lugar dentro da delegacia e volta logo, dizendo que ele pediu para que eu aguardasse um pouco. Eu dou um sorriso em resposta e permaneço sentada onde estava. Dez minutos depois, o Delegado Guerra aparece e me pede para acompanhá-lo. Caminhamos para sua sala. Ele puxa a cadeira para que eu sente e vai para seu lugar, ficando de frente para mim. Então, ele começa a falar:

— Rebeca, posso chamá-la assim? — Ele fala com um tom sério na voz. Mesmo que não estivéssemos na Delegacia, de longe daria para perceber que ele é policial. Está estampado na cara dele.

— Claro, Delegado. Fique à vontade.

— Obrigado. Acredito que deva estar curiosa para saber o motivo de ter sido convidada a comparecer aqui na Delegacia. E já deve saber que uma de suas amigas esteve aqui para prestar depoimento.

— Respondo sim para ambas as perguntas — Falo com um tom de riso na voz, tentando quebrar o clima do ambiente. Mas o Guerra permanece impassível. Sua expressão não deixa transparecer nenhum tipo de emoção, e é impossível conseguir ler o que passa por ele nesse momento, o que me deixa profundamente irritada e apreensiva. Não gosto de ficar às escuras em uma conversa, mas é assim que me sinto no momento.

— Bem, vamos por partes então. Diante dos laudos referentes à morte do senhor Lucas, foi necessário instaurar uma investigação para que possamos chegar até o assassino, uma vez que a possibilidade de suicídio foi completamente descartada. Dessa forma, estamos interrogando pessoas do convívio do senhor Lucas para que possamos chegar até o meliante. Obviamente, a senhora se enquadra nas pessoas próximas, visto que recebeu uma carta do próprio após a sua morte. Entende o motivo pelo qual te chamei aqui, Rebeca? — Ele pergunta e me olha sem desviar os olhos dos meus. E o olhar frio e interrogativo que ele me dá chega a me arrepiar. Pisco desconcertada, tentando reconectar meus pensamentos antes de começar a falar.

— Entendo. Você quer me fazer algumas perguntas relacionadas ao Lucas, correto?

— Isso mesmo. Entenda, você está aqui quase como uma convidada. Ainda não tenho uma autorização formal para te interrogar. Mas como você demonstrou grande interesse no caso, achei que gostaria de colaborar antes que os interrogatórios chegassem ao final. Você vai responder apenas o que quiser responder. Pode se negar a responder alguma pergunta ou solicitar um advogado. Você também fica aqui o tempo que você quiser, não posso te obrigar a permanecer no recinto. Fui claro?

— Sim, bastante. Ficarei contente em poder contribuir da melhor forma possível. Pode começar as perguntas. No que eu puder ajudar, conte comigo.

— Agradeço a sua colaboração. Vamos começar a trabalhar. Aguarde um momento enquanto ligo o computador para que eu possa registrar o seu

depoimento. Deseja uma água ou um café?

— Uma água, obrigada.

Ele liga para alguém e, instantes depois, há algumas leves batidas à porta. A menina que me atendeu entra com um copo d'água e o deixa em minha frente, retirando-se em seguida. Assim que ela sai, o Guerra começa o interrogatório.

No começo, são perguntas genéricas, como meu nome, idade, endereço, desde quando conhecia o Lucas. Parece até que estou em uma entrevista de emprego. Depois de quase vinte minutos de uma ficha cadastral quase completa, na qual faltou apenas perguntar meu signo e comida favorita, as perguntas relevantes finalmente começam:

— Qual relação você tinha com a vítima?

— Com o Lucas? Nenhuma. Mal nos falávamos. Na realidade, desde o dia do casamento dele, não trocávamos uma palavra. Até esse ano, quando ele me ligou, e depois, quando encontrei com ele por acaso aqui, na primeira vez em que estive no Rio, no começo do ano.

— Então foi o Lucas quem te procurou?

— Sim. Nós não mantínhamos contato, nem possuíamos vínculo algum de amizade.

— E por que ele te ligou?

— Pela conversa que tivemos rapidamente ao telefone, ele queria saber se era verdade que eu estaria de volta ao Rio de Janeiro e quando seria. Também deu a entender que tinha algo mais para falar, mas não poderia ser por telefone, e a esposa dele chegou enquanto ele falava comigo, o que fez com que ele desligasse logo o telefone.

— Você tem algum vínculo ou relação com a senhora Natasha?

Eu não aguento e começo a rir. Deve ser alguma piada. Jura que o Delegado não sabe que tipo de relação eu tenho com a Natasha? Mesmo que não soubesse, será que ele esqueceu a cena bizarra que protagonizamos há pouco tempo aqui mesmo na delegacia dele? Ele interrompe minha crise de risos e, com uma voz muito séria, fala:

— Não entendo o motivo da graça, Rebeca.

Eu bebo um gole d'água para me recompor e então consigo falar:

— Desculpa, Delegado! Mas é que chega a ser engraçado alguém me perguntar se tenho algum tipo de relação com a Natasha. Achei que tinha ficado bem óbvio, depois do vexame aqui, o tipo de vínculo que temos. Todo mundo sabe que ela não me suporta e que a recíproca é verdadeira, em gênero, número, grau e intensidade.

— Interessante... Acredito que a antipatia mútua tenha a ver com a vítima e o passado em comum entre vocês, correto?

— Corretíssimo. Eu sou ex-namorada do Lucas. Natasha é, ou melhor, era a esposa. Isso já seria motivo suficiente para uma antipatia básica, afinal, é normal a atual não ir com a cara da ex. Junta-se a isso o fato de que a Natasha já era apaixonada pelo Lucas desde a época em que namoramos, e ele casou com ela um ano depois de terminar um namoro de quatro anos comigo. Ah, eu fui ao casamento dos dois, e, quando peguei o buquê, eu destruí na frente de todos. Por último, pelo que eu entendi da carta do Lucas, ele iria se divorciar, principalmente por minha causa. Bom, acho que temos alguns bons motivos para não nos suportarmos — Falo tudo rapidamente e quase sem respirar. Ao finalizar, dou um sorriso irônico de canto de boca. Guerra me olha um pouco espantado. É a primeira vez que ele, enfim, esboça algum tipo de reação, destruindo a carranca de policial autoritário e concentrado. Aproveito para ver se consigo prolongar o momento de fraqueza dele — Pela sua cara, Delegado, você está bastante surpreso com o meu resumo. Estou certa?

— Convenhamos que não é uma história muito convencional. Mas vamos prosseguir. Essa antipatia mútua já chegou a atitudes extremas algumas vezes, certo?

— Atitudes extremas tipo a gente sair no tapa como naquele dia aqui na delegacia?

— Exatamente — Ele fala e não consegue segurar o sorriso, ainda que mínimo, que lhe escapa. Ótimo, estou começando a ganhar a conversa.

— Ah, você mesmo presenciou uma delas. A mais recente, para ser exata.

— Então houve mais de uma?

— Sim.

— Quantas?

— Esse ano, duas. E outra, um pouco antes do casamento deles. Foi no ano do casamento, na manhã seguinte ao aniversário do Lucas. Claro que, em todas elas, eu levei a melhor.

— Então houve mais uma agressão esse ano? Esse fato é novo para mim.

— Não sei se o termo correto é agressão, mas tivemos outro desentendimento, sim, e eu dei um tapa bem no meio da cara da Barbie do Paraguai.

— De quem?

— Da Natasha, Delegado, da Natasha.

— Entendi. Como e quando foi isso?

— Bom... No início do ano, eu tive de vir ao Rio por alguns dias, para resolver alguns problemas referentes à documentação da minha casa e adiantar alguns assuntos do meu trabalho. Como nada por aqui fica em segredo, a Natasha soube e foi até a minha casa me dar um aviso. Queria que eu ficasse longe do marido dela. No meio da discussão, ela começou a me irritar. Eu perdi a cabeça e dei um tapa nela. Foi então que ela me contou que estava grávida, e eu a expulsei aos berros da minha casa, mas não toquei em nem mais um fio de cabelo dela. Claro que, antes de ela sair, eu contei que o marido dela tinha me procurado antes mesmo que eu chegasse aqui. Pela cara que ela fez, ela não sabia e não gostou de saber.

— E essa discussão teve alguma testemunha?

— Não, éramos apenas eu e ela na minha casa.

— Certo. Voltando à vítima, vocês tiveram algum outro contato?

— Bom, referente a nos falarmos? Tivemos um único encontro pessoalmente, e aconteceu por puro acaso.

— Poderia me relatar quando e o que aconteceu nesse encontro?

— Claro! Foi no mesmo dia em que Natasha esteve na minha casa. Depois da nossa discussão, eu fiquei muito nervosa e resolvi sair para caminhar. Andei até uma praça que fica perto da minha casa, sentei no meu banco e fiquei ouvindo música. Eu tenho o hábito de fechar os olhos enquanto ouço música. Quando abri, o Lucas estava sentado ao meu lado. De

início, eu quis ir embora e deixá-lo ali, falando sozinho. Já era o suficiente ter encontrado a esposa dele. Mas ele acabou me convencendo a ficar. Não falamos nada demais. Foi meio que uma lavagem de roupas antigas e sujas, mas não discutimos. Alguns minutos depois, o telefone dele tocou. Ele se afastou para atender, e, quando voltou, disse que tinha de ir embora. Trocamos algumas poucas palavras.

— Como ele te convenceu?

— Desculpa, não entendi a pergunta.

— Como Lucas te convenceu a ficar? Você disse que queria ir embora, mas ele conseguiu te convencer. Quero saber como ele fez isso.

Fico gelada com a pergunta. Eu vou ter que contar que Lucas me beijou para um amigo do Miguel. Sei que o interrogatório é confidencial, mas não sei até que ponto vai a amizade dos dois. Respiro fundo e respondo com toda calma que sou capaz de reunir:

— Ele me beijou.

— Então bastou um beijo para que ele te convencesse a ficar?

— É, mais ou menos.

— Defina “mais ou menos”, Rebeca.

— Não sei explicar. Eu apenas fiquei. Também estava absurdamente curiosa para saber o que ele queria falar comigo de tão importante, depois de tantos anos.

— Hum... Entendi. Agora quero te fazer uma pergunta bem pessoal. Tem algum problema?

— Bom, faça a pergunta, e aí eu avalio se há problema ou não.

— Tudo bem. Lembrando que você não é obrigada a responder nada que não queira.

— Certo.

— Você ainda amava o Lucas?

Deixo minha bolsa cair com o susto da pergunta. Como alguém que mal me conhece e nunca me viu com o Lucas pode suspeitar de algo assim? Sempre fiz questão de mascarar o que eu sentia. Apenas os mais próximos sabem. Fico sem saber o que dizer ou fazer, acho que esqueço até como faz para respirar. Então, olho para o chão e vejo que minha bolsa estava aberta e

esparramou tudo que tinha dentro. Rapidamente, me abaixo e começo a pegar minhas coisas, em uma tentativa de me recompor do susto antes de responder. Guerra percebe o estrago e me ajuda. Assim que terminamos de catar tudo, ele diz:

— Você só responde se quiser, Rebeca.

— Tu... Tudo bem — Minha voz fraqueja um pouco, e eu pigarreio para que ela volte ao normal — Eu posso responder sem problema algum. Já não havia mais nada entre eu e Lucas.

— Bem, não foi exatamente o que perguntei, mas ok. Acredito que já deva estar cansada da minha companhia. Vou fazer apenas mais duas perguntas e finalizamos.

— Maravilha!

— Você continua acreditando que Natasha é a culpada?

— Com certeza.

— Certo. Última pergunta: Se Natasha não fosse a culpada e você descobrisse quem foi, mas fosse uma pessoa de quem você gosta bastante, você entregaria ou testemunharia contra essa pessoa?

Eu estava colocando a bolsa no ombro. Paro no meio do caminho. Que raio de pergunta era essa?

— Que tipo de pergunta é essa?

— Apenas uma pergunta hipotética. Responda apenas se achar que deve.

— Eu... Eu acredito que sim. Eu falaria a verdade.

— Ok, Rebeca, muito obrigado pela sua colaboração. Caso seja necessário, eu entro novamente em contato. Pode ser?

— Tudo bem, Delegado. Sem problemas.

Ele me leva até a recepção e se despede. Eu aguardo um táxi. Assim que consigo um, vou direto para casa. São quase dez horas da manhã, então pretendo descansar um pouco.

Algun tempo depois, o táxi chega em casa. Eu estranho o silêncio, já que as duas pessoas mais faladeiras do mundo estão na minha casa. Caminho até o quarto e, assim que abro a porta, vejo Luana sentada na minha cama. Ao olhar para a cama, um pânico me ataca: em cima dela, a minha caixa de

cartas, aberta, com algumas das minhas cartas para fora. Eu nem consigo sair do lugar. Apenas chamo o nome da Luana tão baixo, que nem achei que ela fosse escutar. Mas, assim que termino de falar, ela vira-se para mim. Percebo que chorou, pelo estado do seu rosto:

— Amiga, a gente precisa conversar.

— Cadê a Brenda?

— Foi ao mercado. Mas não é sobre isso que quero conversar, Rebeca. Você sabe exatamente sobre o que eu quero falar. Anda, vem aqui.

— Tudo bem.

Eu caminho com dificuldade até a cama. De repente, não é só o meu pé que dói. Eu vejo tudo escuro e relaxo, deixando a escuridão me tragar, e então não vejo ou sinto mais nada.

Capítulo 27

Enquanto o fim não chega

Apenas ouço vozes, frases desconexas, como se eu estivesse ali e não estivesse ao mesmo tempo. Tento abrir meus olhos, mas eles estão pesados demais. Tudo roda. De repente, sinto alguém me pegar no colo. Braços fortes, um cheiro familiar... Rodrigo? Como ele veio parar aqui? Quando acho que vou conseguir falar, eu apago de novo.



Não sei quanto tempo passou, nem onde estou. Sinto uma leve pontada na nuca. Ao mexer o braço esquerdo, sinto uma queimação. Olho e vejo uma agulha e o tubo acoplado, vejo o soro. Só posso estar no hospital.

Tento me mexer, mas todo meu corpo dói. Com o braço direito, procuro o botão para chamar a enfermeira. Mas antes de achar, a porta abre e uma Luana cansada entra por ela:

— Beca, você acordou?

Tento falar, mas a minha garganta arranha. Com dificuldade, balbucio um fraco “sim”.

— Que bom, eu estava realmente preocupada. Você teve uma estafa mental somada a uma crise de estresse. Está apagada há quase dois dias, com alguns calmantes para que seu cérebro e seu corpo possam descansar.

— Nossa! — Falo pausadamente. Minha garganta ainda arranha um pouco, provavelmente pela falta de água durante esse período.

— Vou avisar ao médico e à enfermeira que você acordou. E avisar à comitiva que está lá fora te esperando. Aliás, Rodrigo e Miguel estão aí fora, Brenda também. E Dona Sônia passou por aqui também.

— Eu estou... no mesmo hospital que... a Natasha? — Pergunto, pois isso justificaria a visita da Dona Sônia.

— Sim, mas não por muito tempo. Ela vai ter alta hoje.

Apenas faço um movimento positivo com a cabeça, então ela sai do quarto. Observo o local e vejo que estou sozinha. O quarto é pequeno, mas

muito bem conservado. Há uma pequena poltrona, cortinas na janela e uma pequena mesa ao lado da minha cama. Tento lembrar de algo que possa ter acontecido até eu chegar aqui, ou ir até minha última memória. Ao forçar um pouco a mente, sinto outra pontada na nuca.

Apesar da dor, forço mais um pouco e lembro-me de ver Luana com minha caixa de cartas na minha cama. Então tudo volta. Sinto que estou em uma crise de pânico. Meu coração acelera, batendo descompassadamente. Minhas mãos começam a suar frio, as pontas dos meus pés também. Minha boca fica ainda mais seca. Minha respiração acelera e fica ofegante, e o aperto no meu peito cresce, junto com a sensação de desespero. Então, quando menos espero, a porta se abre. Entra uma mulher, que acredito ser a enfermeira, seguida de um homem, que deve ser o médico. Minha visão fica meio embaçada, mas vejo que eles percebem que eu não estou bem e correm para me atender, impedindo Luana de entrar.

— Doutor Lucas, ela parece estar no meio de uma crise.

— Pegue a medicação injetável, Vanessa. Ela precisa se acalmar.

Será que estou ouvindo demais ou o nome do médico é Lucas? Muita sacanagem do destino colocar um médico com esse nome no meu caminho. Vejo a enfermeira voltar e aplicar algo no meu soro, enquanto o Doutor Lucas se aproxima e diz:

— Acalme-se, Rebeca. Tudo vai ficar bem.

E assim eu apago.



Algumas horas depois...

Aos poucos, meus sentidos começam a voltar. Pela baixa claridade que entra pela janela, acredito que já seja quase de noite. Meu corpo ainda está um pouco dormente. Minha visão está meio turva. Tento me ajeitar na cama e, ao olhar para o lado, vejo que há alguém sentado na poltrona. Forço a vista para enxergar quem é. Ela levanta, preparando-se para caminhar até minha direção. Pela silhueta, só pode ser uma pessoa.

— Natasha... — Eu pronuncio com dificuldade, quase em um sussurro.

— Oi, querida. Até que enfim você acordou. Estava um saco ter que ficar te esperando.

— O que você faz aqui?

— Eu estava passeando pelo hospital, fazendo a caminhada para não ter problemas de circulação, quando vi seu amigo entrar correndo com você nos braços, seguido daquelas suas amigas sem graça. Achei que tinha acontecido algo realmente grave, mas depois descobri que você teve só mais uma crise histérica. Normal para alguém como você, não sei porque ainda se preocupam — Ela fala, enquanto caminha em minha direção. Ao vê-la de frente, noto o quanto sua barriga já está aparente. Também percebo que ela caminha com cuidado, como se protegesse a barriga. Reúno toda força que ainda tenho e forço meu corpo a começar a responder:

— Sai daqui! — Eu tento gritar, mas minha voz sai até mais baixa que o normal.

— Calma, queridinha! Se você ficar nervosa, vão te botar para dormir de novo. Se bem que gente louca como você deveria ficar assim mesmo, dopada, jogada em uma cama de hospital o tempo todo. Eu só vim te dar um oi e avisar que você não conseguiu. Eu e meu filho estamos bem. Acho que dá para ver pelo tamanho da minha barriga, né? Opa, acho que ele até chutou! Você não imagina a sensação que é... Ah, e nem vai poder sentir um dia, já que não pode engravidar. Que pena, não é? A vida é cruel, mas também é justa. Você, que foi a mais amada, não teve nada do Lucas. Não ficou com nada. Eu sempre fui a segunda opção, mas tenho um filho dele na minha barriga. Irônico, não?

— Você não merece essa criança!

— Mas parece que, mesmo assim, eu saí ganhando. Não é mesmo, Rebeca? — Ela termina de falar e caminha para a saída, sem esperar minha resposta. Ao chegar à porta, ela segura a maçaneta e, antes de abrir, vira-se para mim, me joga um beijo, um sorriso irônico e pisca um olho, saindo em seguida.

— Eu odeio você! — Falo, mas sei que ela não escutou.



Algun tempo depois, e não sei precisar quanto, a enfermeira e o médico voltam ao meu quarto. Resolvo não contar sobre a visita da Natasha, para que não me encham de perguntas desnecessárias. Eles começam com o interrogatório:

— Como você se sente, Rebeca? — O Doutor Lucas pergunta com uma voz tranquila.

— Relativamente bem, apenas meu corpo está dolorido. Minha garganta está arranhando bastante.

— Vanessa, pegue gelo e água para a paciente, por favor — Ele fala e a enfermeira retira-se rapidamente.

— Quanto tempo ainda ficarei aqui, Doutor... Lucas, não é?

— Sim, pode me chamar apenas de Lucas. Vou fazer alguns exames de rotina e conversar um pouco com você. Dependendo desses resultados, você será liberada em 48 horas ou mais. Vai depender de como você estará.

— E o que eu tive realmente?

— Bom, em termos que você entenda, uma crise de estresse somada a uma estafa mental. Pelo que conversei com seus amigos, você passou por algumas situações de muito estresse nos últimos meses. Esse tipo de esgotamento acontece quando nosso corpo e nossa mente chegam ao limite e gritam que precisam de um descanso. Se não atendemos os seus pedidos de boa vontade, eles dão um jeito de nos parar. Assim como fizeram com você.

— Então eu estou ficando doida?

Ele abre um sorriso antes de responder e fala como se explicasse algo para uma criança:

— Isso tem a ver com esgotamento físico e mental, Rebeca. Não com sua saúde mental e equilíbrio emocional. Qualquer pessoa pode ter uma “pane” dessas. Não significa que você perdeu o juízo ou suas faculdades mentais. Porém, eu vou te encaminhar para um psicólogo, apenas para que você aprenda a lidar melhor com suas emoções.

— Já fiz muita terapia e não gosto de psicólogos.

— Entendo, mas é apenas para seu bem. Vamos a algumas perguntas?

E assim ele começa um ciclo de perguntas, interrompido apenas pela chegada da enfermeira. Eu bebo um pouco de água, e depois o médico diz

que chupar gelo vai ajudar com a minha secura na garganta. Cerca de uma hora depois, eles saem, e minha voz já está quase normal, além de meu corpo não estar mais tão dormente.

Assim que eles saem do quarto, ouço leves batidas à porta. Peço que entrem. Miguel aparece no meu campo de visão.

— Rabugenta, você assustou todos! Como está? — Ele senta na cama, ao meu lado.

— Me sinto melhor. Desculpa pelo susto.

— Não precisa se desculpar, apenas fique bem. Fiquei louco de preocupação. Tanta coisa em um dia só... Mas conversaremos depois. Vim te dar um beijo, pois tem mais gente querendo te ver lá fora, e o médico não quer que a gente demore. Fica boa logo, eu sinto sua falta... — Ele deposita um beijo na minha testa, outro nos meus lábios, e sai.

Em seguida, entram Brenda e Luana, e demoram tanto quanto Miguel. Quando Luana sai, espero que Rodrigo seja o próximo, mas me surpreendo ao ver quem entra.

— Dona Sônia?

— Oi, minha querida! Espero que não se incomode com minha visita.

— Claro que não. Fico feliz!

— Vim apenas desejar melhoras e pedir para que você não esqueça nossa conversa, minha querida. Eu desejo de verdade que você seja feliz. Só que isso é uma escolha sua. Você precisa deixar o seu passado passar. Vai viver, minha filha! Viver de verdade. Vou te deixar descansar. Cuide-se!

— Obrigada!

Então ela sai, e parece que as visitas de hoje estão encerradas, pois a próxima pessoa que entra é Vanessa, a enfermeira. Ela me faz algumas perguntas e diz que vai colocar uma medicação para me ajudar a dormir. Ela injeta algo no soro e, antes que eu a veja sair, já apaguei.

O dia seguinte é repleto de exames e conversas com o médico. Por recomendação dele, fui até a psicóloga do hospital, mas batemos apenas um papo genérico. Eu não estava com vontade de muita conversa. Apenas queria sair do hospital. Por isso, fui até ela.

Devido à intensa atividade nesse dia, não tive visitas. O dia passou tão

rápido que, quando menos percebi, era noite. O médico ainda veio me visitar para dizer que amanhã me daria alta. Dormi até mais facilmente e feliz depois da notícia. Já estava ficando louca por conta desse hospital.



Acordei tarde, já quase na hora do almoço. Pouco depois de acordar, Vanessa veio trazer meu almoço e disse que, antes das três, o Doutor Lucas viria me dar alta. Ela ainda conversou um pouco comigo, enquanto eu almoçava. Perguntei sobre seu trabalho no hospital. Ela me disse que era diarista, por isso estava sempre por ali. Na realidade, senti que ela queria apenas verificar se eu comeria tudo. Assim que terminei de comer, ela saiu. Luana entrou:

— Oi, Beca!

— Luana, que bom te ver! Já não aguento mais ficar presa nesse lugar!

— Calma, amiga! Você vai sair daqui algumas horas.

— Eu sei, mas o tempo não passa aqui!

— Rodrigo está aí fora, aproveitando que Miguel foi se trocar para vir te buscar. Impossível ficar perto desses dois, eles se alfinetam o tempo todo. Posso pedir para ele entrar?

— Claro, eu estou bem. Foi ele quem me trouxe, né?

— Sim, amiga. Você desmaiou e não acordava por nada. Fiquei desesperada e liguei para o Rodrigo, que chegou voando na sua casa, te pegou no colo e trouxe. No meio do caminho, Miguel me ligou, pois chegou e encontrou a casa aberta e vazia. Ele veio encontrar com a gente no hospital, Brenda também, e foi uma confusão daquelas. Acho que Cascadura inteira ouviu nossa chegada, mas o que importa é que você está bem. Agora vou chamar o Rodrigo, ele está muito preocupado com você. Sabia que você é uma garota de sorte? Tem duas amigas que te amam muito e dois caras lindos e incríveis que são loucos por você. Miguel perdeu aquela pose toda dele, ficou desesperado. Rodrigo parecia que ia ficar careca de tanto que mexia no cabelo. O jeito que eles falam de você... Toma juízo e vai ser feliz, amiga!

— Eu sei, Luana. Pode acreditar que estou tentando.

Ela sai e Rodrigo entra em seguida. Vejo o quanto está abatido. Abre

um sorriso ao me ver. Ele é um cara muito especial. Desde que o conheci, sempre estive ao meu lado, independentemente da circunstância. Espero que ele encontre alguém que o faça feliz e enxergue o cara maravilhoso que ele é. Ele caminha até a minha cama e sacode meus cabelos, como quando éramos mais novos:

— Ei, garota! Quando vai parar de nos dar sustos, hein?

— É um dom! Obrigada por tudo, Rodrigo. Sei que foi você quem me socorreu e trouxe para cá.

— Não precisa agradecer, Rebeca. Eu sou seu amigo, esqueceu? Eu te prometi isso há anos e prometi para sua avó quando ela estava doente: eu sempre vou cuidar de você. É o meu papel na vida.

— Eu sei, mas fico grata por isso. Você tem sido incrível!

— Então me agradeça ficando boa. Eu vou embora, porque o esquentadinho do seu noivo logo vem te buscar. Mas te visito em casa assim que der.

— Ok, meu amigo super calmo. Agora vem aqui e me dá um abraço.

Ele me abraça forte e se despede. Fico algum tempo sozinha, então o médico chega com minha alta. Mesmo achando desnecessário, saio na cadeira de rodas, empurrada por Miguel, acompanhada de Brenda e Luana. Tenho que voltar ao hospital em quatro dias para retirar os pontos do pé e devo evitar coisas que me estressem.

A volta para casa é tranquila, e os demais dias, também. Sou completamente mimada, e quase não tocam no ocorrido. Miguel conseguiu uns dias de folga e vai ficar até o dia em que tiro os pontos do meu pé. Ele e as meninas me paparicaram bastante, e todos os problemas e aflições parecem ter ficado no hospital. Conversamos apenas sobre assuntos leves. Eu e Miguel nos reaproximamos, e as meninas passavam bastante tempo comigo.

Porém, nem tudo é perfeito. Chegou o dia de tirar os pontos e de Miguel viajar. Ele me levou ao hospital, depois me deixou em casa e teve que ir. Era segunda-feira, última semana das férias de Brenda, e Luana não abria os salões às segundas. Cheguei do hospital e as duas estavam a minha espera, assistindo nossa série favorita, *Supernatural*. Miguel despediu-se da gente e prometeu voltar na próxima semana. Brenda resolveu ir ao mercado comprar

algumas besteiras. Assim que ela saiu, Luana pausou a série e falou a frase que eu temia:

— A gente precisa conversar. Eu adiei em respeito a sua saúde, mas agora é hora, amiga.

Respiro fundo, me preparando para o sermão que virá. Então respondo:

— Tudo bem, o que você quer falar?

— Eu li suas cartas. Não foi de propósito e não foram todas, mas li o suficiente para entender que você não está bem, Rebeca. Você escreve desabafos enormes, há anos, para o Lucas! Eu achei que você tinha melhorado, que isso tudo era por conta da sua volta. Só que você nunca superou, Rebeca! Você mascarou seus sentimentos, sufocou sua dor... Isso que você sente não é amor, amiga. Isso é doença, obsessão. Acho que você deve voltar para a terapia.

— Eu estou cansada disso! De todo mundo achar que sabe o que sinto, ou o que é melhor para mim! Por isso, passei tudo que eu sentia sempre para o papel, pois vocês estão mais preocupados em me julgar do que me entender! Eu sempre perdi tudo na vida. Todas as pessoas que amei e que foram importantes para mim me foram tomadas de forma repentina! Lucas era a única certeza que eu tinha na vida, e ele resolveu ir embora. Eu posso não ter superado, mas eu segui em frente. Não é isso que a gente faz na vida? Sobrevive? Então chega de me dizer o que sentir!

— Eu quero te ajudar! Sou sua amiga e me preocupo com você. Só quero o seu bem.

— E eu estou bem. Eu sei lidar com o que sinto! Sei que minhas atitudes, no início, deixaram todos preocupados. Eu não me reconhecia. Mas depois do casamento do Lucas, você foi testemunha da minha reação. Sim, eu nunca deixei de amar o Lucas, mas eu também não deixei de viver. Esse amor ficou trancado aqui dentro, sepultado pelas mágoas e cicatrizes que ele me causou. Essas cartas são apenas desabafos, uma maneira de manter o equilíbrio.

— Elas fazem parecer que você está sofrendo. E sofrendo sozinha e calada.

— A dor e o sofrimento fazem parte da vida. Ninguém é feliz o tempo

todo. Tudo que temos são momentos tristes ou felizes.

— Eu só acho que...

— Chega, Luana. Eu acho que eu preciso ficar sozinha. Vou avisar a Brenda para ir até sua casa. Por hoje, já tive o suficiente. Por favor, aceite minha decisão.

— Como quiser. Mas eu sempre estarei aqui quando você precisar. Nunca se esqueça disso.

— Eu sei, Luana. Não vou esquecer.

Ela sai em seguida, me deixando sozinha. Posso ter sido dura com ela, mas eu realmente estou de saco cheio de todo mundo achar que sabe o que sinto. Ninguém sabe. Ninguém sofreu o que sofri, nem teve que conviver com o amor e a vingança crescendo dentro de si, amando e odiando o mesmo cara. Meu coração e minha mente foram profundamente arruinados pelo Lucas, mas eu fui forte. Então, é hora de retomar as rédeas da minha vida e seguir em frente. Resolvo tomar uma importante decisão: vou me desfazer de todas aquelas cartas, testemunhas silenciosas dos meus sentimentos confusos.

Vou até o meu quarto, abro o guarda-roupa e procuro pela minha caixa, que não está ali. Reviro todo o móvel, depois o quarto e todo o resto da casa. A caixa e as cartas não estão em lugar nenhum, e eu não consigo desconfiar de quem pegou, já que todos tiveram acesso a minha casa nos últimos dias.

Que inferno! Não era para ninguém ler essas cartas! Só me faltava essas cartas caírem nas mãos do Miguel. Preciso recuperar essas cartas antes que eu arrume mais confusão. Resolvo tomar um banho e, quando estou me arrumando, meu celular toca:

— Miguel?

— Sim, Rebeca. Ainda estou no Rio.

— O que houve?

— O delegado Guerra me ligou. Pediu para que eu viesse até a delegacia, aparentemente tem novidades do caso do Lucas. Ele pediu que eu te levasse também. Estou indo te buscar, já estou no meio do caminho.

— Tudo bem, já estou arrumada. Acabei de tomar banho. Sabe do que se trata?

— Não, mas espero descobrir logo. Até daqui a pouco.

— Até.

Desligo o telefone e arrumo minha bolsa. Termino e vou para sala esperar Miguel. Algum tempo depois, a campainha toca e eu vou atender:

— Rodrigo!

— Oi! Eu precisava te ver, falar com você. Como soube que seu noivo foi embora hoje, resolvi aparecer. Fiz mal?

— Com certeza, fez muito mal — Miguel surge logo atrás dele e fala com uma voz irritada em alto e bom som.

Ótimo! É agora que eu não descubro o que nos espera na Delegacia.

Capítulo 28

O fim é inevitável

Assim que Miguel acaba de falar, Rodrigo vira, encarando-o. O mau humor e a antipatia entre ambos é tão grande, que quase é palpável. Em segundos, eles engatam em uma discussão, repleta de alfinetadas e xingamentos. Quando menos espero, eles estão aos socos, rolando no chão. Tudo acontece tão rápido, que nem da porta eu tinha saído.

Quando vejo o caos em que a situação se tornou, vou até os dois e tento separá-los. Como em toda boa briga em uma rua carioca, em segundos os curiosos já lotam o lugar. Todos apenas observam enquanto tento apartar a briga. Por milagre, Brenda e Luana aparecem e me ajudam a separar os dois.

— Não se meta, Rebeca! Eu tive que aturar esse babaca por dois dias enquanto você estava no hospital! Mas só porque você estava hospitalizada e foi ele quem te socorreu. Agora, ele vir aqui já é demais! — Miguel diz quando eles enfim se separam, e nós três nos colocamos entre eles.

— Chega, Miguel! Pelo amor de Deus, não basta de confusão? Vocês têm que agir como animais quando se encontram? Cadê a racionalidade?

Antes que alguém consiga responder algo, uma sirene invade a rua e um carro da Polícia Militar contorna a esquina. Só me faltava essa... Alguém chamou a Polícia por causa da briga infantil desses dois. O carro chega até o local em que estamos e, diante da confusão dos dois e de algum tempo de conversa, a Polícia resolve levar nós três. Por um lado, é bom, já que teríamos de ir à delegacia. Por outro, é péssimo, por ir sentada entre Rodrigo e Miguel. Brenda e Luana aproveitam o táxi de Miguel e nos acompanham. Acho que nunca houve uma comitiva tão grande para uma delegacia.

Em menos de meia hora, chegamos à delegacia. Guerra já estava a nossa espera. Antes de falar comigo, ele chama Rodrigo e Miguel para resolver a briga dos dois. Eles caminham para dentro da delegacia, em uma sala afastada. Eles ficam por volta de meia hora lá e voltam com cara de poucos amigos. Miguel senta ao meu lado, e Rodrigo vai ficar com as

meninas.

Depois de alguns minutos, Guerra volta e chama por mim e Miguel. Vamos com ele até sua sala. Assim que entramos, ele começa a falar:

— Boa tarde, Rebeca. Com o Miguel, eu já conversei. Está mais calmo?

— Sim, Guerra — Miguel responde.

— Então, vou explicar o motivo pelo qual chamei vocês aqui. Na realidade, vocês me pouparam um trabalho. Eu iria chamar a Luana e o Rodrigo, mas vocês já os trouxeram. Bom, quero falar com vocês a respeito da morte de Lucas. Como sabem, já temos um inquérito e uma investigação em andamento. Alguns detalhes que passaram na primeira perícia foram recuperados e analisados. Então... — Alguém bate à porta, fazendo com que ele interrompa o que ia dizer.

— Pois não? Quem é? — Guerra fala com uma voz séria que chega até a me assustar.

— Desculpa, Delegado. Sei que pediu para não ser interrompido, mas a pessoa pela qual o senhor estava esperando chegou — A moça que fica na recepção fala com um certo receio. Acho que está com medo de que Guerra brigue com ela por sua interrupção.

— Tudo bem, Adriana. Peça que ela me espere na sala de interrogatório. Já vou até lá — Guerra responde em um tom mais amigável, como que para tranquilizar a pobre.

— Obrigada, Delegado. Vou avisar. Com licença — Ela termina de falar e rapidamente retira-se da sala.

— Vocês podem me dar licença por um momento? Prometo ser breve. Estava esperando essa visita desde ontem. É realmente importante.

— Claro, Guerra. Eu e Rebeca ficaremos aqui a sua espera — Miguel fala por nós dois. Assim, Guerra sai da sala, deixando-nos a sós.

— Miguel, o que está acontecendo? — Pergunto, ansiosa, para ele. Meu coração já está disparado, e não quero ter uma outra crise de pânico.

— Não sei, rabugenta. Mas minha experiência e intuição me dizem que algo grande e importante vem por aí. Talvez a prisão do assassino do Lucas.

— Então a Natasha pode ser presa hoje?

- Por que você tem tanta certeza que foi a Natasha?
- A culpa da morte do Lucas é dela. Não tenho dúvidas disso.
- Não sei como você tem tanta certeza...
- Espere e verá, Miguel.

Permanecemos em silêncio. Ele passa um braço sobre meu ombro. Com o outro, segura minha mão, em uma tentativa de me confortar e passar calma. Eu apenas deito minha cabeça em seu ombro, enquanto aguardo a volta do Guerra.



Enquanto isso, na outra sala...

- Você tem certeza disso?
- Sim, Guerra. Sei que foge aos padrões, mas eu prefiro resolver tudo de uma vez. Se você puder fazer isso, do jeito que pedi, eu agradeço.
- Prometo tentar. Esse não é o protocolo, mas, se todos concordarem, podemos fazer desse jeito. Apenas não entendi o motivo de ela estar te acompanhando. Não é arriscado?
- Eu sei que é, mas ela é teimosa. Apenas vou rezar para que tudo termine bem, ou da melhor forma possível.
- Como preferir. Na hora certa, minha assistente, Adriana, vem te chamar. Combinado?
- Claro. E, Guerra... Obrigado!
- Eu só fiz o meu trabalho. Essa é minha obrigação — Termino de falar, peço licença e me retiro. Agora, as coisas vão começar a ficar emocionantes.



- Ele já saiu há muito tempo, Miguel — Me ajeito na cadeira e reclamo.
 - Pare de ser tão reclamona e espere. Você tinha o dia livre hoje mesmo.
- Me preparo para responder, e Guerra entra na sala novamente:

— Desculpem a demora. Bem, vamos ao que interessa. Miguel, tenho uma importante revelação sobre o caso Lucas para fazer. Entretanto, me foi solicitado que fizesse isso diante de determinadas pessoas. Sei que isso foge às regras e protocolos. Porém, se vocês e os demais participantes aceitarem, estou disposto a quebrar as regras e fazer conforme me foi solicitado.

— Nós aceitamos — Eu respondo antes que Miguel fale algo.

— Tudo bem para você, Miguel? Lembre-se que pode haver revelações comprometedoras.

— Tudo bem, Guerra. Não temos o que temer.

— Ótimo! Vou pedir mais algumas cadeiras e chamar Rodrigo e Luana.

Ele pede um momento e fala ao telefone. Algumas cadeiras chegam, e ele pede licença para recebê-las. Em seguida, ele sai, dizendo que vai falar com Rodrigo e Luana. Em questão de minutos, ele está de volta, acompanhado dos dois, que se sentam ao nosso lado.

— Bom, já que estamos todos os interessados aqui e todos concordaram que poderia ser dessa forma, eu...

Então uma pequena confusão começa na porta. Guerra levanta-se para ver o que acontece. Quando ele abre a porta, uma Natasha vermelha e visivelmente descontrolada adentra o local:

— É meu direito estar aqui também — Natasha diz aos berros.

— Não acho que seja recomendável, Natasha. Você acaba de sair do hospital — Guerra argumenta com ela.

— Deixe, Guerra. Não adianta falar com ela. Desculpe pela confusão, mas minha nora é uma pessoa muito teimosa. Desculpe-me por não poder manter o que combinamos. Eu ia ficar esperando, mas foi difícil controlar essa aí — Dona Sônia entra logo atrás de Natasha.

— Bom, diante das circunstâncias, que assim seja. Todos de comum acordo que seja feito desta forma? Que, uma vez aceito que as revelações que tenho a fazer sejam feitas dessa forma, não serão admitidas reclamações posteriores?

— Sim — Respondemos praticamente em coro.

— Ótimo! Estamos aqui hoje porque temos novidades em relação ao caso do assassinato do Senhor Lucas Martins. Chamei todos aqui, pois, de

certa forma, todos vocês têm algum interesse no caso. E, também, todos são suspeitos, visto que todos teriam um motivo para matar Lucas. Ninguém conseguiu apresentar um álibi convincente, ou não quis mostrar.

— Eu não tinha motivo algum para matar o Lucas — Luana reclama.

— Bom, senhorita Luana... Até onde pudemos investigar, a senhora é a melhor amiga da Rebeca, que era altamente afetada pelo Lucas. Uma morte para defender sua amiga e afastar de vez um problema que atrapalhava a vida dela... Crimes assim são mais comuns do que você imagina, minha querida.

— É um absurdo você insinuar que a Luana poderia ter matado o Lucas! Ela é incapaz de algo assim — Rodrigo defende nossa amiga.

— Tem plena certeza disso, senhor Rodrigo? Bom, se o álibi de Luana for comprovado... Sim, Luana, descobrimos que você foi a um encontro às escuras, marcado por um aplicativo chamado “Tinder”, no dia e horário da morte do Lucas — Guerra fala, olhando para Luana — Temos você como suspeito também, senhor Rodrigo.

— Eu? Eu não tinha motivos para querer a morte do Lucas.

— Ah, claro que não, você é um anjinho... — Miguel debocha.

— Peço que mantenha a compostura e contenha-se, Miguel — Guerra o repreende — Ou terei que pedir que se retire. Estamos conversados?

— Certo, Guerra — Miguel responde e remexe-se na cadeira, em um claro sinal de descontentamento e impaciência. Eu continuo quieta, observando tudo. Às vezes, meu olhar encontra o de Dona Sônia, e percebo o quanto ela está triste.

— Continuando... — Guerra fala e direciona-se a Rodrigo — Vejo que suas motivações para a morte de Lucas existem e são bem consistentes. Segundo eu soube, vocês tiveram uma briga grave, dias antes da morte do Lucas. Vocês romperam uma sociedade e, no dia em que as câmeras de segurança, que eram de sua responsabilidade, foram desligadas, ele morreu. Soma-se a isso o fato de você alimentar um amor por sua amiga, Rebeca, por todos esses anos. Crime passional cabe perfeitamente nessa história.

— Mas não fui eu... — Rodrigo esbraveja.

— Bom, para sua sorte, o dono do bar em que você virou a noite bebendo e reclamando do seu azar no amor, confirmou onde você esteve,

mesmo você negando-se a fazê-lo. Parece que disso não podemos acusá-lo.

— Eu disse que não tinha nada com isso — Rodrigo fala e faz menção de levantar-se, mas Guerra pede para que ele espere.

— Continuando, temos Miguel, Natasha e Rebeca como suspeitos. Afinal, de todos, vocês possuíam os motivos mais concretos para querer Lucas morto.

— Eu jamais faria mal ao meu marido! — Natasha levanta e fala, batendo na mesa.

— Motivos não lhe faltariam, senhora Natasha. Seu marido deu entrada em um pedido de divórcio, não é mesmo? Mesmo sabendo que a senhora estava grávida. E não é verdade que você e Rebeca têm um problema há anos, problema esse que tinha respeito diretamente ao Lucas? E que, se Lucas pediu o divórcio para você, foi porque pretendia voltar para a Rebeca?

— Isso não prova nada! É um absurdo toda essa situação!

— Calma, senhora Natasha! Estou apenas expondo os fatos. Mas também descobrimos que a senhora foi visitar uma cartomante em um lado mais afastado do bairro, e ficou algum tempo lá. Não foi fácil, mas descobrimos seu paradeiro.

— É apenas uma velha amiga de infância... — Natasha retruca, envergonhada.

— Bem, seus hábitos e crenças espirituais não vem ao caso nesse momento. O fato é que achamos um pedaço de um tecido, fiapos, na realidade, entre as unhas do Lucas. Provavelmente, ele tocou no assassino sem que o mesmo percebesse. A prova já foi encaminhada para DNA, e o resultado sai em breve. Entretanto, um fato no decorrer dessa semana fez toda diferença. Um fato nos apresentou a verdade de maneira incontestável.

— Posso, Guerra? — Dona Sônia pergunta, e todos se surpreendem.

— Como quiser.

Então, ela levanta-se e fica em nossa frente. Pega um papel sobre a mesa do Delegado, que está dentro de um plástico, como que para proteger. Ela olha para cada um de nós, e então começa a ler:

“Eu queria que você soubesse que as coisas estão diferentes agora.

Algumas são mais simples, outras, extremamente complicadas. Ainda assim, uma coisa manteve-se a mesma, apesar do tempo, da distância e de todas as dores e mágoas.

Talvez seja essa coisa que me deixou mais louca e confusa do que sempre fui. Eu achava que essa coisa resistiria a tudo, mas eu estava errada. Existe uma coisa que podia destruí-la: você.

Você mudou...

Isso não seria problema, afinal, eu também mudei. É a vida, não é? Mas sua mudança te fez capaz de uma coisa que eu nunca achei que você poderia fazer, ou que eu nunca quis enxergar que você fizesse. Eu queria guardar você da melhor forma possível, como a pessoa boa e de coração sincero. Mas não deu... Agora, eu descobri que você é capaz de mentir. E descobrir isso fez mais do que quebrar, de novo, meu coração. Quebrou tudo o que eu sentia por você. E isso não tem conserto.

A mentira mata aos poucos. Como se, ao ser dita, ela lhe injetasse veneno, e ele corresse lentamente por suas veias, queimando e destruindo verdades por onde passa.

Eu não consigo mais saber o que é verdade ou mentira, se isso é real ou só uma brincadeira. E tais questionamentos me fazem ir além: até onde o passado foi real?

As provas, os detalhes, as circunstâncias... Sempre contra nós, agora contra você. Na realidade, tudo estava bem ali. Eu fingi não ver. Talvez eu tenha inventado uma personalidade sua, e me agarrei tanto a essa projeção que ignorei a realidade.

Mas as coisas mudaram. Há mais o que fazer e não restou nada para consertar. Eu saberia lidar com um coração quebrado. Seria até fácil, pois já o reconstruí tantas vezes, que já é automático. Porém, eu não saberia lidar com um sentimento quebrado. Ele não me incendeia mais, não me move. É como estar no meio do caminho e não saber para onde ir...

Eu costumava pensar que isso duraria para sempre, mas isso era antes de estar novamente com você. Talvez isso seja o justo, não? Você começou tudo isso. Você termina.

Foi simples. Era para ser apenas uma conversa, mas as coisas saíram

do controle. A arma estava ali, e eu só precisava te libertar e me libertar. Eu fiz o que precisava. Por nós dois. Um tiro, e eu te libertei dessa vida e me libertei.

Eu te amo, Lucas! Sempre amei. Mas amor não é tudo. Eu precisava fazer isso. Espero que um dia me entenda, possa me perdoar e possamos nos reencontrar.

Rebeca. Rio de Janeiro, 10 de junho de 2015”.

Quando ela termina de falar, seus olhos estão marejados. Todos me olham, atônitos e perplexos. Dona Sônia vira para mim e me pergunta:

— Foi mesmo você, Rebeca?

O silêncio reina no ambiente. Eu me levanto e falo:

— Sim. Não há como lhe pedir desculpas pelo que fiz, mas fui eu. Eu iria até o fim pelo meu amor, independentemente das consequências.

— Como você pôde fazer isso comigo? Com a gente, Rebeca? — Miguel segura minha mão e me pergunta, quase chorando.

Luana está em prantos. Rodrigo olha para o nada, como se não estivesse ali. Natasha levanta e caminha até mim. Ao chegar perto, me dá um tapa na cara. Dona Sônia a segura, mas ela começa a gritar:

— Como você pôde fazer isso? Você o amava! Ele te amava! E você o mata? Sua louca!

Dona Sônia a retira da sala. Antes de sair, me lança um olhar que me quebra por dentro. Todos ainda esperam que eu diga algo, mas eu permaneço impassível diante da plateia, que me julga em silêncio.

Eu observo como se não estivesse aqui, como se estivesse assistindo a tudo de longe. Meu olhar encontra o de Miguel, triste e arrasado. Ele segura mais forte minha mão e diz:

— Eu vou ser o seu advogado. Eu vou te tirar daqui, Rebeca. Eu vou cuidar de você.

— Miguel, me desculpa, eu não queria magoar você — Enfim falo algo.

— Então por que você fez isso? — Ele me pergunta, e eu vejo uma

lágrima cair dos seus olhos.

— Foi por vingança, não é, Rebeca? — Rodrigo fala sem me encarar.

— Também — Eu respondo.

— Por que, Rebeca? Eu sempre achei que você alimentava um amor por esse cara... — Miguel fala em uma voz carregada de tristeza.

— Não adiantaria tentar explicar, vocês jamais entenderiam. Nem toda vingança é feita pelo ódio. Algumas são feitas em nome do amor.

Capítulo 29

Depois do fim, o julgamento

Rebeca

Bom, não sei dizer ao certo há quanto tempo estou aqui, presa, aguardando julgamento. Isso não me importa muito também. As pessoas me julgam e me apontam como se eu fosse uma louca ou uma assassina. Na visão deles, talvez eu seja. Mas eu sei que o que fiz foi por amor.

Eu libertei o Lucas. Dei a ele uma nova chance. Indiretamente, me libertei também. Ficaria mais perfeito se eu tivesse conseguido comprovar a culpa da Natasha. Afinal, se eu cheguei a uma atitude tão extrema, a culpa é dela. Se ela não tivesse entrado no nosso caminho, nada disso teria acontecido. Infelizmente, querer não é poder.

Sei que meu julgamento será daqui a uns dias. Miguel me disse. Ele fez questão de ser meu advogado e, desde então, tenho passado por várias consultas com psicólogos e psiquiatras. Eu não presto mais atenção em quase nada. Sinceramente, nada detém minha atenção. Quando posso, escrevo cartas para o Lucas, pois sei que, em breve, vamos nos encontrar.



Rodrigo, Luana e Brenda aparecem nos dias de visita. Na maior parte do tempo, é legal quando eles aparecem. Só fica chato quando eles ficam perguntando se estou bem o tempo todo. É difícil para as pessoas entender que eu não estou sofrendo? Que eu sei o que fiz, mas não me arrependo, pois fiz em nome do amor?

Aqui os dias são calmos e iguais, então é difícil mensurar o tempo. Ontem, Miguel apareceu e me disse que depois de amanhã é o meu julgamento. Não gosto de ver o quanto ele está triste. Queria poder fazer algo

por ele, mas sei que não há volta. Meu destino era passar pela vida de Miguel, e não ficar. Eu estou ligada ao Lucas para sempre, por algo mais forte do que podemos controlar. Resolvo escrever uma carta para Miguel. Acho que nunca fiz isso. Vou entregar depois do julgamento.



Miguel

Minha vida virou do avesso nos últimos dias. Nunca, nem em meus piores pesadelos, eu poderia desconfiar que Rebeca fosse a culpada pela morte do Lucas. Eu sabia que ainda havia algum sentimento ali, mas nunca iria imaginar que isso beirasse a insanidade.

Agora, eu tenho lutado para salvar a mulher que amo da cadeia. O *habeas corpus* dela foi rejeitado. Mas não fez diferença alguma para ela, pois ela parece querer ficar presa. Vive dizendo que encontrou sua paz e que está apenas esperando o dia do reencontro.

Tenho ido atrás de psicólogos e psiquiatras. Minha defesa vai basear-se nos problemas psicológicos e mentais da Rebeca. Consegui laudos completos de especialistas de renome. Sei que a condenação é inevitável, mas vou fazer com que ela vá para uma Clínica Psiquiátrica. Não posso abandonar a Rebeca. Acima e apesar de tudo que ela fez, eu a amo. Talvez, com o tratamento certo, ela possa estar curada daqui a um tempo. E talvez possamos encontrar o nosso final feliz.

Hoje é o dia do julgamento dela. Estou ansioso como nunca estive. E destruído também. O amor é a força mais poderosa e mais destruidora que existe. Estamos todos pagando por amar demais. Nunca pensei que pudesse ser atingido de tal forma. Mas a verdade é que destruído é pouco para o que sinto.

É a mulher que amo sentada no banco dos réus, assassina confessa do ex-namorado, afirmando que matou por amor. Minha vida virou uma novela e esqueceram de me avisar.

Retiro forças não sei de onde e vou ao Fórum. Tenho a audiência mais importante da minha vida hoje. Erros não serão admitidos. É a vida da

Rebeca em jogo. Assim que chego, avisto Brenda e Luana, bem como o Rodrigo. Me sinto até um pouco idiota por ter implicado tanto com ele, pois ele nunca foi uma ameaça de verdade. Natasha não poderá testemunhar. Alguns dias depois da prisão de Rebeca, ela entrou em trabalho de parto prematuro, teve complicações e ficou internada, em uma luta pela sua vida. Assim que recebeu alta, foi diagnosticada com psicose pós-parto e está em tratamento. O bebê sai em alguns dias e ficará com a mãe do Lucas.

Antes do julgamento começar, vou conversar com Rebeca. Meu coração ainda dispara sempre que fico perto dela. Acho que sempre que ela sorri, eu me apaixono um pouco mais. Por todos os dias, vou me culpar por não ter sido capaz de perceber o tormento que ela trazia consigo. Neste momento, ela parece tão serena, que nem parece que vai ser julgada.

— Ei, rabugenta!

— Oi, Miguel! Hoje é o grande dia, não é?

— Sim, Rebeca. Está pronta?

— Sempre. Você estará comigo o tempo todo?

— Com você e por você. Sempre.

Ela apenas sorri e me abraça. E como eu queria que esse momento durasse e fosse o suficiente. Mas somos interrompidos com o aviso de que o julgamento começa em dois minutos. Nos separamos e tomamos nossos lugares. Agora é tudo ou nada.



O julgamento transcorre sem grandes surpresas ou problemas. A carta de Rebeca já seria o suficiente para provar sua culpa. Mas também foram encontrados alguns fios vermelhos nas unhas de Lucas, com DNA de Rebeca. Provavelmente, são vestígios do vestido que ela utilizava no dia.

A acusação tem sido implacável para tentar derrubar meus argumentos referentes ao estado psicológico da Rebeca, mas eu consegui colocá-los de maneira sólida. As testemunhas fizeram um bom trabalho. Tenho quase certeza de que, mesmo saindo com a condenação da Rebeca, vou conseguir que ela seja internada e não tenha que cumprir pena no presídio.

É hora da última testemunha: Rebeca. A acusação segue com seu

interrogatório, com perguntas banais e dentro do esperado. Até que o advogado de acusação faz uma pergunta:

— Você amava o Lucas, Rebeca?

Eu protesto, mas minha solicitação é negada. Rebeca me olha, sorrindo, como se já esperasse por aquela pergunta.

— Sim, eu amo o Lucas desde os meus dezessete anos.

— Então por que você o matou?

Mais uma vez, eu tento argumentar. Mas Rebeca me faz um gesto, como se dissesse para que eu me acalmasse, e então começa a falar:

— Lucas não estava feliz, qualquer pessoa poderia ver isso. Mas ele não tinha como resolver isso. Havia um filho, Natasha e eu. Não havia uma maneira de resolver isso sem machucar muita gente. Além disso, não havia nenhuma garantia de que, qualquer que fosse a decisão dele, ele seria feliz. Era quase impossível escolher, então eu o libertei. Quando você ama muito uma pessoa, você é capaz de qualquer coisa por ela, mesmo que para a maioria pareça um crime ou loucura. Eu permiti ao Lucas que ele descansasse. Eu o amava o suficiente para entender que ele precisava ir para ser feliz. Claro que depois foi mais difícil de lidar com minha saudade do que eu esperava, mas eu sei que fiz o melhor para ele.

Quando ela termina de falar, todos a observam com espanto. A naturalidade com que ela fala sobre o assunto é impressionante. Como se tudo realmente fizesse sentido. O advogado de acusação prossegue:

— Pode nos contar o que aconteceu no dia da morte do senhor Lucas?

— Eu tinha bebido um pouco e tomado alguns dos meus calmantes. Já tinha desistido de ir ver o Lucas, mas algo falou mais forte dentro de mim. Eu me troquei e fui. Ele estava no escritório, limpando. Estava tudo meio bagunçado. Vi uma caixa sobre a sua mesa, com recordações nossas. Estávamos conversando normalmente sobre coisas não tão importantes. Então eu perguntei se ele ainda me amava. Ele olhou nos meus olhos, sorriu e disse que sim, que nunca havia deixado de me amar, mas que as coisas não eram fáceis. Nesse momento, o telefone dele tocou. Era a Natasha, a esposa. Eu pedi para ele não atender. Disse que, se ele realmente me amava, ele não atenderia. Mas ele disse que precisava atender. Ele se afastou e me deixou de

novo, por culpa dela. Nesse momento, vi a arma do pai dele em cima da mesa, com o pano em cima. Peguei com o pano mesmo e esperei que ele voltasse. Eu perguntei se era desse jeito que ele me amava. Ele sentou-se na cadeira e disse que me explicaria tudo, mas eu já estava cansada. Para mim, ele estava mentindo. Me aproximei devagar e coloquei o revólver na cabeça dele. Ele disse que eu seria incapaz de machucá-lo, mas eu disse que iria fazer um favor para ele. Puxei o gatilho, me limpei no banheiro dele, joguei os papéis no vaso e dei descarga. Depois, fui para casa e dormi. Só atirei no Lucas porque mais uma vez a Natasha se meteu entre nós. Ela é a maior culpada de tudo.

— Sem mais perguntas, Meritíssimo — O advogado de acusação encerra.

Eu não tenho forças para interrogar a Rebeca, então o juiz recolhe-se para definir a sentença.



Rebeca parece alheia a tudo que acontece. Ela não está nervosa, parece realmente em paz. Eu estou fervilhando por dentro com a possibilidade de algo sair errado e ela ter que ir para um presídio comum por quase 20 anos. O juiz volta e profere a sentença: 15 anos de reclusão em regime fechado, internada em uma Clínica Psiquiátrica. Rebeca foi considerada incapaz mentalmente de distinguir o certo do errado em relação aos seus atos, mas ainda é considerada perigosa. Dos males, o menor.

Vou até ela para me despedir. Ela me abraça e sorri, depositando um papel em minhas mãos. Seus olhos me dizem adeus, em um olhar que ela também lança ao passar por seus amigos. Um pouco antes de sair, Dona Sônia vai até ela. Rapidamente, tento chegar até as duas, com medo do que possa vir a acontecer. Vejo Rebeca tentando convencer o Policial a deixar que ela fale com Dona Sônia. Quando ele permite, elas apenas abraçam-se. Vejo quando Dona Sônia sussurra para Rebeca: “Apesar de tudo, eu perdoo você”.

O policial a leva, e eu só quero sair dali. Pouco me importam os jornalistas ou as pessoas com as quais tenho de falar. Dirijo até a casa de

Rebeca aqui no Rio, onde tenho ficado durante esse período. É uma maneira de ficar perto dela. Então eu mexo em meu bolso e acho o papel que ela me deu. Desdobro e percebo que é uma carta para mim:

“Miguel,

Sei que pedir perdão não é o suficiente, mas não posso iniciar esta carta de outra maneira. Me perdoa por não ser o que você precisava, por não te amar como você merecia e por te trazer para a confusão da minha vida.

Eu nunca quis magoar você. Acredite nisso. Você é um cara incrível e merece toda felicidade do mundo. Para ser feliz, você precisa afastar-se de mim. Já decidi isso. Não tem volta. Depois do julgamento, um defensor público vai assumir meu caso. Minha casa vai ser posta à venda e minhas coisas serão doadas. Para onde vou, não precisarei de nada disso.

Você precisa voltar a viver. Precisa se apaixonar, curtir a vida. Sou eu quem está presa, não você. Não temos mais nenhum compromisso. Não quero que você me espere. Mas, se me permite te pedir algo, peço que não feche seu coração para o amor. Esteja pronto para a vida e para amar. Ainda há de aparecer aquela mulher que vai te merecer e preencher sua vida com cor e alegria.

Você vai ser muito feliz, Miguel. Precisa me deixar. Não quero que me esqueça, mas que me deixe em suas lembranças como a memória de um amor de verão, que ficou um tempo, te aqueceu e teve de ir, pois as estações mudam.

Que a Primavera floresça em breve na sua vida. Não tente vir me visitar. Viva, Miguel, para que, quando sua hora chegar, você possa aceitar e apenas dizer: eu vivi.

*Se cuida daí, que eu me cuido daqui.
Com amor, Rabugenta!”*

Epílogo

Um ano depois...

Parece que já passaram dez anos. Mas, na realidade, foi apenas um. Um ano que mudou por completo nossas vidas.

Hoje foi mais um dia de visitas. Rebeca só aceita as minhas visitas desde que foi para a Clínica. Miguel tentou infinitas vezes, mas ela pediu ao atual advogado que proibisse. As amigas, ela atendeu apenas no primeiro mês. Depois pediu que não fossem mais. As minhas visitas, ela nunca negou. Disse que eu era um ponto de ligação entre ela e Lucas, e que Lucas ficava feliz por mantermos nossa amizade.

Ela parecia normal, ou tão normal quanto tem estado desde que foi presa. Ela parece viver em outro mundo, só dela. Mais uma vez, ela me entregou uma carta, e eu resolvi caminhar um pouco depois de voltar da Clínica. Acabei na praça à qual Rebeca sempre gostava de vir.

Estou sentado no banco da praça que Rebeca sempre chamou de seu. Em minhas mãos, mais uma de suas cartas. Mas essa tem no envelope o título de “a última carta”. Sei que eu não deveria ler as cartas que ela me entrega, pois são todas para Lucas, mas é mais forte do que eu. É o único jeito de saber o que ela pensa, pois ela não se abre mais com ninguém.

Desde que foi condenada pela morte do Lucas, ela parece ter entrado em um mundo à parte. Miguel foi seu advogado de defesa, e devo confessar que ele foi brilhante. Mas qualquer um que assistiu o julgamento percebeu que ele não era mais o mesmo. A cada vez que ele olhava para Rebeca no banco dos réus, seu semblante decaía. Miguel estava destruído, mas conseguiu que ela fosse condenada a ir para uma Clínica, e conseguiu uma das melhores. O julgamento foi triste e pesado. Dona Sônia acompanhou tudo, e eu achei simplesmente incrível da parte dela abraçar Rebeca no final do julgamento e dizer que a perdoava. Não sei se eu teria tanto sangue frio.

Hoje, me pergunto como nunca percebemos a gravidade da situação da Rebeca, pois os sinais estavam muito claros. Entre os problemas

diagnosticados, foi mencionado o amor patológico, uma doença caracterizada por um amor obsessivo, quando a pessoa perde a noção de certo ou errado em nome do amor.

Isso explica como Rebeca pôde relatar a morte do Lucas de modo tão natural. Ela contou como se estivesse conversando sobre o tempo. Afirmou que não premeditou. Eles estavam conversando. O telefone tocou e era Natasha, o que a tirou do sério. Ela viu a arma e uma oportunidade de livrar Lucas do sofrimento que era sua vida. E de libertar a si mesma da opressão que esse amor mal resolvido causava. Um tiro, e todos os problemas estavam solucionados. O problema foi lidar com o que veio depois.

Para Rebeca, Natasha era a culpada de tudo. Foi por culpa dela que as coisas chegaram a esse extremo. E se ela não tivesse ligado naquele momento, talvez as coisas fossem diferentes. No final do julgamento, a sentença foi até favorável. Miguel foi brilhante, e Rebeca teve um bom resultado, apesar de tudo.

No final, Rebeca foi condenada, mas todos fomos sentenciados de alguma forma. Nossas vidas convergiam em um ponto: o amor pela Rebeca, seja como noivo, amigo ou amiga. Todos ficamos abalados com essa tragédia. Aprendemos uma lição, mesmo que da pior forma possível.

Respiro fundo e olho para a carta em minhas mãos. Tomo coragem e abro. Mas nada poderia ter me preparado para o que eu leria:

“Rodrigo,

Sei que você vai abrir a carta esperando encontrar um texto para o Lucas (sim, eu sei que você lê as cartas, e não ligo para isso). Mas hoje eu escrevo para você, o melhor amigo que alguém poderia ter, o cara mais legal que eu já conheci.

Você é incrível! Nunca deixe que te façam esquecer isso. Sua beleza está além da sua aparência. Vem do seu interior, do seu coração bondoso e seu caráter admirável. Você é um anjo na minha vida, e eu nunca serei capaz de agradecer por tudo que você fez e faz por mim.

Eu sei que foi você quem entregou a carta para o Delegado. Não pense

que eu sinto raiva. Pelo contrário, eu agradeço a você, pois me deu a chance de me libertar da culpa e remorso que eu carregava. Era o pequeno ajuste que faltava para a minha vida funcionar, e ninguém melhor do que você para ajustar.

Não se culpe, não guarde mágoas e não tenha medo. Sei que você acredita que me ama e que me amou durante todos esses anos. De certa forma, você me amou, mas talvez não da maneira que você acha. Eu não sou o tipo certo para você. Minha vida e meu destino sempre estiveram interligados ao Lucas, e não há nada que possa apagar isso.

Então, é hora de você se libertar. Chega de ficar preso a mim, àquela velha promessa de cuidar de mim! Eu encontrei o meu caminho. Sei que você vai encontrar o seu. Não se preocupe com o rumo que a vida possa tomar daqui para frente. Às vezes, tudo fica muito escuro antes do amanhecer. A dor pode trazer a cura também.

Não desista dos seus sonhos, nem da sua felicidade. Permita-se! Você só vai saber se pode dar certo, se arriscar. Eu não sou sua história. Apenas um trecho dela, uma parte para você lembrar.

Sei que você não vai me entender e talvez nunca me perdoe pelo que fiz, mas eu queria apenas que soubesse que eu não me arrependo. Eu dei o que o Lucas precisava. Em nome do amor, tudo é permitido.

Eu desejo que você encontre um amor que te mova, te encante e te faça melhor do que pode ser. Um amor que te faça bem e te traga felicidade. Não aceite menos do que isso. Não se deve viver uma meia-vida, assim como não devemos aceitar um meio-amor. Viver não é sobreviver. Não é só respirar. É sentir, arriscar e sonhar.

Sei que muitas pessoas me julgam como louca, mas como pedir que entendam o que não sei explicar? Meu amor está acima das coisas desse mundo. Não é sempre que acontece, e eu agradeço muito que tenha acontecido comigo. Por mais errado que possa parecer, foi o mais certo que poderia ser para mim.

Sei que minha história não inspira ninguém, mas ela é verdadeira. Nem todo amor é um conto de fadas que termina com um “felizes para sempre”. Alguns finais felizes são mais tortos que os outros. Da minha maneira, eu

encontrei o meu final feliz.

Estou escrevendo também para te dizer adeus. É chegada a hora das nossas vidas seguirem um novo rumo. Nesse novo momento, precisamos nos separar. Me desculpe por fazer isso por carta, mas não sei se seria capaz de dizer adeus olhando em seus olhos. Você é uma das melhores partes da minha vida, e eu vou te levar para sempre.

Você sempre foi o irmão que nunca tive. Nossos laços estão acima dos consanguíneos. Quero pedir que se cuide, não perca o contato com as meninas e siga em frente, sem tentar me colocar de volta na sua vida. Não há mais espaço para mim nela.

Estou indo para o meu final feliz. É chegada a hora de reencontrar o real sentido da minha vida, esse amor que me moveu por todos esses anos. Não espero que entenda, mas não julgue. Eu e Lucas sempre estaremos juntos e torcendo por você. Estaremos bem. Ao contrário do que dizem, meu amor não é loucura, apenas parece para vocês.

Esse é o meu “felizes para sempre”. Finalmente, uma história sem interrupções. Tudo que foi vivido me preparou para esse momento. Estou em paz e pronta para encontrar com o grande amor da minha vida. Uma vida é muito pouco para viver tudo o que sentíamos.

Espero que você seja tão feliz quanto eu me sinto agora. Estou tão perto de alcançar a felicidade plena. Quando souber que esse momento chegou, não me recrimine. Apenas tenha em mente que nem todo amor é o que parece... O errado para você, pode ser o certo para mim.

Fique em paz, viva e seja feliz!

Com carinho,

Rebeca”.

Agradecimentos

Impossível descrever em palavras a sensação de finalizar mais um trabalho, principalmente, um trabalho tão intenso quanto “O lado avesso do amor”.

Esse livro foi um desafio. Em todos os sentidos. Exigiu de mim como pessoa, como escritora, e me fez melhorar em diversos aspectos. Desde que comecei a pesquisa sobre amor obsessivo e amor patológico, eu soube que tinha um trabalho árduo nas mãos, mas que, se bem feito, poderia soar como alerta. Tudo em excesso faz mal, inclusive o amor. Pena que, às vezes, não enxergamos isso.

Quero agradecer aos meus leitores, que acompanharam, sofreram, me apoiaram, reclamaram e incentivaram o livro. Cada voto, comentário, cada vez que um de vocês me chamava para falar algo, era o combustível para continuar.

Em vários momentos, desistir foi uma opção, mas foram vocês que me fizeram seguir em frente. Sem vocês, eu não teria chegado até aqui. Minha eterna gratidão e carinho a todos vocês que tornam um pouco mais fáceis meus dias e esse caminho tão árduo.

Não vou me arriscar a citar nomes, pois são muitos e eu acabaria por esquecer alguém, mas vou citar alguns que não poderiam faltar.

Bruno, meu marido, principal apoiador. Sem você, nada disso seria possível.

Minhas Sorvetinhas, que foram tudo que eu precisava, em todos os momentos dessa história. Laís, Mariana Joanini, Mariana Cordeiro, Larissa Irineu, Ana Camilo e Deise: vocês são as melhores!

Meus grupos e blogs parceiros: muito obrigada por tudo!

Duas pessoas ajudaram a pesquisar e melhorar a história: minha querida leitora e amiga, Jéssica Campos, que dedicou horas a me explicar sobre os distúrbios psicológicos que eu queria abordar; e o Thiago Itaboraí, que sempre esteve disposto a sanar todas as minhas dúvidas criminais: sem vocês, esse trabalho seria muito mais difícil.

Minha família, que acredita em mim, de todas as formas possíveis.

A cada um que já leu ou vai ler ou reler essa história: vocês são mais que leitores, são realizadores de sonhos!

À Priscila Tigre, que me deu a honra de resenhar e prefaciар a minha história, perdoa pelas lágrimas que te fiz derramar e obrigada por ser minha amiga nessa jornada.

E, por último, Àquele que é o mais importante de todos: Deus, obrigada por me conduzir até aqui. Sou grata por tudo.

Não existem erros nos planos de Deus, e eu entrego, aceito, confio e agradeço por cada plano dEle na minha vida.

Aponta pra fé e rema.

Gratidão!

Dresa Guerra